



PROFLETRAS

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO-CCAE
CAMPUS IV-MAMANGUAPE
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS**

MARIA IRANEIDE DOS SANTOS MARTINHO

**VIVENCIANDO O GÊNERO CRÔNICA:
A LEITURA DO TEXTO LITERÁRIO POR MEIO DE TEMAS
CARACTERIZADORES**

MAMANGUAPE - PB

2019

MARIA IRANEIDE DOS SANTOS MARTINHO

**VIVENCIANDO O GÊNERO CRÔNICA: A LEITURA DO TEXTO LITERÁRIO POR
MEIO DE TEMAS CARACTERIZADORES**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras-PROFLETRAS- da Universidade Federal da Paraíba-UEPB, como requisito para obtenção do título de mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Moama Lorena de Lacerda Marques

MAMANGUAPE - PB

2019

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

M385v Martinho, Maria Iraneide Dos Santos.

Vivenciando o gênero crônica: a leitura do texto literário por meio de temas caracterizadores / Maria Iraneide Dos Santos Martinho. - Mamanguape- PB, 2019. 156 f. : il.

Orientação: Moama Lorena de Lacerda Marques.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCAÉ.

1. Educação Básica. Letramento Literário. Crônica. I. Marques, Moama Lorena de Lacerda. II. Título.

UFPB/BC

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO-CCAE
CAMPUS IV-MAMANGUAPE
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

Aprovada em 29 de março de 2019

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Moama Lorena de Lacerda Marques

Orientadora: (Universidade Federal da Paraíba - UFPB)



Prof.^a Dr.^a Fabiana Ferreira da Costa

Examinadora: (Universidade Federal da Paraíba - UFPB)



Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues

Examinador: (Universidade Federal da Paraíba - UFPB)

DEDICATÓRIA

A **Iraci Paulino**, mãe e companheira que sempre me apoiou e que sempre me deu forças.

A **Gisélio Martinho**, pelo companheirismo e apoio incondicional que me dá.

A minha filha, **Ana Beatriz**, motivação da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Acima de tudo, agradeço a **Deus**, por me conceder a realização dessa conquista em minha vida.

Ao meu marido e companheiro, **Gisélio Martinho**, pela paciência e compreensão que tem tido comigo, principalmente durante esse período do Mestrado.

A minha mãe, **Iraci Paulino**, que sempre me ajudou e me apoiou em todos os momentos de minha vida.

A minha filha, **Ana Beatriz**, por ter que entender muitas vezes as minhas ausências.

Aos **meus irmãos**, especialmente a minha irmã **Irânia**, pelas vezes em que me socorreu me dando suporte com minha filha.

A Profa. Dr.^a **Moama Lorena**, minha orientadora, com quem me identifiquei desde o primeiro encontro. Pessoa excepcional e uma grande profissional. Obrigada pela paciência, compreensão e pelos tantos ensinamentos que me proporcionou.

A Profa. Dr.^a **Luciane Santos**, por ter acolhido o meu projeto e ter me dado as primeiras orientações. Professora que é um exemplo de profissional e sempre muito prestimosa.

Aos **Professores do Mestrado Profletras**, pelos conhecimentos compartilhados e que contribuíram para o meu enriquecimento acadêmico.

A Profa. Dr.^a **Fabiana Ferreira** e ao Prof. Dr. **Hermano de França**, pelas valiosas contribuições dadas no momento da qualificação.

A Turma IV do Profletras, pelos tantos momentos compartilhados de alegrias e de angústias.

Aos meus amigos de viagem com os quais dividi momentos de angústia e também momentos muito divertidos: **Sônia Fortes, Vera Betânia e Moreira**.

A minha querida amiga **Ana Paula**, pelo companheirismo que sempre tivemos e ajuda mútua durante o período do Mestrado.

A minha querida amiga **Morgana Kelly**, por ter sempre acreditado na minha capacidade e sempre ter me estimulado a continuar na caminhada do Mestrado.

A minha querida amiga **Mônica Rodrigues**, pelas palavras de conforto, motivação para continuar a caminhada e por ter me apresentado ao Profletras.

À **gestão da escola Major Adolfo Pereira Maia**, que desde o início do projeto me deu total apoio.

Aos **meus alunos do 9º ano**, que participaram ativamente desse projeto.

À **CAPES**, por investir na qualificação dos profissionais da educação.

Enfim, **aos meus amigos e amigas**, que sempre acreditaram na minha capacidade.

A um poeta

Longe do estéril turbilhão da rua,
Beneditino, escreve! No aconchego
Do claustro, no silêncio e no sossego,
Trabalha, e teima, e lima, e sofre, e sua!
Mas que na forma se disfarce o emprego
Do esforço; e a trama viva se construa
De tal modo, que a imagem fique nua,
Rica, mas sóbria, como um templo grego.
Não se mostre na fábrica o suplício
Do mestre. E, natural, o efeito agrade,
Sem lembrar os andaimes do edifício:
Porque a Beleza, gêmea da Verdade,
Arte pura, inimiga do artifício,
É a força e a graça na simplicidade.
(Olavo Bilac)

RESUMO

A leitura literária, além de provocar emoções no leitor, também ajuda no pensamento crítico a respeito de várias questões político-sociais. Assim como também exige os mais variados mecanismos de compreensão, já que ela é plurissignificativa. A nossa proposta interventiva teve por finalidade trabalhar a leitura literária em uma sala de aula do nono ano de uma escola pública municipal, na cidade de Cabedelo. O nosso objetivo é a leitura literária a partir da crônica, a fim de promover o letramento literário. A escolha desse gênero se deve à proximidade que ele pode estabelecer com seus leitores pela linguagem utilizada, pelos diferentes temas abordados, por apresentar assuntos diários, como se fosse uma conversa com o leitor e, assim, aproximá-lo do texto literário, envolvendo-o nas reflexões da vida cotidiana. Sabemos que a crônica é um texto que é facilmente encontrado nos livros didáticos, em jornais, revistas e, até mesmo, nas redes sociais, motivos que reforçam a nossa escolha. Portanto nossa ação interventiva foi através do gênero literário crônica. Intencionamos, por meio de oficinas de leituras, despertar no aluno interesse pela leitura literária, com o objetivo de levá-lo a uma recepção crítica e reflexiva, mas também prazerosa. Nosso trabalho foi desenvolvido em dois momentos: o primeiro teve cunho qualitativo e caráter bibliográfico; o segundo, da intervenção propriamente, se deu por meio de oficinas temáticas amparadas na sequência básica de Cosson (2014), sempre com o acompanhamento do professor. Acreditamos que conseguimos despertar os alunos para o prazer da leitura, levá-los ao conhecimento e à reflexão. Como embasamento teórico, valemo-nos dos estudos de Arriguci (1987); Candido (1995); Candido (2003); Colomer (2007); Cosson (2014); Filipouski e Marchi (2009), Kleiman (2016); Sá (2005); Todorov (2009) e Zilberman (2009).

Palavras-chave: Educação Básica. Letramento Literário. Crônica.

ABSTRACT

Literary reading as well as provoking emotions in the reader also helps in critical thinking about various social political issues. As well as it requires the most varied mechanisms of understanding, since it is plurissignificativa. Our proposal of work has the purpose of working the literary reading in a classroom of the ninth year of a municipal public school, in the city of Cabedelo. Our goal is to read literary from the chronicle and thus promote literary literacy. The choice of this genre is due to the closeness that it can establish with its readers by the language used, by the different topics addressed, by presenting daily subjects, as if it were a conversation with the reader and, thus, bringing them closer to the literary text, in the reflections of everyday life. We know that the chronicle is a text that is easily found in textbooks, newspapers, magazines and even social networks, reasons that reinforce our choice. Therefore our intervention action will be through the chronic literary genre. We intend, through workshops of reading, to awaken in the pupil an interest in literary reading, with the aim of taking him to a critical and reflexive reception, but also a pleasure. Our work was developed in two moments: the first will be qualitative and of a bibliographic character; the second, of the intervention itself, will be through thematic workshops supported by the basic sequence of Cosson (2014), always with the accompaniment of the teacher. We believe that we can awaken students to the pleasure of reading, to bring them to knowledge and reflection. As theoretical basis, we use the studies of Arriguci (1987); Candido (1995); Candido (2003); Colomer (2007); Cosson (2014); Filipouski and Marchi (2009), Kleiman (2016); Sá (2005); Todorov (2009) and Zilberman (2009).

Keywords: Basic Education. Literary Literature. Chronicles.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Apresentação do projeto

Figura 2: Ida à biblioteca

Figura 3: Roda de conversa para a discussão das crônicas lidas

Figura 4: Repostas dos discentes sobre o tema novas tecnologias

Figura 5: Pesquisa dos discentes sobre preconceito racial com pessoas

Figura 6: Produções dos discente para apresentação da Feira Cultural

Figura 7: Apresentação dos discentes durante a feira cultural

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. LEITURA E LEITURA LITERÁRIA NO ENSINO FUNDAMENTAL II	16
1.1.1 O ensino da leitura literária e o letramento literário	24
1.1.2 O ensino da leitura literária no Ensino Fundamental II e Os Parâmetros Curriculares Nacionais.....	29
1.1.3 O ensino da leitura literária no Ensino Fundamental II e a Base Nacional Comum Curricular	33
2. CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE A CRÔNICA	39
2.1 A CRÔNICA NA SALA DE AULA PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES	44
2.2 A CRÔNICA NA OLIMPÍADA DE LÍNGUA PORTUGUESA.....	48
3. VIVENCIANDO O GÊNERO CRÔNICA: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO	52
3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	52
3.1.1 Contexto da pesquisa	54
3.1.2 As oficinas e os temas caracterizadores	55
3.2 VIVENCIANDO A PROPOSTA: A CRÔNICA NA ESCOLA	57
3.2.1 Descrição das atividades	58
3.2.2 Primeira Oficina: o amor.....	60
3.2.3 Segunda oficina: novas tecnologias	66
3.2.4 Terceira Oficina: Preconceito racial.....	72
4. ANÁLISE DAS PRODUÇÕES DE INTERPRETAÇÃO DOS ESTUDANTES	80
4.1 COLETA DE DADOS	80
4.2 ATIVIDADES REALIZADAS DURANTE AS OFICINAS.....	81
4.3 ANÁLISE DOS RESULTADOS	81
4.3.1 Corpus selecionado.....	83
4.3.2 Analisando as impressões dos alunos da primeira oficina	84
4.3.3 Analisando as impressões dos alunos da segunda oficina	90
4.3.4 Analisando as impressões dos alunos da terceira oficina	97
4.3.5 Analisando as produções das crônicas.....	105
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	113
REFERÊNCIAS	115
ANEXOS	120
APÊNDICES.....	149

INTRODUÇÃO

A leitura é uma forma de conhecimento da vida e do outro. Sabemos que ler não é apenas decodificar, mas sim um ato reflexivo e uma prática social. Desenvolver as habilidades de leitura e escrita se faz necessário em uma sociedade letrada como a nossa.

Apesar dessa importância que a leitura tem para a vida das pessoas, a escola ainda enfrenta a falta de interesse dos alunos. Talvez o motivo esteja nas escolhas das obras ou do gênero, como também das estratégias adotadas. Esses fatores podem levar, então, ao desinteresse pelo ato de ler tanto na escola como fora do espaço escolar.

Não temos percebido o encantamento com a leitura e a escola deveria ser o lugar onde surgiriam novos leitores, que despertasse o gosto, a reflexão, e os ajudasse no interesse pela leitura e a formação de leitores efetivos. Mas, o que acontece na escola é uma leitura feita de forma mecânica, sem atribuição de sentido e que, portanto, não desperta o interesse. Muitas vezes, o texto é usado apenas como pretexto para trabalhar as questões gramaticais, estudo do vocabulário ou o preenchimento de fichas.

Então, o que fazer para que o aluno descubra o prazer da leitura e possa se tornar um leitor competente? A leitura literária poderá ser um caminho para se tentar chegar até os educandos e assim conquistar cada vez mais leitores. Para tanto, é papel da escola procurar estratégias que contribuam para melhorar esse ensino para poder dinamizar mais as aulas e ajudar ao aluno no processo de ensino e aprendizagem. Não uma leitura em que o aluno apenas decodifique, mas que faça sentido, que, a partir dos elementos do texto, ele possa ser capaz de interpretar e compreender o que está lendo, e assim fazer as inferências necessárias, tornando-se um leitor proficiente. Sabemos que o letramento literário pode ajudar nesse processo de formação de leitores proficientes, autônomos e críticos.

Inserida na perspectiva do letramento literário, a nossa proposta tem como finalidade trabalhar com o gênero literário crônica em sala de aula, e assim motivar o gosto pela leitura literária dos alunos do nono ano em uma escola da rede municipal da cidade de Cabedelo. A maioria dos alunos dessa turma já vem estudando comigo desde o 6º ano e, portanto, já sei o que eles conseguiram avançar em termos de leitura

e o muito que ainda tenho que fazer nesse sentido. Apesar de sempre ter trabalhado o texto literário em sala de aula, talvez me faltasse uma proposta metodológica que me servisse de apoio, pois sabemos que a formação deve ser continuada e ela ajuda em uma prática de educação de qualidade. A formação teórica e a prática possibilitarão melhor qualidade de ensino.

Tentando atender a esse meu desejo de uma formação em que pudesse alinhar a teoria à prática, inscrevi-me no Mestrado Profissional em Letras e consegui ser aprovada. No início não foi muito fácil, pois estava afastada da academia há bastante tempo, apenas dando aula e agora eu voltaria a ser aluna com todas as responsabilidades que isso requer. Ainda mais aluna de mestrado, em que as responsabilidades e as cobranças são ainda maiores. Tudo isso agregado a minha vida profissional, pois continuei ministrando aula nas duas escolas em que já trabalhava.

O Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) é oferecido em rede nacional e tem como objetivo a formação de professores do Ensino Fundamental. Portanto, o nosso processo de intervenção está em total acordo com o Mestrado Profissional, já que, nele, teoria e prática se unem para que possa haver uma transformação nas aulas de língua portuguesa. Embasada pelas teorias, o nosso desejo é motivar esses alunos através de estratégias que favoreçam um amadurecimento nas práticas de leitura deles. Despertar, então, o interesse desses alunos pela leitura, transformando-os em leitores proficientes, foi um desafio a ser vencido.

O gênero literário que escolhemos, como já foi explanado, foi a crônica, pois é um texto provido do trabalho estético com a linguagem, abordando temas do cotidiano. O cronista faz isso a partir da sua subjetividade, utilizando, por vezes, uma imagem metafórica e poética. Sem falar no humor e na ironia que se fazem, muitas vezes, presentes. Já os temas e a linguagem costumam ser mais próximos do cotidiano dos alunos. Além disso, é fácil de encontrar nos livros didáticos, em jornais, revistas e nas redes sociais.

A partir de temas caracterizadores, fizemos uma seleção de crônicas para serem lidas pelos alunos em sala de aula. Através dessas crônicas, pretendemos despertar o interesse pela leitura de forma prazerosa, mas levando o aluno a uma leitura crítica e reflexiva. A crônica pode ajudar nesse processo porque, como

comentamos, trata de temas próximos dos alunos e utiliza uma linguagem mais informal e que é mais acessível a eles.

A proposta de trabalho é qualitativa e se constitui, em termos metodológicos, como uma pesquisa-ação, que acontece através de uma sondagem de imediato com questionário e observação, sempre com o acompanhamento do professor. A proposta interventiva se deu por meio de oficinas temáticas, as quais se valeram dos passos da sequência básica de Cosson (2014). Fizemos isso através do letramento literário, pois assim acreditamos ser possível despertar no aluno o prazer pela leitura literária, fazendo com que ele perceba seu caráter humanizador, nos moldes de Antonio Candido (1995), como também que compreenda a si mesmo e ao mundo em que vive.

Estruturalmente, o presente trabalho é composto por quatro capítulos. No primeiro capítulo, tratamos da fundamentação teórica que norteia o tema sobre a leitura literária na escola, falamos da sua importância no espaço escolar e como o letramento literário contribui para que se possa desenvolver um trabalho significativo para ajudar no processo de despertar o gosto pela leitura. Ainda nesse capítulo, falamos sobre como a literatura/leitura literária é proposta nos Parâmetros Curriculares Nacionais e na Base Nacional Comum Curricular, já que estes norteiam o trabalho do professor em sala de aula.

No segundo capítulo, tratamos sobre o gênero literário escolhido para o trabalho: a crônica. Falamos um pouco da história desse gênero, das suas características e de como elas podem ajudar no processo de estimular a leitura nas escolas. Explicamos, também, como ela se adequou ao nosso cotidiano e adotou aspectos bem brasileiros. Nesse capítulo, também falamos da crônica nas Olimpíadas de Língua Portuguesa e sua importância para a divulgação desse gênero no meio escolar. Comentamos a contribuição que a olimpíada dá para o processo de leitura e escrita através do material proposto para o trabalho do professor.

No terceiro capítulo, detalhamos a metodologia utilizada e como se deu o trabalho de intervenção. Nele, abordamos como aconteceu o trabalho com as crônicas, as quais foram escolhidas a partir de temas que fazem sentido para os educandos, levando em consideração sua faixa etária, a realidade na qual estão inseridos, seus conhecimentos prévios, seus interesses, entre outros critérios, escolhidos a partir de uma sondagem prévia.

De imediato, pensamos em três temas para o trabalho de intervenção: amor, novas tecnologias e preconceito racial. Esses temas se confirmaram quando fizemos

uma sondagem com os alunos de quais temas eles gostariam de trabalhar e entre alguns temas que eles disseram esses foram bastante citados por eles. Esses temas foram pensados a partir da vivência de mundo desses estudantes. Para cada tema, houve a escolha de duas crônicas, totalizando seis crônicas. Trabalhamos com oficinas temáticas, seguindo os passos da sequência básica de Cosson.

No quarto capítulo, apresentamos os resultados da leitura literária que foram efetuadas pelos estudantes, precisamente nas questões de interpretação e nas produções das crônicas. Nesse capítulo, expusemos as análises feitas dos registros dos alunos efetivados durante as oficinas temáticas a partir da teoria adotada durante o processo de intervenção.

1. LEITURA E LEITURA LITERÁRIA NO ENSINO FUNDAMENTAL II

A leitura é essencial na vida de qualquer pessoa, principalmente porque estamos cercados por textos escritos a todo o momento, incluindo aqueles veiculados pelas novas tecnologias. Contudo, percebemos que essa exposição de textos não tem contribuído para despertar o gosto pela leitura nos alunos. E, durante as minhas aulas, percebo que os alunos sentem muitas dificuldades na leitura e compreensão de textos, como também na sua produção.

É notória a presença da leitura na vida do ser humano em vários aspectos do seu dia a dia e na sala de aula se faz ainda mais presente, por isso desenvolver as habilidades de leitura e escrita se faz necessário em uma sociedade letrada como a nossa. A convivência com as letras faz parte do cotidiano do aluno antes mesmo de iniciar a vida estudantil. Sabemos que um leitor competente é aquele que compreende o que lê e que consegue fazer as inferências necessárias para o seu entendimento. É aquele que consegue fazer uma relação entre o que lê e suas experiências de mundo, ou seja, ele não decifra códigos apenas, mas sim compreende o que lê. Os PCN de língua portuguesa já tratavam desse assunto ao dizer que:

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que se sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita, etc. Não se trata apenas de extrair informação escrita decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica necessariamente, compreensão na qual os sentidos começam a ser constituído antes da leitura propriamente dita. Qualquer leitor experiente que conseguir analisar sua própria leitura constatará que a decodificação é apenas um dos procedimentos que utiliza quando lê. (BRASIL, 1997, p. 41)

A escola é um dos principais lugares em que se dá o processo de formação de leitores, mas só alcançará sucesso se acontecer dentro de um contexto significativo para o educando. O leitor realmente só se forma quando acontece uma prática de leitura constante, utilizando os mais variados gêneros textuais e literários que circulam entre nós para, assim, não apenas decodificar, mas principalmente, compreender. De acordo com os PCN,

Um leitor competente é alguém que, por iniciativa própria, é capaz de selecionar, dentre os trechos que circulam socialmente, aqueles que podem atender a uma necessidade sua. Que consegue utilizar estratégias de leitura adequada para abordá-los de forma a atender a essa necessidade. Formar um leitor competente supõe formar alguém que compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos já lidos; que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto; que consiga justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos. (BRASIL, 1997, p. 41)

Por isso as estratégias usadas na escola pelo professor são muito importantes no processo de ensino-aprendizagem. A escola é um dos principais lugares em que se dá esse processo de formação de leitores, mas só alcançará sucesso se acontecer dentro de um contexto significativo para o educando. Ela desenvolve primordial papel no ensino da leitura, principalmente na leitura literária. Escola e leitura são indissociáveis, pois a leitura ajuda ao estudante ampliar sua capacidade cognitiva, transformando esse estudante leitor em um ser que saberá se reconhecer como sujeito participante do mundo que o cerca. A escola é o lugar que oportuniza a transformação na vida do aluno, então ela é de primordial importância. Zilberman afirma que:

[...] por desencadear um processo de democratização do saber e maior acesso aos bens culturais, a escola é um elemento de transformação que não pode ser negligenciado. E este fator relaciona-se especialmente com a leitura. (ZILBERMAN, 2009, p.26)

Nesse caso, se a escola não desempenhar bem o seu papel, que é o de formar leitores, ela estará tirando o direito à democratização do saber como elemento transformador. Segundo a autora (ZILBERMAN, 2009, P.19), há uma mútua dependência entre a leitura e a escola, por isso a crise da leitura é também uma crise da escola e vice-versa.

Estimular a leitura é importante em qualquer momento da vida estudantil, deve fazer parte da vida do estudante desde a alfabetização. Conforme Zilberman (2009), enquanto a criança não lê, ela depende da voz do adulto, “por isso, seja no âmbito coletivo, seja no plano individual, a conquista da habilidade de ler é simultaneamente o primeiro passo na direção da liberdade, de uma parte e de outra para a assimilação

dos valores da sociedade”. (ZILBERMAN, 2009, p.27). A alfabetização e o letramento estão ligados ao ato de ler, “sendo esse resultado o produto mais importante da ação da escola nos primeiros anos de formação de uma pessoa”. (ZILBERMAN, 2009, p.28)

A leitura deve fazer sentido para o aluno, proporcionando a ele um processo de busca a partir dos elementos do texto, para, assim, interpretar e compreender o que está lendo. Nesse contexto, então, cabe à escola dar suporte ao aluno para que ele possa participar ativamente do processo de leitura, transformando-o em um leitor competente, que saberá fazer as inferências necessárias para a compreensão do que foi lido. Segundo os PCN:

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas. (BRASIL, 1988, p. 69-70)

Já que o contexto não está muito favorável para a leitura na escola, então a leitura literária pode ser essa alternativa. Ainda conforme Zilberman (2009), “Leitura e escola talvez devam recorrer à literatura para retomar seu rumo e reavaliar seus respectivos propósitos.” (ZILBERMAN, 2009, p. 29). A autora reforça o quanto é importante a literatura para a formação do aluno leitor e o quanto ajuda no processo de formar leitores efetivos, que possam, assim, desenvolver o gosto pela leitura. É necessário, então, que o professor trabalhe o texto literário sempre estimulando o aluno a atribuir sentidos à leitura feita; para isso, deve utilizar recursos que possibilitem a interação entre o leitor e texto. Ele será esse intermediário, porque ele estudou para isso e já adquiriu conhecimentos além dos que o aluno possui, portanto, como leitor mais experiente cabe a ele essa intervenção. É necessário, então, que para auxiliar nesse processo o professor seja um leitor.

A literatura ajuda no processo de formação do educando, ampliando sua visão de mundo, possibilitando uma contextualização com a própria vida e passando, inclusive, a entendê-la melhor, ajudando muitas vezes a conviver com as próprias dores. Nesse caso, a literatura é fonte de humanização. Tzvan Todorov, na obra *A*

literatura em perigo (2009), vem corroborar com esse pensamento, quando ele diz que a literatura o ajuda a viver. E ele diz mais adiante:

[...] a literatura amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo. Somos todos feitos do que os outros seres humanos nos dão: primeiro nossos pais, depois aqueles que nos cercam; a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo. Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano. (TODOROV, 2009, P. 23-24)

Essa “função humanizadora da literatura”, de que já nos fala Antonio Candido (1995), vem sendo ignorada nas escolas, pois há uma preocupação, às vezes demasiada, em buscar apenas os dados biográficos do autor, que se esquece de mostrar que a literatura dá sentido à vida. Não queremos dizer com isso, que não seja importante procurar saber dados biográficos da vida do autor, mas que não fiquemos apenas nisso e na leitura superficial do texto ou da obra. Se a escola trabalhasse focando na obra ou no texto literário, provavelmente o aluno se encantasse mais pela leitura literária e conseguisse, através dessas leituras, dá mais sentido ao que lê e o ajudasse a entender melhor o outro e o mundo. As abordagens das obras são geralmente internas, mas é preciso ir além, mostrando que “as obras existem sempre dentro e em diálogo com um contexto” (TODOROV, 2009, P. 32). Conforme esse autor, a maneira como as obras literárias vêm sendo trabalhadas na escola serve meramente para exemplificar os métodos de análises, e aquilo que possa levar ao conhecimento do ser humano é deixado de lado.

Em consonância, Candido (1995) nos diz que a Literatura é fonte de humanização, um direito de todos porque permite sonhar. A partir da leitura de textos literários, o ser humano pode se transportar para um mundo de sonhos. Para ele, a literatura tem papel formador da personalidade, tanto individual como social. Segundo ele, “Cada sociedade cria as suas manifestações ficcionais, poéticas e dramáticas de acordo com os seus impulsos, as suas crenças, os seus sentimentos as suas normas, a fim de fortalecer em cada um a presença e atuação deles”. (CÂNDIDO, 1995, p. 175)

Conforme Antonio Candido (1995), não há ser humano que consiga ficar vinte e quatro horas sem uma espécie de fabulação, ele defende, então, que a literatura é um direito universal. É o “sonho acordado da civilização” (p.174). Logo depois ele acrescenta que, “assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura. Deste modo é fator indispensável de humanização...” (CANDIDO, 1995, p.175). A escola, ao retomar a leitura literária, estará proporcionando ao estudante leitor uma retomada de seu propósito, que, ao mesmo tempo em que é transformadora, amplia os conhecimentos e proporciona o prazer. Portanto, é preciso que a escola estimule os alunos a perceber como, através da literatura, eles podem pensar e repensar as suas próprias vidas, vendo de modo diferente a sua própria existência e a do seu semelhante, ampliando, assim, sua visão crítica.

Lajolo (1982) faz uma reflexão sobre o modo como é ensinada a leitura nas escolas e critica o uso do texto como pretexto nas aulas de leitura. Em se tratando de literatura, o texto literário também era utilizado como pretexto. Sabemos que em várias sociedades a literatura era utilizada como fonte de saberes.

De acordo com Pinheiro (2014, p. 20), “ensina-se um saber sobre literatura, e não se propicia uma vivência com o texto de modo mais livre, em que o leitor possa fazer inferências, questionar o que está sendo lido e questionar-se, enfim, uma atitude de sujeito.”

Nesse tipo de leitura, o aluno não é o sujeito do ato de ler, capaz de refletir sobre a sua vivência e fazer seus questionamentos, é um leitor passivo que possui conhecimentos institucionalizados, superficiais e esvaziados de sentidos. Isso afasta o aluno cada vez mais da leitura, pois não dá para se aproximar daquilo que não faz sentido; fugindo, assim, do que se espera de um leitor competente, que é aquele que consegue dá sentido ao que lê e amadurece o processo de conhecimento do outro e de si mesmo.

De acordo com Todorov (2009), a análise das obras feitas na escola deveria ter como objetivo “nos fazer ter acesso ao sentido dessas obras – pois postulamos que esse sentido, por sua vez, nos conduz ao conhecimento do humano, o qual importa a todos” (TODOROV, 2009, p. 89).

A leitura literária proporciona esse conhecimento do humano, de poder se colocar na vida do outro, algo que já não se vê tanto nessa sociedade moderna, em

que as pessoas vivem numa correria sem fim, cada vez mais centradas em si mesmas. Conforme Cosson, no livro *Círculo de Leitura* (2017),

A leitura literária conduz a indagações sobre o que somos e o que queremos viver, de tal forma que o diálogo com a literatura traz sempre a possibilidade de avaliação dos valores postos em uma sociedade. Tal fato acontece porque os textos literários guardam palavras e mundos tanto mais verdadeiros quanto mais imaginados, desafiando os discursos prontos da realidade, sobretudo quando se apresentam como verdades únicas e imutáveis. Também porque na literatura encontramos outros caminhos de vida a serem percorridos e possibilidades múltiplas de construir nossas identidades. (COSSON, 2017, p. 50)

A partir da década de 70, o ensino de literatura começa a abordar novas perspectivas, ou seja, o foco no historicismo não é mais prioridade, o que teremos a partir dessa década é o foco na análise do texto literário, buscando os sentidos do texto, porém essa mudança não se dá de forma assim tão repentina. Colomer (2007), observa isso quando diz:

a função patrimonial – a biografia dos autores, a lista de suas obras, a descrição sociocultural do contexto histórico, a transposição das avaliações críticas – manteve-se de uma forma ou de outra, porque, apesar de todas as críticas que choveram sobre o ensino da literatura, os docentes e a sociedade em geral continuaram acreditando que tinha sentido dar às novas gerações adolescentes uma sistematização da evolução cultural através das obras de referência de sua coletividade. (COLOMER, 2007, p. 37)

Percebemos que mesmo com as novas perspectivas, os professores ainda continuam ligados aos métodos anteriores, privilegiando o método historicista, o estudo da vida do autor, como também o estudo estrutural das obras. Mas já se vê uma necessidade de novos caminhos, já se percebe a necessidade do ensino literário centrado na “competência interpretativa” (COLOMER, 2007, p. 30), o que só poderá acontecer através da leitura. Esse novo modelo de ensino de literatura nas escolas tem um consenso quase que unânime: de que os alunos só desenvolverão a competência interpretativa se lerem as obras literárias e não apenas fragmentos das obras. Ganha fôlego, então, a leitura literária, isso não quer dizer que abandonemos por completo os elementos teóricos nem também a história, mas o professor, como mediador que deve ser, passará a unir esses elementos à leitura literária.

A partir desse momento, se faz necessário uma nova postura do professor para trabalhar com o texto literário. A sala de aula deve ser um lugar em que se compartilha as impressões de leituras. As obras trabalhadas precisam fazer sentido para o aluno e em alguns momentos se relacionarem com seu cotidiano, pois assim ele assumirá seu papel social. Não há como desvincular a literatura do espaço escolar, ela faz parte deste e, a partir dele, ela pode ser estendida para outros espaços na convivência diária. Ela só não precisa ser pretexto para o ensino gramatical, nem para a análise estrutural, nem para o historicismo, mas sim, passar a explorar a leitura literária, a qual deve ser ensinada. Segundo Perrone-Moisés, “...quando o leitor dispõe de uma capacidade de leitura que não é inata, mas adquirida, dá prazer e autoestima (e a função do professor é exatamente a de demonstrá-lo).” (PERRONE-MOISÉS, 2006, p. 28). E mais adiante ela reforça esse pensamento dizendo: “Qualquer que seja a extração social do aluno, sua inteligência lhe permite a aprendizagem da leitura literária” (p. 28).

Deve-se mostrar ao aluno que a prática da leitura literária deve estar presente em qualquer momento, não apenas na escola. Quando o aluno se torna um leitor assíduo, ele faz uso da leitura em qualquer circunstância da vida, mas para que isso se torne um hábito, é necessário que esse trabalho comece na escola com o aluno tendo contato com as obras na escola durante as aulas de leitura. Portanto, o professor deve saber qual é o seu objetivo e que estratégias utilizar para que isso aconteça.

Ao não se ensinar nas escolas a leitura literária, está se tirando um direito do aluno de refletir, de transformação do seu mundo, de se reconhecer no outro e de reconhecer a função de reconstrução da palavra. Pois os textos literários são os que mais aproximam o ser humano da sua vivência, porque abordam os temas humanos, assuntos que fazem parte do cotidiano e que conseqüentemente, nos humaniza. Portanto, ensinar a leitura literária nas escolas se faz necessário, mesmo que ela tenha que se adaptar ao sistema escolar, pois quando a escola se apropria do texto literário ela está escolarizando a literatura, porém isso não quer dizer que não deva acontecer o estudo do texto literário na escola. Segundo Soares (2011),

Não há como evitar que a literatura, qualquer literatura, não só a literatura infantil e juvenil, ao se tornar “saber escolar”, se escolarize e não se pode atribuir em tese, como dito anteriormente, conotação pejorativa a essa escolarização, inevitável e necessária; não se pode

criticá-la ou negá-la, porque isso significaria negar a própria escola. (SOARES, 2011, P. 21)

A autora fala em “tese” porque, às vezes, no espaço escolar essa escolarização da literatura acaba adquirindo um sentido negativo devido à maneira como é trabalhada. É importante que se compreenda como má escolarização da literatura a fragmentação de textos, ou seja, pequenos trechos de obras que geralmente os livros didáticos trazem, e que muitas vezes só estão ali com o intuito de trabalhar a gramática ou para responder algumas perguntas sobre o texto, as quais são facilmente decodificadas pelos alunos, não os levando a dialogicidade que o texto literário proporciona. É o uso da literatura para outros fins que não seja a abordagem específica do objeto literário e que portanto, não contribui para que o aluno das nossas escolas se tornem leitores proficientes.

Nesse caso, o que se deve criticar é a maneira inadequada como é trabalhada e não a sua mera escolarização. A autora destaca três instâncias desta: a biblioteca escolar, a leitura e o estudo de livros de literatura e a leitura e os estudos de texto. Então, “o que se pode criticar, o que se deve negar não é a escolarização da literatura, mas a inadequada, a errônea, a imprópria escolarização da literatura, que se traduz em sua deturpação, falsificação, distorção.” (SOARES, 2011, P. 21). São várias as formas de inadequação da escolarização da literatura, mas é preciso que as escolas ofereçam atividades diferenciadas e que os professores estejam preparados para tais atividades. Para que não aconteça essa inadequação é necessário se tomar alguns cuidados. É necessário, para começar, encontrar um novo jeito de ensinar literatura, novos caminhos para o incentivo à leitura de livros, possibilitando uma escolarização adequada nas nossas escolas.

É importante, então, que o professor privilegie o texto literário, procure levar a obra e não o texto, e procurar evitar levar fragmentos de texto para a sala. Embora que, quando a obra é extensa vale levar um capítulo, como também pode ser interessante mostrar outros suportes em que aquela obra pode ser encontrada, vai depender nesse caso de como o professor vai conduzir o seu trabalho, que estratégias ele utilizará para a preservação do literário. Sobre esse fato, Soares (2011) comenta:

Em síntese, e concluindo este item sobre a fragmentação da narrativa em “textos” propostos à leitura em livros didáticos, pode-se afirmar que a escolarização — inevitável, repita-se o adjetivo — da literatura infantil

faz-se frequentemente de forma inadequada e, mais que isso, prejudicial mesmo, pois abala o conceito que a criança tem, intuitivamente, da estrutura da narrativa, dá-lhe uma ideia errônea do que é um texto e pode induzi-la a produzir ela mesma pseudo textos, já que estes é que lhe são apresentados como modelo. (SOARES, 2011, P. 36)

Devemos respeitar o texto na sua integralidade, sem cortes, pois assim pode ser feita uma leitura que lhe atribua sentidos e o texto literário propõe várias atribuições de sentido. Soares (2011) ressalta, então, que como é impossível não escolarizar a literatura, que ela, então, obedeça a critérios que preservem o literário. Quando acontece essa inadequação da escolarização da leitura literária, o aluno é prejudicado no envolvimento do letramento literário e também no despertar do prazer pela leitura. Assim, respeitar o texto é usar adequadamente a escolarização da literatura, levando o aluno a práticas de leituras eficazes, com atribuição de sentido, mas também prazerosas.

1.1.1 O ensino da leitura literária e o letramento literário

A palavra letramento é recente em nosso vocabulário e um termo bastante atual no campo da educação. De acordo com Soares, na obra *Letramento: um termo em três gêneros* (p. 16), quem provavelmente utilizou esse termo pela primeira vez foi Mary Kato em 1986. E em 1995, Ângela Kleiman já usa o termo para dar título ao seu livro *Os significados do letramento* (2005). Ela explica que o letramento literário é um conjunto de práticas de uso da escrita que é mais amplo que as práticas escolares de uso da escrita, mas que as incluem.

O letramento oferece ao estudante a possibilidade de dar novos significados à sociedade em que vive através da leitura como uma prática social e assim inserir-se nessa sociedade letrada como sujeito ativo. O letramento é fator de mudança social. Segundo Magda Soares (2006, p. 18), “Letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”. Desse modo, letramento seria o resultado ou consequência que um grupo social adquire após a apropriação da escrita. Então, não basta a pessoa apenas saber ler e escrever, “mas também fazer uso competente e frequente da leitura e da escrita”. O letramento

é, assim, uma prática social e, devido às práticas sociais da escrita serem muitas, surge seu sentido plural: letramentos. Quanto ao letramento literário, ele aparece a partir da expansão do nome letramento. Conforme Souza e Cosson (2011),

O letramento literário faz parte dessa expansão do uso do termo letramento, isto é, integra o plural dos letramentos, sendo um dos usos sociais da escrita. Todavia, ao contrário dos outros letramentos e do emprego mais largo da palavra para designar a construção de sentido em uma determinada área de atividade ou conhecimento, o letramento literário tem uma relação diferenciada com a escrita e, por consequência, é um tipo de letramento singular. (SOUZA e COSSON, 2011, p. 102)

Portanto, a leitura de textos literários também proporciona essa prática social que está no significado da palavra letramento; nesse caso, não podemos dissociar a leitura literária do processo de letramento nas escolas. Para Cosson, a literatura não deve ser vista apenas como algo prazeroso, mas sim, aliada ao conhecimento. Para ele, o ensino da leitura literária é função da escola: “devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola.” (COSSON, 2014, p. 23).

O letramento literário é uma responsabilidade da escola e do professor mediador, pois quando o autor diz que “ao professor cabe criar as condições para que o encontro do aluno com a literatura seja uma busca de sentido para o texto literário, para o próprio aluno e para a sociedade”, (COSSON, 2014, p. 29) ele coloca o professor como membro importante desse processo de ensino e aprendizagem. Faz-se necessário, então, que o professor trabalhe o texto literário sempre estimulando o aluno a atribuir sentidos à leitura feita. Conforme Cosson (2014):

É justamente para ir além da simples leitura que o letramento literário é fundamental no processo educativo. Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e sobretudo, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem. (COSSON, 2014, p. 30)

Nesse caso, cabe à escola promover ações eficazes para que leitura, através do letramento literário, contribua na formação de leitores proficientes, como também

ajude a compreender a vida, inclusive compreendendo as próprias emoções e a comunidade em que vivemos, pois o objetivo do letramento literário na escola é o de formar leitores, porém não é qualquer leitor que se pretende formar.

Como já foi dito, para Cosson (2014), o letramento literário é o resultado de um trabalho eficiente e sistemático com a literatura e através da sequência básica dinamizar o ensino da literatura na escola. Essa sequência é constituída de quatro passos: motivação, introdução, leitura e interpretação.

Segundo Cosson (2014), a **motivação** é o momento de preparação dos alunos para que eles possam entrar em contato com o texto. Essa preparação requer que o professor faça uma mediação adequada, contribuindo, assim, para o processo de leitura como um todo. Conforme o autor, uma das maneiras de construção da motivação é: “A construção de uma situação em que os alunos devem responder a uma questão ou posicionar-se diante de um tema.” (COSSON, 2014, p. 55). A motivação pode ser por meio da leitura, da escrita, da oralidade.

Já a **introdução** é o momento de apresentação do autor e da obra. Porém, o autor orienta que essa biografia não seja muito prolongada. O importante, aqui, é o aluno conhecer um pouco as informações básicas sobre o autor e, se for possível, que elas estejam relacionadas ao texto em estudo. Nessa parte da sequência, é importante o professor justificar o motivo de ter escolhido a obra que será lida pelos alunos.

Cosson chama a atenção, ainda, sobre a importância do manuseio do livro. Segundo ele: “A apresentação física da obra é também o momento em que o professor chama a atenção do aluno para a leitura da capa, da orelha e de outros elementos paratextuais que introduzem uma obra.” (COSSON, 2014, p. 60).

Posteriormente, deve ser feita a **leitura** do texto em sala. Conforme Cosson, “A leitura da escola precisa de acompanhamento porque tem uma direção, um objetivo a cumprir, e esse objetivo não deve ser perdido de vista.” (COSSON, 2014, p. 62). Se a leitura for a de um livro, Cosson (2014) sugere que seja feita a maior parte do tempo em casa, mas faz-se necessário que sejam realizados, também, os intervalos de leitura. Neles, o professor poderá trabalhar outros materiais, tanto textuais, quanto plásticos, audiovisuais, a exemplo de canções, poemas, vídeos, entre outros, que abordem o mesmo tema e que possibilitem uma reflexão por parte dos alunos.

Por fim, com relação à **interpretação**, Cosson se refere a ela como o momento das inferências que serão feitas para a construção de sentidos, através do diálogo entre autor, leitor e comunidade. Para ele:

[...] a interpretação e seus limites envolvem práticas e postulados tão numerosos quanto aparentemente impossíveis de serem conciliados, até porque toda reflexão sobre a literatura traz implícita ou explicitamente uma concepção do que seja uma interpretação ou de como se deve proceder para interpretar os textos literários. (COSSON, 2014, p. 64)

No cenário do letramento literário, essas interpretações, segundo o autor (COSSON, 2014), acontecem em dois momentos: um interior e outro exterior. O interior é a parte da decifração e a apreensão da ideia global. Aqui o que conta é a experiência de leitura individual do leitor, que está ligada a sua subjetividade. Já no momento exterior, se dá o compartilhamento da interpretação, no qual é importante a coletividade, formando uma comunidade de leitores.

Esse é o momento em que acontece o registro das leituras que foram realizadas pelos alunos juntamente com a mediação do professor. Essa metodologia ajuda o aluno a ler e compreender melhor os textos literários e se tornar um leitor efetivo, ampliando seus conhecimentos e desenvolvendo sua criticidade, e dessa forma conseguir chamar a sua atenção. Ao conseguir envolver o aluno, a leitura acontece mais facilmente, assim como o entendimento do texto em todas as suas dimensões possíveis.

Por isso a escolarização da literatura não é ruim quando se trabalha numa perspectiva de ajudar o aluno no domínio da palavra com segurança e a fazer uso desse domínio nas mais diversas situações. Conforme Souza e Cosson (2011),

A leitura e o estudo dos textos literários é, em sala de aula, outra instância da escolarização. Não podemos negar que essa escolarização pode acontecer de maneira inadequada quando a escola utiliza um texto literário, deturpando-o, falseando-o, transformando o que é literário em pedagógico. Para se evitar esta inadequação, alguns cuidados devem ser tomados, tais como privilegiar o texto literário e prestar atenção ao escolher um texto do livro didático. (SOUZA e COSSON, 2011, P. 103)

Podemos perceber no trecho acima que a escola tem que saber utilizar estratégias adequadas para o estudo da literatura. Não se pode propagar a ideia de que o aluno deva ler por ler, pois existe e sempre vai existir uma relação entre a

literatura e a escola. Essa prática de leitura literária pode melhorar o desempenho dos alunos e despertar o gosto pela leitura, que pode ir além da escola, levando-a para a vida e se tornando permanente. A literatura, quando é ensinada de modo adequado, consegue cumprir seu papel na escola. Conforme Cosson,

O primeiro espaço da literatura na sala de aula é o lugar do texto, da leitura do texto literário. Tudo se inicia com o imprescindível e motivado contato com a obra. Ler o texto literário em casa, na biblioteca ou em sala de aula, silenciosamente ou em voz alta, com ou sem a ajuda do professor, permite o primeiro encontro do leitor com o texto. Um encontro que pode resultar em recusa da obra lida – que deve ser respeitada – ou em interrogação ou admiração – que devem ser exploradas. É essa exploração que constitui a atividade da aula de literatura, o espaço do texto literário em sala de aula. (COSSON, 2010, P. 57)

Isso quer dizer que a leitura do texto literário deve ser desenvolvida na escola, pois é nela que a aprendizagem deve acontecer. E quando o professor estimula o desenvolvimento da leitura de textos literários, ele está contribuindo para a ampliação do acervo textual dos alunos, como também ampliando seu conhecimento de mundo, e seu desenvolvimento enquanto pessoa, melhorando seu repertório discursivo. Esse é o papel que o professor deve desempenhar na sala de aula para ajudar o aluno no processo de ensino aprendizagem. Porque o que atrapalha o processo do ensino da leitura literária em sala de aula é o modo como o texto está sendo trabalhado.

O letramento literário precisa do espaço da escola para acontecer, até porque muitas vezes o aluno não tem muito acesso aos livros fora da escola, geralmente ela é o lugar em que se dá esse acesso, embora este não baste, é preciso ensiná-lo a ler na forma mais ampla que der. Conforme Cosson (2014),

[...] aprendemos a ler literatura do mesmo modo como aprendemos tudo mais, isto é, ninguém nasce sabendo ler literatura. Esse aprendizado pode ser bem ou mal sucedido, dependendo da maneira como foi efetivado, mas não deixará de trazer consequências para a formação de leitor (COSSON, 2014, p.29).

Portanto, o letramento literário é importante no processo educativo pois a leitura não fica apenas no deleite e no prazer. O letramento que se faz através de textos literários tem como objetivo assegurar a efetivação da leitura. Para isso é necessário

que alguns procedimentos metodológicos sejam utilizados, a exemplo da sequência básica, a fim de que esse processo de letramento seja alcançado.

1.1.2 O ensino da leitura literária no Ensino Fundamental II e Os Parâmetros Curriculares Nacionais

A criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais se dá no ano de 1997, com os PCN para 1ª a 4ª séries, e em 1998 é lançado os PCN para 5ª a 8ª séries. Os PCN foram criados para servir de base para o ensino fundamental, e dessa forma propiciar aos professores um apoio para a construção dos currículos escolares, ajudando no trabalho com os alunos, embora, na prática, eles não sejam utilizados por muitos professores. Também serve como eixo norteador para o projeto político pedagógico da escola e vem com uma proposta que busca a efetivação dos direitos do aluno. Como diz o próprio documento:

Para isso faz-se necessária uma proposta educacional que tenha em vista a qualidade da formação a ser oferecida a todos os estudantes. O ensino de qualidade que a sociedade demanda atualmente se expressa aqui como a possibilidade de o sistema educacional vir a propor uma prática educativa adequada às necessidades sociais, políticas, econômicas e culturais da realidade brasileira, que considere os interesses e as motivações dos alunos e garanta as aprendizagens essenciais para a formação de cidadãos autônomos, críticos e participativos, capazes de atuar com competência, dignidade e responsabilidade na sociedade em que vivem. (BRASIL, 1997, P. 27)

Os PCN foram transformados num conjunto de dez volumes, entre os quais temos o de Língua portuguesa, que surge como uma ideia avançada para o ensino dessa disciplina. O que nós pretendemos nesse subitem é analisar e comentar como os PCN veem o ensino da leitura literária no Ensino Fundamental. Logo em seu início, o documento explica sua razão de ser, falando sobre a importância de se pensar como deve ser o ensino da língua, por meio de uma proposta para se adequar aos novos tempos. Vejamos:

A nova realidade social, conseqüente da industrialização e da urbanização crescentes, da enorme ampliação da utilização da escrita, da expansão dos meios de comunicação eletrônicos e da incorporação de contingentes cada vez maiores de alunos pela escola regular colocou novas demandas e necessidades, tornando anacrônicos os métodos e conteúdos tradicionais. (BRASIL, 1988, P. 17)

Um pouco mais adiante, o documento vai tratar da necessidade de se trabalhar com os gêneros em sala de aula: “Nessa perspectiva, necessário contemplar, nas atividades de ensino, a diversidade de textos e gêneros, e não apenas em função de sua relevância social, mas também pelo fato de que textos pertencentes a diferentes gêneros são organizados de diferentes formas” (BRASIL, 1988, P. 23). Observamos então que o trato com o gênero textual será bastante difundido nesse documento. Sendo que o trabalho com o gênero literário não terá uma exploração como deveria, ele será tratado como mais um gênero.

No trecho em que fala das “Especificidades do texto literário”, a explanação se dá rápida e de modo superficial, voltando-se para as características que são dadas a esse tipo de texto, sem trabalhar suas especificidades, como, por exemplo, discutir o que é literatura, o que seria um texto literário. Já no início desse documento, temos a seguinte afirmação sobre o texto literário:

Constitui uma forma peculiar de representação e estilo em que predominam a força criativa da imaginação e a intenção estética. Não é mera fantasia que nada tem a ver com o que se entende por realidade, nem é puro exercício lúdico sobre as formas e sentidos da linguagem e da língua. Como representação um modo particular de dar forma às experiências humanas, o texto literário não está limitado a critérios de observação fatural (ao que ocorre e ao que se testemunha), nem às categorias e relações que constituem os padrões dos modos de ver a realidade e, menos ainda, às famílias de noções/conceitos com que se pretende descrever e explicar diferentes planos da realidade (o discurso científico). (BRASIL, 1988; P.26).

Mesmo reconhecendo o texto literário como tendo características próprias, o documento citado não vai discutir como deveria se dar esse trabalho, e inclui o gênero literário entre todos os outros gêneros, vendo-o como mais um tipo de texto. Não habilita o professor a trabalhar com a leitura literária de fato, auxiliando para retirar as dúvidas que o professor tenha para que possa fazer um trabalho de qualidade junto à comunidade escolar.

Não podemos deixar de perceber que os PCN são importantes para subsidiar os estudos com o texto de modo geral, porém, com relação à leitura literária, ficou um pouco a desejar, pois não oferece uma maneira sistemática de como trabalhar a obra literária. Conforme Segabinazi (2015), devemos ter cautela ao nos referirmos aos PCN (1988), pois o professor pode adotar o estudo apenas dos gêneros de um modo geral, sem trabalhar o gênero literário realmente. Segundo ela:

É preciso cautela quando nos referimos, mais especificamente, ao ensino fundamental, pois, há nos PCNs (1998), mesmo superando as problemáticas anteriormente citadas, o perigo da compreensão por parte dos professores de que o trabalho com o texto literário possa ser substituído pelos gêneros textuais. Esta é mais uma problemática que podemos constatar nas discussões recentes, pois já que o intuito é a adequação ao modelo de aula mais dinâmico e necessário na escola, os professores não devem tomar equivocadamente as orientações desse documento como instrumento para excluir o gênero literário da sala de aula. Afinal, quando se reduz o ensino de literatura aos estudos estruturais do gênero textual, é deixada de lado a natureza da leitura de uma obra que atenda às atuais expectativas do leitor em formação, isto é, que considere sua participação e construção de sentidos a partir do contato direto com as especificidades da leitura da obra literária. (SEGABINAZI, 2015, P. 70-71)

Mesmo que os PCN de Língua Portuguesa tenham o objetivo de auxiliar no ensino da língua, incluindo o da leitura, não temos percebido uma mudança tão efetiva no que se refere ao texto literário. O panorama com relação a formar leitores efetivos não tem avançado muito. Pinheiro (2014) observa que os PCN não conseguem ajudar a formar leitores como deveria ter acontecido: “Mesmo com a presença dos PCN, a partir do final do século XX, não se conseguiu imprimir ao ensino de literatura um caráter mais voltado para a formação dos leitores, como apontam inúmeras pesquisas recentes” (PINHEIRO, 2014, P.21).

A citação acima de Pinheiro faz referência ao Ensino Médio, mas essa sua colocação cabe perfeitamente para o Ensino Fundamental. Ou seja, não houve nos documentos oficiais um trabalho em que se perceba uma ênfase maior na literatura de um modo geral, nem nos documentos para o Ensino fundamental nem nos do Ensino Médio. Conforme Perrone-Moisés (2006),

Quem se dispuser a dedicar algumas horas à leitura dos documentos do Ministério da Educação brasileiro, referentes ao ensino da literatura terá algumas surpresas. A primeira é a de verificar que essa área não se chama mais “Língua e literatura”, mas “Linguagens, Códigos e suas Tecnologias”. O título já diz muito. (PERRONE-MOISÉS, 2006, P. 21)

Vemos aqui a importância dada às várias linguagens, às questões tecnológicas, mas não encontramos uma preocupação com o ensino da literatura. Não encontramos nos documentos menções à leitura literária, nem à palavra literatura de forma autônoma. Ou vai ser colocada como mais um gênero ou será incluída entre as várias

linguagens. O lugar da literatura nos documentos oficiais para o Ensino médio é o mesmo que já havíamos falado nos PCN do Ensino fundamental, ou seja, relegado a segundo plano, sem um papel condizente com a sua importância dentro do contexto escolar. Na citação a seguir percebemos o uso da literatura mais uma vez associada aos gêneros e com foco na intertextualidade e interdisciplinaridade.

O estudo dos gêneros discursivos e dos modos como se articulam proporciona uma visão ampla das possibilidades de usos da linguagem, incluindo aí o texto literário. Em uma situação de ensino, a análise da origem dos gêneros e tempos, no campo artístico, permite abordar a criação das estéticas que refletem no texto, o contexto do campo de produção, as escolhas estilísticas, marcadas de acordo com as lutas discursivas em jogo naquela época/local, ou seja, o caráter intertextual e intratextual (BRASIL, 2000, p. 8).

Novamente percebe-se que o documento não apresenta uma forma de como o professor possa trabalhar com o texto literário e, assim, ajudar na formação de leitores. Não dá indicações mais substanciais para que se possa fazer um trabalho mais efetivo. O documento não fornece uma metodologia que dê parâmetro ao professor para trabalhar com essa proposta apresentada nele. Tentando melhorar alguns aspectos do documento, o MEC apresenta uma revisão dos PCN com os PCN+ em 2002 e em 2006 com as orientações curriculares para o Ensino Médio. Nas Orientações Curriculares, percebe-se uma preocupação maior com o texto literário, embora como forma de apoio e não como uma disciplina autônoma.

Além disso, os PCN de um modo geral dão sempre ênfase à questão social sob vários aspectos, não que isso seja ruim, pois é um documento que está de acordo com os novos tempos, mas fica a desejar com relação ao trabalho com o texto literário. Mesmo quando menciona o ensino da literatura, o faz de modo limitado, privando, assim, o aluno do direito à literatura como parte de sua formação como ser humano. Segundo Antonio Candido, no texto “O direito à literatura”, o qual já comentamos aqui, a literatura:

É uma necessidade universal imperiosa, e porque fruí-la é um direito das pessoas de qualquer sociedade, desde o índio que canta as suas proezas de caça ou evoca dançando a lua cheia, até o mais requintado erudito que procura captar com sábias redes os sentidos flutuantes de um poema hermético. Em todos esses casos ocorre humanização e enriquecimento, da personalidade e do grupo, por meio de

conhecimento oriundo da expressão submetida a uma ordem redentora da confusão (CANDIDO, 1995, p. 179-180).

Perrone-Moisés (2006), afirma que nos documentos oficiais do MEC, a Literatura é uma disciplina ameaçada e ela segue dizendo que o que está em questão é a salvação da Literatura como disciplina escolar e universitária. E mais adiante ela justifica o porquê de se ensinar literatura:

A pergunta subjacente a todas essas propostas de diminuição ou de eliminação do ensino literário é a seguinte: por que ensinar literatura? Sintetizando o que tem sido dito por numerosos teóricos, responderíamos: 1) porque ensinar literatura é ensinar a ler, e sem leitura não há cultura; 2) porque os textos literários são aqueles em que a linguagem atinge seu mais alto grau de precisão e sua maior potência de significação; 3) porque a significação, no texto literário, não se reduz ao significado (como acontece nos textos científicos, jornalísticos, técnicos), mas opera a interação de vários níveis semânticos e resulta numa possibilidade teoricamente infinita de interpretações; 4) porque a literatura é um instrumento de conhecimento e de autoconhecimento; 5) porque a ficção, ao mesmo tempo que ilumina a realidade, mostra que outros mundos, outras histórias e outras realidades são possíveis, libertando o leitor de seu contexto estreito e desenvolvendo nele a capacidade de imaginar, que é um motor das transformações históricas; 6) porque a poesia capta níveis de percepção, de fruição e de expressão da realidade que outros tipos de texto não alcançam (PERRONE-MOISÉS, 2006, P. 27-28).

É por ter a capacidade de humanizar e mostrar o mundo mais compreensível aos nossos olhos que a literatura precisa estar presente no espaço escolar. Podemos perceber o quanto é importante o ensino da literatura, como também a leitura do texto literário para a formação de leitores críticos. E, assim, através da leitura do texto literário, o aluno possa compreender os sentidos do texto, de si mesmo como também do meio social em que vive.

1.1.3 O ensino da leitura literária no Ensino Fundamental II e a Base Nacional Comum Curricular

A versão final da BNCC foi homologada pelo Ministro da Educação, Mendonça Filho, em 20 de dezembro de 2017 e deverá ser totalmente implantada em dois anos. Esse documento só teve a versão final após duas versões e essa é a terceira. Será

um documento norteador para o professor da educação básica que lhe servirá como norte em sala de aula. Portanto é de muita importância para o direcionamento das práticas pedagógicas dos docentes.

Esse documento traz o que deve ser o conteúdo mínimo a ser ensinado nas escolas públicas e privadas e serve para toda educação básica. É um documento também voltado para a preocupação com o social e com as novas mídias. Vejamos um trecho a seguir do documento sobre os anos finais do ensino fundamental:

Atenta a culturas distintas, não uniformes nem contínuas dos estudantes dessa etapa, é necessário que a escola dialogue com a diversidade de formação e vivências para enfrentar com sucesso os desafios de seus propósitos educativos. A compreensão dos estudantes como sujeitos com histórias e saberes construídos nas interações com outras pessoas, tanto do entorno social mais próximo quanto do universo da cultura midiática e digital, fortalece o potencial da escola como espaço formador e orientador para a cidadania consciente, crítica e participativa. Nessa direção, no Ensino Fundamental – Anos Finais, a escola pode contribuir para o delineamento do projeto de vida dos estudantes. (BNCC, 2017, p. 57-58)

Em tese, a BNCC tem como objetivo principal garantir que cada estudante em qualquer parte do país que ele mora, tenha acesso ao conjunto de conhecimentos necessários a que todos os estudantes têm direitos. E assim tentar reduzir as desigualdades de ensino entre a rede pública e a privada como também entre regiões, ou seja, diminuir as desigualdades de aprendizado. Falamos em “tese” porque ainda não podemos saber na prática a eficácia desse documento, já que ele ainda não está implementado. Esse documento já estava previsto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)¹ como podemos ver abaixo:

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). Este documento normativo aplica-se exclusivamente à educação escolar, tal como a define o § 1º do Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), e está orientado pelos princípios éticos, políticos e

¹ BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 23 de dezembro de 1996.

estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, como fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN) (BNCC, 2017, p. 7).

A BNCC propõe que durante a Educação Básica haja o desenvolvimento de dez competências: “...as aprendizagens essenciais definidas na BNCC devem concorrer para assegurar aos estudantes o desenvolvimento de dez competências gerais, que consubstanciam, no âmbito pedagógico, os direitos de aprendizagem e desenvolvimento” (BNCC, 2017, p. 8).

A língua Portuguesa está inserida na área de linguagens, a qual se compõe dos seguintes componentes curriculares: Língua Portuguesa, Arte, Educação Física e Língua Inglesa nos anos finais. São seis as competências que deverão ser desenvolvidas nessa área. Citaremos três das seis competências específicas de linguagens para o ensino fundamental, por estarem mais em conformidade com a proposta de leitura literária que estamos desenvolvendo nesse trabalho de intervenção. Vejamos abaixo as três:

1. Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.

2. Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.

(...)

5. Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas. (BNCC, 2017, p. 63).

A BNCC coloca o texto como elemento principal das práticas de linguagem para as aulas de língua portuguesa, sendo que o texto não é visto apenas na modalidade verbal, mas também, em suas muitas modalidades. Ela faz uma divisão dos

conhecimentos nos seguintes eixos: oralidade, leitura/escuta, produção (escrita e semiótica) e análise linguística/semiótica. Conforme a BNCC:

O Eixo Leitura compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação, sendo exemplos as leituras para: fruição estética de textos e obras literárias; pesquisa e embasamento de trabalhos escolares e acadêmicos; realização de procedimentos; conhecimento, discussão e debate sobre temas sociais relevantes; sustentar a reivindicação de algo no contexto de atuação da vida pública; ter mais conhecimento que permita o desenvolvimento de projetos pessoais, dentre outras possibilidades (BNCC, 2017, p. 69).

Sendo assim percebemos a literatura quando é mencionada não tem um espaço específico, ela está atrelada a outras atividades. Na BNCC não é dado a literatura um tratamento prioritário como ao que é dado ao uso do digital. Não há uma preocupação para a formação do leitor de literatura. Como sabemos a literatura é muito importante para a formação do pensamento crítico, oportunizando o conhecimento que leva a reflexão. Através dela conhecemos a nós mesmos e o mundo do qual fazemos parte. Com relação as competências específicas em língua portuguesa nos anos finais, a BNCC diz o seguinte:

[...] componente curricular de Língua Portuguesa deve garantir aos estudantes o desenvolvimento de competências específicas. Vale ainda destacar que tais competências perpassam todos os componentes curriculares do Ensino Fundamental e são essenciais para a ampliação das possibilidades de participação dos estudantes em práticas de diferentes campos de atividades humanas e de pleno exercício da cidadania (BNCC, 2017, p. 84).

Essas competências são dez, porém apenas um item faz uma alusão direta ao texto literário, é o único que vai tratar desse assunto. Percebemos, assim, que o espaço da literatura vem diminuindo cada vez mais nos documentos oficiais e conseqüentemente nas aulas de língua portuguesa. Vejamos o que diz a competência 9 Específica de Língua Portuguesa na BNCC. Segundo ela os alunos devem:

Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura. (BNCC, 2017, p. 85).

Sendo assim a literatura serve para ampliar a visão de mundo do leitor, através do sonho, do imaginário, objetivando a construção do conhecimento, melhorando o senso crítico do aluno. Porém o texto não mostra que estratégias devemos usar no trato do texto literário.

Na BNCC, os eixos se relacionam com práticas de linguagem, as quais são organizadas por campo de atuação. São cinco os campos de atuação: Campo da vida cotidiana (somente anos iniciais), Campo artístico-literário, Campo das práticas de estudo e pesquisa e da vida pública (este último campo divide-se nos anos finais do ensino fundamental em jornalístico/midiático e de atuação na vida pública).

A Literatura, portanto é colocada como um campo de atuação, chamado de Campo Artístico/literário. Nesse Campo, a BNCC ressalta a experiência com a arte literária. Esse campo destaca a questão da formação do leitor a partir da fruição e dessa forma tornar evidente a condição estética da leitura e da escrita literária. Vejamos o que diz no trecho que fala sobre esse campo:

No âmbito do Campo artístico-literário, trata-se de possibilitar o contato com as manifestações artísticas em geral, e, de forma particular e especial, com a arte literária e de oferecer as condições para que se possa reconhecer, valorizar e fruir essas manifestações. Está em jogo a continuidade da formação do leitor literário, com especial destaque para o desenvolvimento da fruição, de modo a evidenciar a condição estética desse tipo de leitura e de escrita. Para que a função utilitária da literatura – e da arte em geral – possa dar lugar à sua dimensão humanizadora, transformadora e mobilizadora, é preciso supor – e, portanto, garantir a formação de – um leitor-fruidor, ou seja, de um sujeito que seja capaz de se implicar na leitura dos textos, de “desvendar” suas múltiplas camadas de sentido, de responder às suas demandas e de firmar pactos de leitura. (BNCC, 2017, p. 136).

Vejamos que o documento ressalta a continuidade do processo de formação do leitor literário, que já foi iniciado nos anos iniciais. É preciso ter o cuidado para que a palavra “fruição” não seja confundida apenas com uma leitura recreativa, sem nenhuma atribuição de sentido. Pois sabemos que o texto literário possibilita criar e recriar mundos, viver experiências através das histórias dos personagens, propiciando relações de sentido com o que foi lido e com o que foi vivido pelo leitor. Portanto é preciso ficar atento e ter cuidado para que essa leitura não seja vista como apenas para o prazer e o deleite. A escola é o local para se formar leitor, portanto “...a leitura

literária que a escola objetiva processar visa mais que simplesmente ao entretenimento que a leitura de fruição proporciona” (COSSON, 2014, P. 26).

Mesmo que a literatura não tenha um espaço maior do que deveria ter dentro da BNCC, não quer dizer que o ensino da literatura tenha ficado fora dela. Percebemos que há uma retomada da leitura literária em vários momentos da BNCC. E por ser um documento norteador, seria bom que ele fosse tomado como parâmetro para os professores prepararem seus planos de aula e conseqüentemente adotassem em suas aulas o trabalho com o texto literário, numa visão mais ampla do que já é contemplado nos documentos oficiais, portanto esperamos que ele contribua com as práticas pedagógicas dos professores.

O que podemos perceber lendo os dois documentos é que a leitura literária não é o elemento central na BNCC como também não o é nos PCN, embora ela perpassa em alguns momentos por esses documentos. Nesses documentos o texto é a unidade básica, sendo que trabalhado mais do ponto de vista dos gêneros textuais e na BNCC há uma grande ênfase dada aos gêneros digitais.

O professor deve complementar esses documentos, utilizando estratégias para desenvolver em sala de aula a leitura literária no sentido de formar leitores proficientes e assim promover o letramento literário. Pois a partir da leitura de um texto literário o aluno pode desenvolver diversas habilidades, além de atribuir sentidos ao texto lido.

2. CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE A CRÔNICA

A palavra crônica tem suas origens na palavra grega “*khronos*” e no latim “*chronikós*”, que significa tempo. No latim, a palavra crônica existia para dar nome ao gênero que registrava os acontecimentos históricos e verídicos. Durante o mercantilismo e com a expansão marítima para descobrir novos continentes, a crônica torna-se importante para os cronistas de viagem relatarem as terras encontradas. A crônica histórica começa no Brasil, quando Pero Vaz de Caminha manda em 1500 para D. Manuel, o rei de Portugal, a carta sobre o “descobrimento” do Brasil, falando das terras encontradas por aqui e também falando do dia a dia dos habitantes que ele encontrou nas novas terras. Esse tipo de crônica é conhecida também como crônicas de viagem. A carta é considerada o primeiro texto escrito no Brasil, e sobre ele, de acordo com Sá, “O texto de Caminha é criação de um cronista no melhor sentido literário do termo, pois ele recria com engenho e arte o que ele registra no contato direto com os índios e seus costumes, naquele instante de confronto entre a cultura europeia e a cultura primitiva.” (SÁ, 1987, p.5-6). No entanto, a crônica contemporânea não tem mais essa característica histórica, embora, a sua relação com o tempo não tenha deixado de existir. Davi Arrigucci (1987) nos fala dessa característica:

São vários os significados da palavra. Todos, porém, implicam a noção de tempo, presente no próprio termo, que procede do grego *chronos*. Um leitor atual pode não se dar conta desse vínculo de origem que faz dela uma forma do tempo e da memória, um meio de representação temporal dos eventos passados, um registro da vida escoada. Mas a crônica sempre tece a continuidade do gesto humano na tela do tempo (...) trata-se de um relato em permanente relação com o tempo, de onde tira como memória escrita sua matéria principal, o que fica do vivido - uma definição que se poderia aplicar igualmente ao discurso da História, a que um dia ela deu lugar. Assim, a princípio ela foi crônica histórica como a medieval: uma narração de fatos históricos segundo uma ordem cronológica, conforme dizem os dicionários, e por essa via se tornou uma precursora da historiografia moderna. (ARRIGUCCI, 1987, p. 51-52).

Com o aparecimento da imprensa, a crônica aparece nos jornais como folhetim, ou seja, era um artigo de roda pé, que falava das coisas do dia a dia. Isso se dá por volta do século XIX, na França. Conforme diz Marlyse Meyer (1992, p. 96), “De início

– começos do século XIX – le feuilleton designa um lugar preciso do jornal: o rez-de-chaussée – rés-do-chão, rodapé, geralmente da primeira página. Tem uma finalidade precisa: é um espaço vazio destinado ao entretenimento.” É por meio desses espaços nos jornais que a crônica ganha fôlego aqui no Brasil. Segundo Antonio Candido no texto “A vida ao rés-do-chão” (1992, p.15), “No Brasil ela tem uma boa história, e até se poderia dizer, sob vários aspectos é um gênero brasileiro, pela naturalidade com que se aclimatou aqui e a originalidade que aqui se desenvolveu”.

Nessa época, século XIX, muitos escritores brasileiros começaram sua carreira nos jornais como folhetinistas. É nesse espaço que muitos autores brasileiros desenvolvem um estilo próprio de escrever. Eram autores que viviam entre o jornal e a literatura. Entre eles temos José de Alencar, Machado de Assis, Olavo Bilac e alguns outros, que através do seu estilo e da maneira como utilizam a linguagem conseguem deixar suas marcas. Eles falavam das coisas simples e banais, mas colocavam um tom subjetivo ao que diziam. E é assim que surge o gênero crônica nos moldes que temos hoje, “filha do jornal e da era da máquina”, como diz Antonio Candido (1992, p.14)

No século XX, temos outros escritores que também conseguem se sobressair escrevendo crônicas em consonância com a escrita dos outros gêneros, que os tornaram mais conhecidos, mas que nem por isso deixavam de escrever suas crônicas diárias nos jornais. É quando surge, nessa época, Rubem Braga, o cronista que viveria apenas para escrever crônicas. De acordo com Antonio Candido,

Acho que foi no decênio de 1930 que a crônica moderna se consolidou no Brasil, como gênero bem nosso, cultivado por um número crescente de escritores e jornalistas, com os seus rotineiros e os seus mestres. Nos anos 30 se afirmaram Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e apareceu aquele que de certo modo seria o cronista, voltado de maneira praticamente exclusiva para este gênero: Rubem Braga. (CANDIDO, 1992, P. 17)

A crônica é considerada um gênero híbrido porque ela transita entre o jornalismo e a literatura. Outro espaço em que também podemos encontrar a crônica é nos livros. Segundo Afrânio Coutinho (Coutinho, 1986, p. 135), a crônica é “um gênero anfíbio que tanto pode viver na coluna de um jornal como na página de um livro”. Provavelmente ao passar do jornal para o livro ela ganhe mais perenidade, já

que o livro tem um caráter bem mais duradouro em relação ao jornal. Antonio Candido ressalta em seu texto (1992) que a crônica:

Não foi feita originalmente para o livro, mas para essa publicação efêmera que se compra num dia e no dia seguinte é usada para embrulhar um par de sapatos ou forrar o chão da cozinha. Por se abrigar nesse veículo transitório, o seu intuito não é o dos escritores que pensam em “ficar”, isto é, permanecer na lembrança e na admiração da posteridade; e a sua perspectiva não é a dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão. Por isso mesmo, consegue quase sem querer transformar a literatura em algo íntimo com relação à vida de cada um; e, quando passa do jornal ao livro, nós verificamos meio espantados que a sua durabilidade pode ser maior do que ela própria pensava. Como no preceito evangélico, aquele que quer salvar-se acaba por perder-se; e aquele que não teme perder-se acaba por se salvar. No caso da crônica, talvez como prêmio por ser tão despreziosa, insinuante e reveladora. E também porque ensina a conviver intimamente com a palavra, fazendo que ela não se dissolva de todo ou depressa demais no contexto, mas ganhe relevo, permitindo que o leitor a sinta na forma dos seus valores próprios. (CANDIDO, 1992, P. 14).

Assim como os jornais, uma das características da crônica é a sua transitoriedade, porém, elas conseguem ir além dessa transição, pois os escritores conseguiram ampliar esse conceito de transitório a partir da maneira como são escritos os textos e, assim, se aproximam cada vez mais da literatura, passando então do jornal para o livro, ela ganha perenidade. Arriguci diz:

À primeira vista, como parte de um veículo como o jornal, ela parece destinada à pura contingência, mas acaba travando com esta um arriscado duelo, de que, às vezes, por mérito literário intrínseco, sai vitoriosa. Não raro ela adquire assim, entre nós, a espessura de texto literário, tornando-se, pela elaboração da linguagem, pela complexidade interna, pela penetração psicológica e social, pela força poética ou pelo humor, uma forma de conhecimento de meandros sutis de nossa realidade e de nossa história. (ARRIGUCI, 1987, p. 53).

Notamos, assim, que a crônica adquire o status de literatura a partir do momento em que o cronista fala das coisas do dia a dia, mas não o faz de qualquer jeito. Mesmo tratando do trivial, ela consegue fazer o leitor refletir sobre as questões da vida, conseguindo adentrar no psicológico e no social e dessa forma ela se aproxima do leitor atual. Ela conseguiu essa transposição de um texto jornalístico para a literatura pela forma como apresenta os fatos do cotidiano. E como ela conseguiu

ser reconhecida como um gênero literário, nada mais justo que ela vá parar nos livros para que assim ela possa ficar para a posteridade.

Não resta dúvida que a crônica trata de fatos corriqueiros, das vivências das pessoas, porém é a forma como apresenta a palavra que faz a diferença. Através da palavra, o cronista tenta aproximar-se do leitor. Faz isso de modo sutil, subjetivo, poético, aproxima o leitor da crônica e assim ela “pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas. Ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e também nas suas formas mais fantásticas” (CANDIDO, 1992, P 14).

O cronista arruma as palavras, trabalha a linguagem e consegue inserir no texto o seu olhar pessoal e subjetivo. O desafio do cronista é conseguir transformar um fato cotidiano em algo que seja atraente para o leitor. De acordo com Arrigucci (1987), o cronista deve buscar uma saída literária, se não quiser naufragar agarrado ao efêmero. Vejamos:

Muito próximo do evento miúdo do cotidiano, o cronista deve de algum modo driblá-lo, se não quiser naufragar agarrado ao efêmero. Buscando uma saída literária, as margens de sua terra firme são bastante imprecisas: ele pode estender a ambiguidade à linguagem e às fronteiras do gênero, sem perder o nível de estilo adequado às pequenas coisas de que trata. Com isso, às vezes a prosa da crônica se torna lírica, como se estivesse tomada pela subjetividade de um poeta do instantâneo, que mesmo sem abandonar o ar de conversa fiada, fosse capaz de tirar o difícil do simples, fazendo palavras banais alçarem voo (ARRIGUCI, 1987, p. 55).

A crônica é, muitas vezes, chamada de gênero menor, mas isso é uma injustiça que ela sofre. Talvez tenha ganhado essa denominação pelo fato de não ter nascido nos livros e sim nos jornais, ao rés do chão, e porque os seus escritores não fazem parte dos cânones, mesmo que os grandes escritores tenham escrito crônicas ao mesmo tempo em que escreviam outros gêneros. E assim ajudaram a sedimentar a crônica aqui no Brasil, no entanto não se tornaram conhecidos exclusivamente devido ao fato de escreverem crônicas. Antonio Candido, no já citado “A vida ao rés-do-chão”, fala exatamente desse fato:

A crônica não é um “gênero maior”. Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes

romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece mesmo que a crônica é um gênero menor. “Graças a Deus”, seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica mais perto de nós. E para muitos pode servir de caminho não apenas para a vida, que ela serve de perto, mas para a literatura, como dizem os quatro cronistas deste livro na linda introdução ao primeiro volume da série. Por meio dos assuntos, da composição solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. Na sua despreensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorrateira, recuperar com a outra mão certa profundidade de significado e certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição (CANDIDO, 1992, P 14).

As crônicas hoje são veiculadas nos mais diversos veículos de comunicação. Além do jornal e do livro, estão nas revistas, sites e blogs, se aproximando ainda mais do leitor atual, principalmente do leitor jovem. Também encontramos hoje jovens escritores cronistas que têm como principal meio de veículo para divulgar os seus textos apenas a internet. Porém, o seu vínculo com o jornal não deixou de acontecer, esse ainda é um dos veículos do qual a crônica se utiliza para chegar até os leitores.

Outro espaço em que se encontra uma grande quantidade de crônicas atualmente é o livro didático. Num país em que os alunos muitas vezes não tem como comprar livros para lerem, essa é uma boa maneira de se levar textos aos alunos, embora as atividades referentes ao gênero nos livros didáticos nem sempre sejam muito estimulantes e também não quer dizer que assim possa formar leitores literários, mas dependendo de como o professor trabalhe com esse tipo de leitura, pode ser feito um trabalho efetivo com os alunos que tenha eficácia no sentido de formar leitores.

Optamos por trabalhar com a crônica pelo viés da literatura por acreditarmos que ela possa contribuir para a formação do leitor literário no espaço escolar, e que através desse gênero os alunos desenvolvam o hábito e o gosto pela leitura literária não só na escola, mas também, além dos muros da escola, no seu dia a dia, ajudando-os a se tornarem leitores proficientes. Segundo Filipouski:

[...] a crônica é um gênero de texto que procura contar ou comentar histórias da vida cotidiana. Histórias que podem ter acontecido com todo mundo, até com você mesmo, com pessoas de sua família ou com seus amigos. Mas uma coisa é acontecer, outra coisa é escrever aquilo que aconteceu. Então você deve ter notado também, ao ler a narração do fato, como ele ganha um interesse especial, produzido pela escolha e

pela arrumação das palavras. A crônica nos faz conferir, pensar, entender melhor o que se passa dentro e fora da gente. Isso sem dúvida é literatura (FILIPOUSKI e MARCHI, 2009, p. 85).

Isso quer dizer que o cronista conta coisas que podem ter acontecido com qualquer um. Porém o que faz a crônica ser um texto literário é a escolha das palavras, o modo como as palavras estão colocadas no texto e na sua arrumação, levando-nos a entender melhor o que se passa dentro e fora da gente.

2.1 A CRÔNICA NA SALA DE AULA PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES

A crônica deve estar presente na sala de aula, pois é um texto curto, de fácil leitura e que leva a reflexão. Os temas tratados são atuais e ela pode ser encontrada em vários veículos de comunicação. Como já foi mencionado aqui, os livros didáticos apresentam uma grande quantidade de crônicas em todas as séries do ensino fundamental e médio. Luiz Carlos Simon fala dessa importância da crônica na escola:

O trabalho com a crônica nos diversos níveis do ensino (fundamental, médio e superior) é algo que não deve ser descartado. O fato de ser a crônica um texto curto já constitui um trunfo para diversas situações pedagógicas em que o professor não dispõe de tempo para recorrer a textos mais longos. Além disso, não se trata meramente e apenas de um texto curto. Os assuntos abordados nas crônicas são muito variados: mulher, amor, cidade, infância, política são alguns dos temas usados e abusados pelos cronistas. Há, ainda, uma farta produção de textos que tratam do próprio fazer poético, do cotidiano do escritor e da ambiguidade experimentada pelo cronista entre o meio jornalístico e o universo literário. Os recursos linguísticos e literários utilizados também são diversificados, proporcionando aos leitores contato com formas ricas e múltiplas de elaboração da linguagem. A liberdade de que o cronista dispõe materializa-se muitas vezes através da concisão que conduz ao inesperado de um desfecho, de uma cena brevemente descrita, ou de algo que fica por dizer, algo a ser preenchido e completado pela imaginação e perspicácia do leitor. Em outras situações, é o lirismo que vem à tona, representado pelo uso da linguagem poética, termos e frases carregados de sensibilidade que poderiam frequentar versos escritos pelos melhores poetas. (SIMON, 2016, p.53)

A crônica, por ser um texto curto, pode ser lida mais rapidamente durante a aula e muitas vezes já é possível começar uma discussão sobre o tema do texto durante essa aula. Como quase sempre aborda fatos do cotidiano, o aluno pode se ver naquelas situações, estabelecendo uma sintonia entre o texto e ele mesmo, já que

os assuntos abordados são significativos para ele, porque fazem parte da sua realidade. Os temas, algumas vezes, são tratados com humor, outras vezes com lirismo e às vezes de ambos os modos. Essas características contribuem para os alunos refletirem sobre seus comportamentos e sobre suas vidas. Conforme Antonio Candido, a literatura contribui para a humanização do leitor. E é pensando nessa força humanizadora da literatura que a crônica foi trabalhada, pois ela prepara para a vida, estimulando a reflexão e contribuindo para a humanização. No texto “A vida ao rés-do-chão”, ele fala dessa humanização através da crônica e de sua importância na sala de aula, bem como, afirma que a função humanizadora da literatura não está apenas nos grandes textos literários, nem na utilização “dos adjetivos mais retumbantes e das construções mais raras”. Ao ver do referido crítico,

O seu grande prestígio atual é um bom sintoma do progresso de busca da oralidade na escrita, isto é, na quebra do artifício e aproximação com o que há de mais natural no modo de ser do nosso tempo. E isto é humanização da melhor. Quando vejo que os professores de agora fazem os alunos lerem cada vez mais as crônicas, fico pensando a importância deste agente de uma visão mais moderna na sua simplicidade reveladora e penetrante [...] Quero dizer que por serem leves e acessíveis talvez elas comuniquem, mais do que poderia fazer um estudo intencional, a visão humana do homem na sua vida de todo o dia. É importante insistir no papel da simplicidade, brevidade e graça próprias da crônica. Os professores tendem muitas vezes a incutir nos alunos uma ideia falsa de seriedade, uma noção duvidosa de que as coisas sérias são graves, pesadas, e que conseqüentemente a leveza é superficial. Na verdade, aprende-se muito quando se diverte, e aqueles traços constitutivos da crônica são um veículo privilegiado para mostrar de modo persuasivo muita coisa que, divertindo, atrai, inspira e faz amadurecer a nossa visão das coisas. (CANDIDO, 1992, p 16 e 19)

E por tratar de temas os mais diversos possíveis, usando uma linguagem mais próxima da oralidade, é que ela se aproxima do leitor dos nossos tempos, porém isso não quer dizer que o escritor de crônicas utilize a língua de qualquer maneira, mas sim, que ele não utilizará a rigidez da norma culta, valendo-se de uma linguagem que tem mais a ver com o dia a dia dos seus leitores e podendo, portanto, atrair a atenção dos mesmos. Os recursos linguísticos são muito bem aproveitados pelos cronistas. Jorge de Sá especifica bem essa questão quando ele diz que

[...]há uma proximidade maior entre as normas da língua escrita e da oralidade, sem que o narrador caia no equívoco de compor frases

frouxas, sem a magicidade da elaboração, pois ele não perde de vista o fato de que o real não é meramente copiado, mas recriado. O coloquialismo, portanto, deixa de ser a transcrição exata de uma frase ouvida na rua, para ser a elaboração de um diálogo entre o cronista e o leitor, a partir do qual a aparência simplória ganha sua dimensão exata. (SÁ, 1987, p. 11)

Na escola, particularmente no ensino fundamental, é bom que se use textos mais próximos dos alunos para, a partir daí, levá-los aos textos mais complexos. Pois à medida que o leitor vai tendo contato com os mais variados tipos de leitura, ele pode se tornar um leitor mais experiente e, dessa forma, ficar mais preparado para a leitura dos cânones. Segundo Cosson,

A diversidade é fundamental quando se compreende que o leitor não nasce feito ou que o simples fato de saber ler não transforma o indivíduo em leitor maduro. Crescemos como leitores quando somos desafiados por leituras progressivamente mais complexas. Portanto, é papel do professor partir daquilo que o aluno já conhece para aquilo que ele desconhece, a fim de se proporcionar o crescimento do leitor por meio da ampliação de seus horizontes de leitura [...] Ao selecionar o texto, o professor não deve desprezar o cânone, pois é nele que encontrará a herança cultural de sua comunidade. Também não pode se apoiar apenas na contemporaneidade dos textos, mas sim em sua atualidade. Do mesmo modo, precisa aplicar o princípio da diversidade entendido, para além da simples diferença entre os textos, como a busca da discrepância entre o conhecido e o desconhecido, o simples e o complexo, em um processo de leitura que se faz por meio da verticalização de textos e procedimentos. É assim que tem lugar na escola o novo e o velho, o trivial e o estético, o simples e o complexo e toda a miríade de textos que faz da leitura literária uma atividade de prazer e conhecimento singulares. (COSSON, 2014, P. 35-36)

É necessário, então, que o professor procure trabalhar com essa diversidade de textos, para que assim o aluno possa alcançar um patamar de leitura mais densa. O texto literário é sempre rico e, ao entrar no mundo mágico da leitura, o aluno estará entrando num mundo diferente do que ele vive, conseguindo sair do seu dia a dia para ir a vários outros lugares. Por isso o trabalho com textos diversificados é interessante na escola para atrair os alunos. Portanto, dependendo da abordagem do professor, esse trabalho poderá deixar bons resultados. Para Cosson (2014), a crônica ajuda no processo de letramento por suas características já elencadas aqui. Segundo ele, o ensino da literatura no ensino fundamental deve comportar textos que sejam “curtos, contemporâneos e “divertidos”. Não é sem razão, portanto, que a crônica é um dos gêneros favoritos da leitura escolar.” (COSSON, 2014, P. 21).

Portanto o professor deve estar apto a trabalhar com os alunos dessa fase de ensino, pois pela pouca maturidade que têm, tanto na vida como em termos de leitura, precisam do auxílio do professor. Mas isso não quer dizer que o professor é aquele que é o detentor do saber pleno e que apenas a voz dele é a que vale e por isso trará para a sala apenas as leituras que ele acredita serem as melhores a serem trabalhadas na sala de aula. Muitas vezes, é necessário um diálogo com os alunos para saber o que eles teriam como sugestão de leitura e a partir daí arranjar um meio termo. É bom, portanto, haver um compartilhamento de leituras. Por isso as metodologias adotadas são tão necessárias para ajudar nesse processo de ensino aprendizagem. Segundo Pinheiro:

Para “reconhecer a voz dos jovens” se faz necessário buscar metodologias que favoreçam um diálogo efetivo do leitor com o texto, e que reveja o lugar do professor no processo de ensino da leitura literária. Neste sentido deve-se buscar mais um papel de mediador de leitura, de quem suscita questões que possam levar o outro a se envolver com o texto. Trata-se de uma postura mais democrática, tanto no que se refere ao respeito ao ponto de vista do outro – o que não significa aceitação passiva de tudo que se afirmar sobre o texto – e, ao mesmo tempo, exercitar a capacidade de aprender com a experiência de leitura do outro. (PINHEIRO, 2014, P. 22)

Porém, o professor deve ter cuidado para não cair no outro extremo, que é o de levar para a sala de aula apenas as leituras que já costumam interessar ao aluno, pois assim ele não estará contribuindo com o processo de ampliação do repertório de leituras do mesmo.

Por isso que a crônica é um tipo de leitura interessante para o trabalho com os alunos nas aulas de leitura literária, já que é um texto prima pelo trabalho estético com a linguagem. Os temas são abordados a partir da subjetividade do autor, utilizando muitas vezes uma imagem metafórica e poética. Além das inúmeras vezes em que os temas são abordados com humor e ironia.

Trabalhar com textos curtos, como por exemplo, a crônica, não quer dizer que o professor esteja trabalhando com textos que não tenham profundidade no tema e que não possa ser complexo. A diferença é que, ao trabalhar com textos mais curtos, o professor pode utilizar uma metodologia mais dinâmica e aprofundar mais o trabalho com esse texto, dedicando inclusive uma quantidade maior de aulas. Por outro lado, o aluno, ao ter ao seu alcance textos que façam sentido para ele, que tratem de temas

de acordo com o seu cotidiano, vai lhe despertar mais interesse. Mais uma vez enfatizando que a postura do professor faz muita diferença. É importante que haja uma interação entre o professor, o aluno e o texto. Isto é estar em consonância com as novas práticas de ensino. Segundo Rezende (2013),

Trata-se de um deslocamento considerável ir do ensino de literatura para a leitura literária, uma vez que o primeiro se concentra no polo do professor e o segundo, no polo do aluno. Esse deslizamento de ênfase não se inscreve apenas no âmbito da literatura, mas se encontra no âmago das tendências pedagógicas contemporâneas. À transmissão de conteúdos se contrapõem as habilidades e competências, e a resultados e produtos se sobrepõe o processo. Isso pressupõe que a formação do aluno não se perfaz mais num só sentido, ou seja, a partir do que o professor ensina, desconsiderando se o aluno de fato aprende: acompanhar o processo de aprendizagem do aluno e dar a ele o tempo necessário é mais importante do que cobrir uma lista de conteúdos previamente definida. (REZENDE, 2013, P. 106-107)

Então, é importante haver uma prática de leitura na escola para assim poder fomentar a leitura literária no aluno de maneira prazerosa, mas também que possa levar ao conhecimento e à reflexão. O letramento literário através da crônica ajudará nesse sentido de ampliar a leitura literária dos educandos, utilizando-a como fonte de conhecimento, tornando-os leitores efetivos dos mais variados gêneros.

2.2 A CRÔNICA NA OLIMPÍADA DE LÍNGUA PORTUGUESA

O Ministério da Educação (MEC) criou juntamente com a Fundação Itaú Social (FIS) e com a coordenação técnica do Centro de Estudos e Pesquisa em Educação (CENPEC), a “Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro” (OLPEF). Essa olimpíada tem o intuito de ajudar os alunos das escolas públicas a melhorarem o ensino da língua materna, principalmente o processo de leitura e escrita, contribuindo para um melhor desempenho escolar. Ela acontece de dois em dois anos em forma de concurso, premiando os melhores textos em quatro categorias: poema (5º e 6º anos do Ensino Fundamental), memórias literárias (7º e 8º anos do Ensino Fundamental), crônica (9º do Ensino Fundamental e 1º ano do Ensino Médio) e artigo de opinião (2º e 3º anos do Ensino Médio). Premia os melhores textos em cada gênero trabalhado com o tema “O lugar onde vivo”, que desde sua criação utiliza o mesmo tema. A OLPEF também oferece material didático em forma de kits, nos quais constam

o caderno do professor, e uma coletânea de textos que tanto vem impressa como em forma de CD. Esse material serve de apoio para o professor poder desenvolver seu trabalho em sala de aula.

O caderno do professor traz uma sequência didática baseada nos estudos de Bernard Schneuwly e Joaquim Dolz (2004). Sequência esta que é um conjunto de atividades organizadas e ligadas entre si para ensinar um conteúdo. De acordo com (DOLZ, NOVERRAZ E SCHNEUWLY), sequência didática “é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito.” (DOLZ, NOVERRAZ E SCHNEUWLY, 2004, p. 96). E que tem como objetivo “ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação.” (DOLZ, NOVERRAZ E SCHNEUWLY, 2004, p. 97). De acordo com Dolz (2010), a OLPEF tem objetivos ambiciosos. Segundo ele,

Quais são esses objetivos? Primeiro, busca-se uma democratização dos usos da língua portuguesa, perseguindo reduzir o “iletrismo” e o fracasso escolar. Segundo, procura-se contribuir para melhorar o ensino da leitura e da escrita, fornecendo aos professores material e ferramentas, como a sequência didática – proposta nos Cadernos –, que tenho o prazer de apresentar. Terceiro, deseja-se contribuir direta e indiretamente para a formação docente. Esses são os três grandes objetivos para melhorar o ensino da escrita, em um projeto coletivo, cuja importância buscaremos mostrar a seguir. (DOLZ, in CENPEC, 2014, p.9)

Nosso trabalho se restringirá a comentar sobre o gênero crônica, pois é o objeto de nosso estudo. No material que é enviado para o professor, há um kit com dez exemplares de crônica, além do caderno do professor que contém várias crônicas para ajudar nas oficinas. A partir das primeiras leituras e das atividades propostas nas oficinas, os alunos vão se familiarizando com o gênero. Tendo como parâmetro o caderno de formação, o professor vai avançado no trabalho de leitura, escrita e reescrita de acordo com a sequência didática proposta no caderno. Espera-se que haja uma progressão da aprendizagem em cada oficina trabalhada. As oficinas são um total de onze. De acordo com o caderno destinado aos professores:

A Olimpíada é um programa de caráter bienal e contínuo. Constitui uma estratégia de mobilização que proporciona, aos professores da rede pública, oportunidades de formação. Em, anos ímpares, atende diversos agentes educacionais: técnicos de secretarias de educação

que atuam como formadores, diretores, professores. Em anos pares, promove um concurso de produção de texto para alunos do 5º- ano do Ensino Fundamental ao 3º- ano do Ensino Médio. Este *Caderno do Professor* traz uma sequência didática desenvolvida para estimular a vivência de uma metodologia de ensino de língua que trabalha com gêneros textuais. As atividades aqui sugeridas propiciam o desenvolvimento de habilidades de leitura e de escrita previstas nos currículos escolares e devem fazer parte do seu dia a dia como professor. Ao realizá-las, você estará trabalhando com conteúdos de língua portuguesa que precisam ser ensinados durante o ano letivo. O tema do concurso é “O lugar onde vivo” e escrever sobre isso requer leituras, pesquisas e estudos, que incitam um novo olhar acerca da realidade e abrem perspectivas de transformação. (CENPEC, 2014, P. 3)

Mesmo que a proposta do nosso trabalho não tenha como foco a escrita, e sim a leitura, sabemos da importância da primeira para o processo de ensino aprendizagem tanto quanto a leitura, pois não podemos dissociá-las. Entre os gêneros estudados na olimpíada, a crônica talvez seja uma das mais complexas a se ensinar a escrever. É mais fácil para o aluno ler as crônicas, conversar sobre os temas dos quais ela trata, do que escrevê-las, até porque a dificuldade de escrever acontece com outros gêneros. Mesmo que a crônica trate de temas atuais e do cotidiano dos alunos, não é fácil conseguir que ele escreva levando em consideração os elementos estruturais desse tipo de texto, pois corre o perigo de ser apenas um relato de uma situação, ou um texto descritivo de alguma cena, sem que o aluno consiga construir textos que levem à reflexão. E mesmo que o programa ajude na formação do professor através do caderno destinado ao mesmo, muitas vezes ele não tem tanta familiaridade com o gênero, e nesse caso ele deve ir em busca dessa familiaridade, através de estudos teóricos. Por outro lado, essa iniciativa do MEC é um importante passo no sentido de melhorar a leitura e a escrita dos alunos, já que tem como objetivo estimular o gosto pela leitura e a escrita através da crônica.

O caderno sobre a crônica fala um pouco da história do gênero, de alguns cronistas e de suas características. E já inicia com uma crônica de Ivan Ângelo que tem como título “Sobre a crônica”, na qual ele comenta sobre a própria crônica e da dificuldade em defini-la. E, assim, durante as oficinas, os alunos vão conhecendo os diferentes tons da crônica:

A crônica é um gênero que retrata os acontecimentos da vida em tom desprezioso, ora poético, ora filosófico, muitas vezes divertido. Nossas crônicas são bastante diferentes daquelas que circulam em

jornais de outros países. Lá são relatos objetivos e sintéticos, comentários sobre pequenos acontecimentos, e não costumam expressar sentimentos pessoais do autor. Os cronistas brasileiros exprimem vivências e sentimentos próprios do universo cultural do país. No Brasil, há vários modos de escrevê-las. Se usa o tom da poesia, o autor produz uma prosa poética, como algumas crônicas escritas por Paulo Mendes Campos. Mas elas podem ser escritas de uma forma mais próxima ao ensaio, como as de Lima Barreto; ou a que você acabou de ler, de Ivan Ângelo; ou ser narrativas, como as de Fernando Sabino. As crônicas podem ser engraçadas, puxando a reflexão do leitor pelo jeito humorístico, como as de Moacyr Scliar, ou ter um tom sério. Outras podem ser próximas de comentários, como as crônicas esportivas ou políticas. (CENPEC, 2014, P.21)

Num país em que apenas 56% da população tem o hábito de ler livros, segundo a última pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil²*, esse trabalho é importante e necessário. Os alunos que participam aprendem a refletir sobre o lugar em que vivem, tendo um novo olhar para o seu cotidiano. Quanto ao professor, o caderno o auxilia no fortalecimento do seu trabalho em sala de aula. O aluno e o professor que ainda não tenham muito conhecimento da crônica passam a conhecê-la melhor. Os textos disponibilizados, tanto no kit quanto no caderno, são de autores conhecidos e que já fazem parte de outras coletâneas. Quando há um empenho do professor, ele consegue desenvolver um trabalho com os alunos bastante proveitoso e as leituras dos textos acontecem de forma crítica e que possa contribuir na reflexão do aluno. Além do mais, essas leituras contribuirão para ajudar no processo de escrita, já que a escrita é o foco do programa. No entanto, não quer dizer que o professor não possa explorar a leitura de forma dinâmica e estimulante.

Embora a crônica na OLPEF não seja trabalhada como um gênero literário, e sim, como mais um gênero textual, isso não quer dizer que o professor não possa trabalhar a crônica sob esse aspecto na sala de aula, durante as oficinas. Além do mais, como já comentamos em outro momento nesse trabalho quando falamos dos PCN, os documentos oficiais do MEC tratam o gênero literário como mais um gênero textual.

² Disponível em: http://prolivro.org.br/home/images/relatorios_boletins/ 4 ed. pesquisa retratos leitura IPL. Acesso em: 06. Fev. 2018

3. VIVENCIANDO O GÊNERO CRÔNICA: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesses meus anos de ensino de Língua portuguesa do Ensino Fundamental, tenho observado o pouco interesse dos educandos pela leitura, principalmente pela leitura literária. É possível observarmos o descaso em relação a leitura na última pesquisa **Retratos de Leitura do Brasil**, já mencionado nesse trabalho, que tem como objetivo medir a leitura do brasileiro.

Surge, então, a necessidade de ações que motivem os alunos para a leitura e que os levem a uma leitura reflexiva, assim como a uma interpretação crítica da realidade. Pensando nisso, elaboramos um trabalho de intervenção para o qual traçamos metas e objetivos a serem alcançados. A nossa ideia é, por meio do texto literário, estimular nos alunos o gosto pela literatura e, assim, contribuir para torná-los leitores críticos e reflexivos. Para esse fim, utilizamos o gênero literário crônica, escolhido pelas qualidades já mencionadas nesse trabalho, como, por exemplo, abordar temas atuais que fazem parte do cotidiano dos alunos, fazendo-os refletir. Além do mais, a crônica é de fácil acesso, podendo ser encontrada em vários suportes, tanto físicos quanto virtuais.

Para alcançarmos um resultado positivo nas nossas aulas de língua portuguesa, devemos nos apropriar da literatura, já que ela se mostra como um bom caminho nesse despertar do gosto literário, conforme Filipouski e Marchi (2009),

Ao privilegiar o texto literário como mobilizador do estudo da língua portuguesa, toma-se como objeto a linguagem em ação, pois, na constante construção de sentidos por meio da palavra que se fundamenta pelo uso na vida social, o ser humano se torna capaz de conhecer a si mesmo, sua cultura e o mundo em que vive (FILIPOUSKI e MARCHI, 2009, p. 9).

Ao interagir com a obra o aluno lhe atribui sentidos, se coloca no lugar do outro, adquire conhecimentos e percebe que a literatura está associada a palavra. Assim deve ser mais fácil aproximar a leitura literária da vivência dos alunos.

Em termos metodológicos, a proposta que realizamos é de natureza qualitativa com caráter intervencionista. Essa intervenção foi realizada através de oficinas temáticas, sempre com a mediação do professor, configurando-se, assim, como um

projeto de pesquisa-ação. Segundo Michel Thiollent, no livro *Metodologia da pesquisa-ação*:

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 2003, p. 14).

Esse tipo de pesquisa tem como metodologia a pesquisa participante, numa tentativa de unir a investigação à ação prática. É necessário, portanto, a interação entre o pesquisador e os participantes; no nosso caso, os estudantes. A partir da observação e de um questionário, planejamos alternativas para a solução dos problemas. O desenvolvimento do estudo através desse método da pesquisa-ação oferece ao pesquisador e aos participantes um papel ativo para interferir na resolução dos problemas encontrados e no acompanhamento das ações. Sendo assim, os alunos envolvidos nesse tipo de pesquisa devem desempenhar um papel ativo tanto quanto o professor. É importante, então, que a relação entre ambos seja sempre a melhor possível para a resolução dos problemas detectados.

Tivemos o cuidado de apresentar a nossa pesquisa aos educandos, explicando a sua importância para o sucesso do trabalho. Segundo Thiollent, em uma pesquisa convencional, “os usuários não são considerados como atores. Ao nível da pesquisa, o usuário é mero informante, e ao nível da ação, ele é mero executor. Esta concepção é incompatível com a da pesquisa-ação, sempre pressupondo participação e ação efetiva dos interessados”. (THIOLLENT, 2003, P 19). Ou seja, a pesquisa-ação visa unir a pesquisa a prática. Ela procura modificar uma realidade que não esteja satisfazendo a um determinado grupo e ajudar a encontrar uma solução para esse problema.

De acordo com Engel (2000),

A pesquisa-ação surgiu da necessidade de superar a lacuna entre teoria e prática. Uma das características deste tipo de pesquisa é que através dela se procura intervir na prática de modo inovador já no decorrer do próprio processo de pesquisa e não apenas como possível consequência de uma recomendação na etapa final do projeto. [...] Além de sua aplicação em ciências sociais e psicologia, a pesquisa-ação é, hoje, amplamente aplicada também na área do ensino. Nela,

desenvolveu-se como resposta às necessidades de implementação da teoria educacional na prática da sala de aula. Antes disso, a teoria e a prática não eram percebidas como partes integrantes da vida profissional de um professor, e a pesquisa-ação começou a ser implementada com a intenção de ajudar aos professores na solução de seus problemas em sala de aula, envolvendo-os na pesquisa. Por exemplo, possibilitava avaliar empiricamente o resultado de crenças e práticas em sala de aula. Neste sentido, este tipo de pesquisa é, sem dúvida, atrativa pelo fato de poder levar a um resultado específico imediato, no contexto do ensino-aprendizagem. Além disto, a pesquisa-ação em sala de aula também se revelou como um instrumento eficiente para o desenvolvimento profissional dos professores. (ENGEL, 200. P. 182-183)

Percebe-se que esse tipo de pesquisa-ação tem como característica a intervenção ainda mesmo durante o decorrer do processo, configurando-se, hoje, como uma grande aliada no processo de ensino-aprendizagem, pois proporciona uma interação entre os sujeitos participantes.

3.1.1 Contexto da pesquisa

O trabalho interventivo foi feito com alunos do 9º ano da Escola Major Adolfo Pereira Maia, situada em Cabedelo. A turma escolhida para a intervenção é composta por 24 alunos, com idade entre 14 e 16 anos. A escolha dessa turma se deu pelo fato de já os acompanhar desde anos anteriores e constatar que eles ainda não conseguiram despertar, realmente, o interesse pela leitura, em especial a literária. A partir do gênero crônica, tivemos a oportunidade de trabalhar de forma prazerosa e reflexiva.

A escola funciona nos dois turnos: manhã e tarde. No turno da manhã, funciona com cinco turmas do 6º ao 9º ano. No turno da tarde, funciona com três turmas do 6º ao 8º ano. O prédio tem primeiro andar, no andar de cima temos seis salas ambientes e dois banheiros. Dessas seis salas, três funcionam como sala de aula, uma é a sala de vídeo, outra é a biblioteca e uma pequena serve como depósito de material. Na parte térrea, temos também dois banheiros e oito salas ambientes, sendo duas sala de aula, uma diretoria, uma sala para os professores, uma secretaria, uma sala para a coordenadora, uma cozinha e uma sala que funciona como laboratório de informática, o qual não funciona devido aos computadores estarem obsoletos e não haver internet para o uso da comunidade escolar. A internet mal dá para o uso da

direção e da secretaria. Portanto, não é utilizado o laboratório de informática, nem pelos alunos nem pelos professores.

A biblioteca tem um acervo razoável. É composta de vários gêneros; nela, podemos encontrar romances, poemas, contos, crônicas, história em quadrinho, cordéis, revistas, livros didáticos, entre outros. Isso tem contribuído para o incentivo à leitura na escola de um modo geral, pois os alunos sempre levam livros para lerem em casa. Além da biblioteca da escola, temos também a biblioteca itinerante do SESC, que visita, a cada quinze dias, a escola para que os alunos possam pegar livros emprestados.

3.1.2 As oficinas e os temas caracterizadores

A nossa proposta de intervenção, como já dissemos, aconteceu por meio de oficinas temáticas, as quais funcionaram como uma estratégia de leitura para o estudo do texto literário; no nosso caso, as crônicas. Segundo Kleiman (2016), as oficinas contribuem para que haja interação entre professor e aluno e esse processo acontece quando o professor propõe “atividades que criam condições para o leitor em formação retomar o texto e, na retomada, compreendê-lo” (KLEIMAN, 2016, P.12). A autora trabalha no sentido de colaboração, em que “aos poucos o professor vai retirando os suportes, e a criança redefine as tarefas para si própria, constituindo-se aí a aprendizagem de estratégias de leitura” (KLEIMAN, 2016, P.12). Nessa visão de interação, o aluno aprende a ler “no sentido cabal da palavra (em que ler não é o equivalente a decifrar ou decodificar), a aprendizagem que se dará nessa interação consiste na leitura com compreensão” (KLEIMAN, 2016, P.12).

Trabalhar a literatura partindo de temas caracterizadores é uma maneira de ensinar a leitura literária na escola e poder ajudar nas mudanças necessárias para atrair os alunos, contribuindo para o letramento literário. Faz-se necessário que os professores usem novas estratégias que possam levar o aluno a adotar a leitura como algo diário em sua vida. Segundo Barbosa (2011), estudar a literatura através de temas caracterizadores,

[...] deverá garantir em todas as suas etapas a leitura e a discussão de textos integrais, inclusive tratar as dificuldades de compreensão apresentadas por eles. Isto implica trazer o texto literário para a sala de aula, que deverá espantar de uma vez por todas o fantasma de que aula

de literatura é aula de história de literatura ou de crítica literária. (BARBOSA, 2011, p.18).

O ensino de literatura, ao contrário, deve possibilitar o contato integral com o texto e/ou o livro literário, de modo a formar leitores proficientes, atentos às especificidades da linguagem literária e sensíveis ao mundo revelado por meio da palavra.

Os temas caracterizadores foram os temas que nortearam a escolha das crônicas para contribuir com a leitura literária. O ensino da literatura através dos temas caracterizadores “possibilita aproximar épocas distantes, gêneros diversos, suportes e linguagens variadas tais como a música, o cinema, a pintura que reforçam seu caráter histórico e atualizam seu sentido” (ZILBERMAN apud BARBOSA 2011, p. 13).

Os temas caracterizadores das crônicas que nortearam as oficinas foram: o amor, as novas tecnologias e o preconceito racial. Eles foram pensados da seguinte maneira: o amor porque tem a ver com a vivência afetiva, já que, nessa fase da vida dos alunos, que é a adolescência, eles estão descobrindo e redescobrando os afetos de uma maneira mais significativa, sendo, por exemplo, o início da descoberta da sexualidade para eles. Tanto é o tempo do “ficar”, como também de estabelecer relações mais duradouras. Todas essas descobertas levam ao desenvolvimento afetivo, contribuindo com o desenvolvimento da personalidade do aluno.

A escolha do segundo tema, as novas tecnologias, se deu em virtude dos instrumentos de comunicação estarem ao dispor dos adolescentes cotidianamente, ampliando e facilitando a interação entre eles através das redes sociais. Aproveitamos para discutir a necessidade de se saber usar adequadamente estas novas ferramentas, já que eles são os principais usuários e também os mais vulneráveis. A escola não pode se abster de falar desses novos modelos de comunicação e também de utilizá-los no espaço escolar, facilitando, nesse caso, o processo de interação entre alunos e professores.

O terceiro tema caracterizador é o preconceito racial. Esse tema foi escolhido pelo aspecto social que ele apresenta. É um assunto que faz parte do cotidiano escolar e que precisa, urgentemente, ser posto em questão e discutido, a fim de contribuirmos para a sua superação. A escola é um lugar onde há muitas práticas de racismo, mesmo sendo um espaço inter-racial, um espaço de diferenças. Então, abordamos

esse tema com o intuito de discutir que a discriminação racial é desumana e como é importante o respeito pelo outro.

. Para trabalhar com esses temas caracterizadores, além das crônicas selecionamos curtas-metragens, vídeos, poemas, músicas e charges. Fizemos isso com o intuito de proporcionar ao aluno um saber continuado e cumulativo e que possa, assim, ajudar na sua formação de leitor. Sabemos que o trabalho com as múltiplas linguagens ajudam no processo de ensino, facilitando o processo de letramento. De acordo com os documentos oficiais:

[...] a escola que se pretende efetivamente inclusiva e aberta à diversidade não pode ater-se ao letramento da letra, mas deve, isso sim, abrir-se para os múltiplos letramentos, que, envolvendo uma enorme variação de mídias, constroem-se de forma multissemiótica e híbrida – por exemplo, nos hipertextos na imprensa ou na internet, por vídeos e filmes, etc (BRASIL, 2006, P.29)

Por fim, é importante esclarecer que, em relação à escolha das crônicas, trabalhamos, para cada tema, o texto de um(a) cronista mais tradicional e que tem um reconhecimento maior no meio acadêmico, e um(a) cronista que ainda não é tão (re)conhecido(a) entre os mais famosos, mas que já se faz conhecer do grande público e cujos textos podem ser facilmente encontrados nas redes sociais. Para sistematizar o nosso trabalho, nós utilizamos os passos da sequência básica de Cosson, pois ajuda o aluno a ler e compreender melhor os textos de literatura e se tornar um leitor proficiente. Sua proposta de sequência básica trabalha a literatura em quatro etapas: motivação, introdução, leitura e interpretação.

3.2 VIVENCIANDO A PROPOSTA: A CRÔNICA NA ESCOLA

A crônica é um gênero que favorece a leitura na escola por suas várias características já mencionadas aqui, e, portanto, nos ajudou nesse processo de letramento literário, despertando o interesse do aluno e contribuindo para a sua formação como leitor e como indivíduo, mas também como crítico da realidade que o circunda. Ao escrever, o cronista procura envolver e emocionar seus leitores, levando-os a refletir sobre as situações do cotidiano, ora num tom sério, ora de modo irônico, bem como, às vezes, de modo poético.

Nosso objetivo com as oficinas foi despertar a sensibilidade e uma postura crítica do aluno para os temas do amor, das novas tecnologias e do preconceito racial, através da leitura das crônicas lidas, pois elas tanto emocionam como envolvem seus leitores, levando-os a refletir sobre o seu cotidiano e as suas práticas sociais. Dessa forma, o aluno é capaz de fazer as inferências das informações implícitas no texto, deduzindo e ampliando os seus significados, demonstrando a sua compreensão, tornando-se um leitor proficiente, já que, como sabemos, ler não é apenas decodificar as palavras, mas sim um envolvimento e interpretação entre o leitor e o que está sendo lido. De acordo com Kleiman:

O leitor experiente tem duas características básicas que tornam a sua leitura uma atividade consciente, reflexiva e intencional: primeiro, ele lê porque tem algum objetivo em mente, isto é, sua leitura é realizada sabendo para o que está lendo, e, segundo, ele compreende o que lê, o que seus olhos percebem seletivamente é interpretado, recorrendo a diversos procedimentos para tornar o texto inteligível quando não consegue compreender. (KLEIMAN, 2016, p. 76)

3.2.1 Descrição das atividades

Como já foi exposto anteriormente, nosso trabalho tem como parâmetro a sequência básica de Cosson (2014), a qual é constituída de quatro passos: motivação, introdução, leitura e interpretação. Resumidamente, podemos afirmar que a **motivação** é a preparação do aluno para que ele entre em contato com o texto literário. A **introdução** é a apresentação física da obra e também é nesse momento que devemos tecer comentários sobre o autor. A etapa da leitura é o momento de acompanhamento da leitura pelo professor. Por fim, temos a **interpretação**, que é o momento da construção de sentidos através das inferências por meio da interação entre autor, leitor e comunidade. Essa proposta, que foi desenvolvida através de três oficinas, nos guiou na efetivação da leitura do texto literário e na formação de leitores proficientes, assim contribuindo para o letramento literário, que tem como propósito formar leitores críticos, aptos a compreender o mundo a partir da leitura literária.

1º MOMENTO

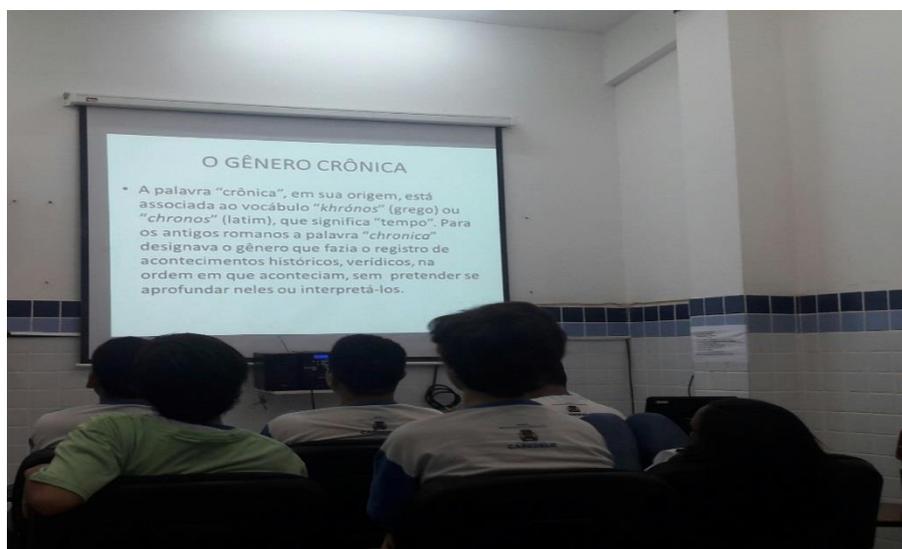
Antes de iniciarmos as oficinas de leitura com as crônicas, a partir dos temas caracterizadores, fizemos uma apresentação do projeto. Falamos que esse trabalho

é de intervenção em sala de aula para a conclusão do mestrado pelo Profeletras e que a turma escolhida para esse trabalho havia sido a deles. Também informei-lhes que o motivo da escolha havia sido porque eu já os acompanho desde o 6º ano, e que mesmo a leitura fazendo parte das nossas aulas, ainda não os vejo ter tanto interesse por ela, nem os vejo ainda como leitores proficientes.

Também foi dito que, utilizando novas estratégias, esperávamos alcançar juntos melhores resultados. Aproveitamos esse momento para falarmos da importância da literatura na vida das pessoas e como ela contribui na formação do leitor. Percebemos que durante a discussão sobre a leitura literária eles comentaram que tinham preguiça de ler determinados livros porque achavam algumas histórias chatas e que não eram tão fáceis de interpretar, tendo, também, algumas palavras de difícil compreensão.

A proposta foi desenvolvida em vinte horas aula. Seguem as descrições dos encontros. Primeiro, apresentamos à turma, através de slides, a nossa proposta interventiva. Falamos que o gênero literário escolhido para o nosso projeto foi a crônica e esclarecemos o motivo da escolha. Fizemos uma exposição, também através de slides, sobre as características da crônica e seus meios de circulação. Falamos, também, sobre a importância da participação dos alunos para que alcancemos um resultado satisfatório. Aproveitamos para enfatizar que, durante as aulas, além de efetuarmos as leituras das crônicas, também trabalharíamos com outros gêneros, como a música, o poema, o curta-metragem, etc. E acreditávamos que nesse caso as aulas se tornariam mais dinâmicas e, portanto, mais atrativas.

Figura 1: Apresentação do projeto



Fonte: arquivo da pesquisadora

Depois fizemos uma sondagem com os alunos oralmente e logo após através de um questionário (apêndice A). O nosso objetivo com essa sondagem é o de verificar quais são os gostos em termos de leitura dos discentes, como também seus conhecimentos sobre o gênero crônica. Portanto perguntamos os seus hábitos de leitura e os seus conhecimentos sobre o gênero crônica. E a última pergunta era para saber quais temas que eles gostariam que fossem abordados durante as oficinas através das crônicas. Dentre os temas apontados por eles, algumas coincidem com os que já havíamos pensado.

Após a explanação e a sondagem, realizamos a leitura da crônica “**Sobre crônica**”, de Ivan Ângelo (anexo B). Perguntamos aos alunos, a partir da leitura do texto, se eles perceberam alguns aspectos nessa crônica que já havíamos explanado. Pedimos, então, que eles destacassem no texto algumas das características que já havíamos mostrado nos slides e discutido com eles. Os alunos responderam oralmente esses questionamentos. Percebemos, através das respostas, seguidas de discussão, que a maioria dos alunos haviam conseguido compreender o texto, mas alguns só foram entender melhor após a socialização dos comentários dos colegas.

Finalizamos esse encontro pedindo aos alunos que pesquisassem em casa sobre o gênero crônica e suas características e que me entregassem na próxima aula suas pesquisas. O objetivo dessa pesquisa foi para que os alunos assimilassem melhor o gênero e, assim, sanassem algumas dúvidas que ainda pudessem existir.

2º MOMENTO

3.2.2 Primeira Oficina: o amor

A primeira oficina foi desenvolvida a partir da temática do amor, tendo em vista que, nessa fase em que os alunos se encontram, esse sentimento é sentido e vivenciado de forma intensa, mesmo que o intenso não queira dizer duradouro, já que essa é também uma fase em que os sentimentos se modificam rapidamente. É um tempo de encontros, desencontros e reencontros. Ou seja, a temática amorosa interfere no cotidiano dos educandos nessa fase em que eles estão.

Na primeira oficina, trabalhamos com as crônicas “Variações em torno da paixão”, de Affonso Romano Sant’Anna, e “Eu vi o amor”, do escritor Carlos Fialho. O objetivo da leitura dessas crônicas é provocar a reflexão sobre esse tema através do

texto literário e, dessa maneira, fazer com que possam compreender a importância do amor nos relacionamentos afetivos. É nosso objetivo, também, destacar como é a linguagem utilizada pelos cronistas que torna essas duas crônicas literárias.

MOTIVAÇÃO

Como motivação, no dia anterior, solicitamos aos alunos que trouxessem, para a sala, letras de música ou poemas em que o **amor** fosse o tema preponderante e com os quais eles se identificassem. No outro dia, quando iniciamos a aula, perguntamos se eles haviam trazidos o material solicitado. A maioria trouxe, porém alguns haviam esquecido. Juntamos, então, os alunos em grupos, os que haviam trazido com os que não haviam trazido. Pedi que cada grupo lesse a letra da música ou o poema e comentasse o que lhes havia chamado a atenção nas composições escolhidas, como o sentimento estava sendo apresentado pelo poeta ou compositor.

Tomando por base as orientações de Cosson (2014) para esta etapa, aproveitamos para discutir com os alunos sobre o tema o **amor** nessa fase em que eles se encontram. É importante refletirmos e discutirmos esse tema em qualquer momento da vida do ser humano e, principalmente, nessa fase da adolescência em que eles se encontram. Acredito que o tema ajudou na participação dos alunos, nas respostas orais das questões a seguir.

Quadro 1: Perguntas sobre o tema amor

- | |
|---|
| <ul style="list-style-type: none"> ▪ O que é o amor para você? ▪ Ao seu ver, há diferença entre o amor e a paixão? Qual seria? ▪ Qual é a importância de se relacionar amorosamente com o outro? ▪ Como é a experiência do ficar para você? ▪ Há diferentes momentos de amar, que irão depender da fase da vida em que o sujeito esteja? ▪ É possível amar diversas vezes ao longo da vida? Explique. |
|---|

Na aula seguinte, antes da apresentação dos dois autores, aproveitamos a ocasião para levá-los à biblioteca da escola para que eles tivessem contato com alguns livros de crônicas da coleção “Para gostar de ler”, os quais estão expostos nas estantes. Os alunos fizeram a leitura das crônicas no próprio espaço da biblioteca, já que é um lugar propício para a leitura.

Figura 2: Ida à biblioteca



Fonte: arquivo da pesquisadora

O nosso objetivo com essa ida à biblioteca foi o de que eles tivessem contato com os livros, observando os elementos não só textuais como também os paratextuais. E que, assim, eles se sentissem também estimulados a frequentarem mais esse espaço da escola, inclusive adotando o hábito de levar livros de sua escolha para lerem em casa. Pois, como já sabemos, o espaço da biblioteca é um recurso muito importante no processo de ensino/aprendizagem, contribuindo para o pensamento crítico-reflexivo. E como já foi comentado neste trabalho, é um espaço e um instrumento de escolarização adequada da literatura e de muita importância para o letramento literário.

De acordo com Cosson (2014), a ida à biblioteca possibilita que os alunos compreendam que os sentidos dos textos não são dados apenas pelas palavras escritas, mas também pelo modo como são organizados e que a inserção do texto dentro do seu contexto determina que a leitura que se faz depois seja enriquecida com os elementos extratextuais. (COSSON, 2014, p. 53).

INTRODUÇÃO

Após à ida à biblioteca, foram apresentados os dois autores e as duas crônicas que foram escolhidas para o tema **o amor**. É na introdução que ocorre a apresentação do autor e do texto que será lido, como esclarecido anteriormente. Devemos ter o cuidado de não nos prolongarmos demais na biografia do autor, pois “no momento da introdução é suficiente que se forneçam informações básicas sobre o autor e, se possível, ligadas àquele texto.” (COSSON, 2014, p. 60).

Fizemos uma sondagem sobre os dois autores para saber se os alunos já ouviram falar em Affonso Romano de Sant’Anna e Carlos Fialho. Fizemos também uma explanação sobre esses autores e, juntamente a essa explanação, mostramos fotos deles e exibimos um vídeo³ de uma entrevista com o autor Affonso Romano de Sant’Anna e um outro vídeo de uma entrevista com o autor Carlos Fialho⁴. Em ambos os vídeos os autores falam um pouco de suas vidas, de suas obras, do gosto que eles sempre tiveram pela leitura e de como isso foi preponderante para que se tornassem escritores. Essas características foram observadas por alguns alunos, pois logo após a exibição, perguntei o que havia chamado atenção nas entrevistas dos autores. Alguns alunos então comentaram que eles observaram que os dois sempre tiveram uma boa relação com a leitura, e que eles acreditavam que isso contribuiu para que esses cronistas se tornassem bons escritores.

Tivemos o cuidado de não nos estendermos muito nas apresentações dos autores. Após essas apresentações, falamos o título das crônicas e fizemos alguns comentários sobre elas, sem fazermos nenhum resumo, apenas falamos da importância delas e justificamos a sua escolha, conforme proposto por Cosson. Sabemos que a motivação e a introdução são muito importantes para que possa haver um envolvimento entre o leitor e o texto. A partir daí, realizamos a leitura das crônicas.

LEITURA

Distribuí com os alunos as cópias das duas crônicas: “Variações em torno da paixão” (anexo C) e “Eu vi o amor” (anexo D). Primeiro foi feita a leitura silenciosa e

³ Disponível em > https://www.youtube.com/watch?v=eE_QktUWnZg&ab_channel=ProgramaGentequeFaz-Prof.CarlosAlberto. Acesso em: 14 fev. 2018

⁴ Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=eE_QktUWnZg&ab_channel=ProgramaGentequeFaz-Prof.CarlosAlberto. Acesso em : 14 fev. 2018

depois a leitura oral e coletiva das duas crônicas. Ao término das leituras, fizemos alguns questionamentos sobre o que os textos provocaram neles. Vejamos algumas questões para início de conversa, após a leitura:

Quadro 2: Perguntas sobre as duas crônicas lidas
▪ O que acharam dos títulos?
▪ Qual é a relação entre as duas crônicas?
▪ Alguém já viveu ou presenciou algo como o que foi descrito nas crônicas?
▪ Que sentimentos a crônica despertou em vocês?
▪ Os autores têm estilos diferentes ao tratar de um mesmo tema? Em quais aspectos?

Proporcionamos, também nessa etapa, um diálogo com outros gêneros. Exibimos na sala de vídeo da escola um curta-metragem intitulado “The gift⁵”, que é uma animação que conta a história de um casal que, quando o homem oferece uma esfera do seu peito como presente à mulher, ela não consegue mais se separar desse presente, nem mesmo quando terminam a relação. Percebemos que os alunos gostaram muito do curta e conseguiram fazer a relação do tema com as crônicas que eles haviam lido.

Após a exibição do curta metragem, apresentamos um vídeo com a música “Fico assim sem você”,⁶ de Abdullah e Cacá Moraes, na voz de Adriana Calcanhoto, para que, assim, eles pudessem fazer uma relação entre o tema do curta-metragem, o da música e o das crônicas que eles leram. E assim, após utilizarmos outros gêneros em outros suportes, acreditamos ter conseguido um dos nosso objetivo: o de que os alunos percebessem as várias maneiras de se enxergar e de viver o amor.

⁵Disponível em: < <http://observador.>video-funciona-amor/>>Acesso: em 14 fev. 2018

⁶ Disponível em: < <http://obviousmag.org/repensar/2016/sou-eu-assim-sem-voce.html> > Acesso: em 14 fev. 2018

INTERPRETAÇÃO

Nas duas aulas seguintes, destinadas à interpretação, os alunos fizeram as inferências para a construção de sentidos que o texto apresenta. Segundo Cosson, “...a interpretação parte do entretencimento dos enunciados, que constituem as inferências, para chegar à construção de sentido do texto, dentro de um diálogo que envolve autor, leitor e comunidade.” (COSSON, 2014, p. 64).

Essa interpretação acontece em dois momentos: o interior e o exterior. A interpretação interior os alunos realizaram enquanto faziam suas leituras silenciosas e procuravam construir sentidos para o que estavam lendo. Já na interpretação exterior, houve a socialização do que eles haviam compreendido das crônicas, foi o momento de compartilhamento dos sentidos dos textos.

Fizemos o registro por meio de uma roda de conversa, para que os alunos pudessem expor o que compreenderam sobre as crônicas e o que sentiram após a leitura delas. Durante as discussões, alguns alunos participaram ativamente, mas dois alunos nos chamaram mais a atenção. Um foi uma aluna que defendeu seu ponto de vista, dizendo não acreditar muito no amor, e o outro foi um garoto que demonstrou ser um pouco “machista”, já que ele defendia a ideia de que o negócio para ele é “ficar” com várias meninas ao mesmo tempo. Para esse aluno os meninos poderiam ficar com quantas meninas quisessem. As alunas, nesse momento, disseram que assim ele daria o mesmo direito a pessoa com quem ele namorasse. Aproveitamos então para discutirmos mais sobre o tema e a maioria dos alunos deram sua opinião. Alguns garotos pensavam como esse aluno, mas não foram todos os garotos que concordaram com essa fala aparentemente machista, já que na opinião dele as meninas não poderiam ficar com vários, mas os meninos sim.

Tanto alguns meninos como algumas meninas demonstraram um certo medo com relação ao amor. Alguns viam que esse sentimento pode trazer tristezas, devido às traições, às discussões e às mentiras. Durante esse momento, uma aluna falou que não acredita no amor. Já outra aluna fez uma diferença entre a paixão e o amor. Segundo essa aluna, o que há na verdade são paixões, já que muitas vezes é intensa, mas passa rápido. Já o amor seria mais duradouro, calmo, tranquilo. Percebemos que essa aluna consegue fazer um paralelo do texto com o que ela pensa sobre esse assunto.

Após isso, foi desfeita a roda de conversa e os alunos responderam por escrito seis questões para a interpretação (apêndice B). Essas questões têm por objetivo

observar se os alunos realmente compreenderam os textos, o que será percebido durante as análises.

Figura 3: Roda de conversa para a discussão das crônicas lidas



Fonte: arquivos da pesquisadora

3.2.3 Segunda oficina: novas tecnologias

A segunda oficina abordou um tema pelo qual os alunos geralmente demonstram interesse, pois faz parte do seu cotidiano, que é o universo virtual, já que vivemos em um mundo tecnológico, no qual os alunos estão inseridos de maneira bastante efetiva. A tecnologia está cada vez mais presente na vida das pessoas, portanto não tem mais como deixar os alunos de fora desse tema; devemos levá-los a refletir sobre como eles convivem com esse mundo virtual e midiático. Sabemos que o número de informações é cada vez maior, como também são muito maiores hoje as possibilidades de interação entre as pessoas, acarretando uma mudança de comportamento entre os indivíduos e sendo interessante que o professor traga esse tema para a sala de aula.

Portanto, o nosso objetivo com essa oficina foi levar os alunos a refletirem sobre a linguagem utilizada pelos autores, como cada um está abordando o assunto e as reflexões que foram provocadas a partir da leitura das mesmas, entre as quais refletirem como está sendo o uso das novas tecnologias e como se dá a convivência entre as pessoas com a utilização das redes sociais. Esperamos que os alunos desenvolvam as habilidades de relacionar as informações das crônicas lidas,

acionando seus conhecimentos prévios, percebendo situações de humor e ironia, fazendo as inferências necessárias para uma compreensão adequada do texto.

MOTIVAÇÃO

Formaram-se alguns grupos e entregamos aos alunos a letra da música de Gilberto Gil “Pela internet”⁷, algumas charges que abordam o tema e pedimos que os grupos analisassem. Depois aproveitamos para passarmos o Vídeo Clip da música que está disponível no *youtube*, pois notamos, desde a primeira oficina, que os alunos interagem melhor quando trabalhamos com vídeos, curtas metragens, entre outras mídias em que o áudio visual vem ajudar no processo de ensino aprendizagem, proporcionando uma assimilação melhor do tema estudado.

Após os alunos observarem as charges, lerem e ouvirem a música, os grupos responderam algumas questões sobre elas, as quais serviram pra iniciarmos a discussão a respeito do tema (apêndice C). Após isso, os grupos se desfizeram e formamos um círculo para uma roda de conversa. Começamos abordando as questões abaixo, relacionadas à tecnologia e ao uso das redes sociais.

Quadro 3: Perguntas sobre tecnologia e uso das redes sociais
. Você acha que a tecnologia facilita vidas das pessoas? Por quê?
. Toda essa tecnologia que temos a disposição é sempre benéfica? O que você acha?
. O que são redes sociais? Você faz uso das rede sociais?
. Quais são as redes sociais que vocês conhecem e que mais utilizam?
. As redes sociais têm provocado algum impacto nos relacionamentos humanos?
. Como a escola pode contribuir para a formação de “cidadãos digitais”?
. Você costuma criar perfis falsos para denegrir a imagem de alguém através das redes sociais? O que você acha das pessoas que fazem isso?
. Quais os aspectos positivos e negativos do uso das redes sociais?

⁷ Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=2ZZLSlwKYc&ab_channel=SilvanaLima> Acesso 12 mar. 2018

Sabemos da importância de uma boa motivação para despertar o interesse do aluno pela leitura, de preferência acompanhada de um tema que faça parte do universo deles. De acordo com Cosson:

Ao denominar motivação a esse primeiro passo da sequência básica do letramento literário, indicamos que seu núcleo consiste exatamente em preparar o aluno para entrar no texto. O sucesso inicial do encontro do leitor com a obra depende de boa motivação.” (COSSON, 2014, p. 54)

Durante as discussões na roda de conversa, alguns alunos disseram que atualmente as postagens nas redes sociais não são apenas para mostrarem que está tudo bem e que estão felizes. Já é comum eles postarem coisas ruins sobre eles mesmos como forma de demonstrarem que não estão bem ou até mesmo de chamar a atenção para algum fato desagradável. Percebemos nesses comentários que eles utilizaram exemplos de sua vivência, interagindo bem com a nossa temática.

INTRODUÇÃO

Durante essa fase, tivemos o cuidado de tentar despertar o interesse pela obra dos autores selecionados para essa oficina temática. Trabalhamos com duas crônicas que abordam o tema proposto: “Troque o celular por uma galinha gorda”, de Xico Sá, e “Caro leitor”, de Mayara Vieira. Ambas abordam o tema da tecnologia e o uso das redes sociais.

A etapa de apresentação dos dois autores se deu da seguinte forma: com relação a Xico Sá, foi proposto aos alunos que eles formassem duplas para fazerem a leitura silenciosa de uma entrevista do autor,⁸ em que ele fala um pouco dele e de suas crônicas, entre outros assuntos. Depois algumas duplas fizeram a leitura oral das perguntas e respostas feitas na entrevista, em que um foi o entrevistador e o outro o entrevistado.

Sobre Mayara Vieira, havíamos solicitado no dia anterior que os alunos pesquisassem sobre a vida dela. Eles comentaram que não haviam encontrado uma

⁸ Disponível em: revistamensch.com.br/mensch-entrevista-xico-as. Acesso em: 04 de abril 2018

biografia sobre a autora. O que haviam encontrado eram notícias do lançamento do livro dela e outras poucas informações sobre ela. Comentamos que o fato de ela ser jovem, bem como uma ínfima recepção crítica, podem ser o motivo de não ter muito sobre ela na internet.

Mas falamos que ela é paraibana e que mora em João Pessoa. Ressaltamos o fato de ela se destacar como escritora de crônicas num espaço em que a figura masculina ainda é muito preponderante. Destacamos bem essa questão da autoria feminina porque em umas das aulas anteriores a essa, uma aluna já havia comentado que a maioria das crônicas eram escritas por homens. Comentamos durante esse questionamento da aluna que havia muitas mulheres que escreviam crônicas, e que se destacavam escrevendo esse gênero. Citamos nomes como Clarice Lispector, Cecília Meireles, Rachel de Queiroz, para falar das mais antigas. Quanto às atuais, falamos de Martha Medeiros, Thalita Rebouças e Mayra vieira.

LEITURA

Entregamos aos alunos as crônicas “Troque o celular por uma galinha gorda” (anexo E) e “Caro leitor” (anexo F). Propomos a leitura silenciosa das duas crônicas e depois fizemos a leitura oral compartilhada das mesmas. Após a leitura das crônicas, procuramos saber se os alunos haviam compreendido os textos e qual era relação que eles faziam entre esses textos além do tema trabalhado. Procuramos saber o que eles haviam percebido com relação a linguagem e o estilo dos autores ao escreverem suas crônicas. Em qual texto eles percebiam mais profundidade do autor ao abordar o tema trabalhado. Com relação ao estilo dos autores, os alunos identificaram o humor e a ironia, principalmente na crônica de Xico Sá. Eles também gostaram da maneira de escrever da Mayra Vieira, inclusive uma aluna frisou bem isso na sua fala sobre a autora. Outro aluno falou que esses autores “apresentavam uma linguagem mais à vontade”.

Sabemos que esse ainda não é o momento de questões mais profundas, mas o professor pode auxiliar, já que é durante esse momento que os alunos podem tirar suas dúvidas que ficaram durante a leitura. Conforme Cosson (2014, p. 62), o professor deve “acompanhar o processo de leitura para auxiliá-lo em suas dificuldades, inclusive aquelas relativas ao ritmo da leitura.” Ou seja, na interação

entre o texto e o leitor é importante o papel do professor, já que é ele, na escola, que está incumbido desse papel.

A conversa sobre as primeiras impressões foi muito produtiva. Inclusive as falas dos colegas também foram de ajuda para aqueles que ainda não haviam compreendido o texto. Procuramos deixar o aluno à vontade para expor a sua fala, pois sabemos que o adolescente, talvez por medo de se expor, prefere se calar, mas alguns participaram efetivamente, opinando sobre os temas tratados nas crônicas. Alguns comentaram que é cada vez mais comum o isolamento dos jovens para poderem ficar nas redes sociais, muitas vezes se distanciando dos amigos e da família.

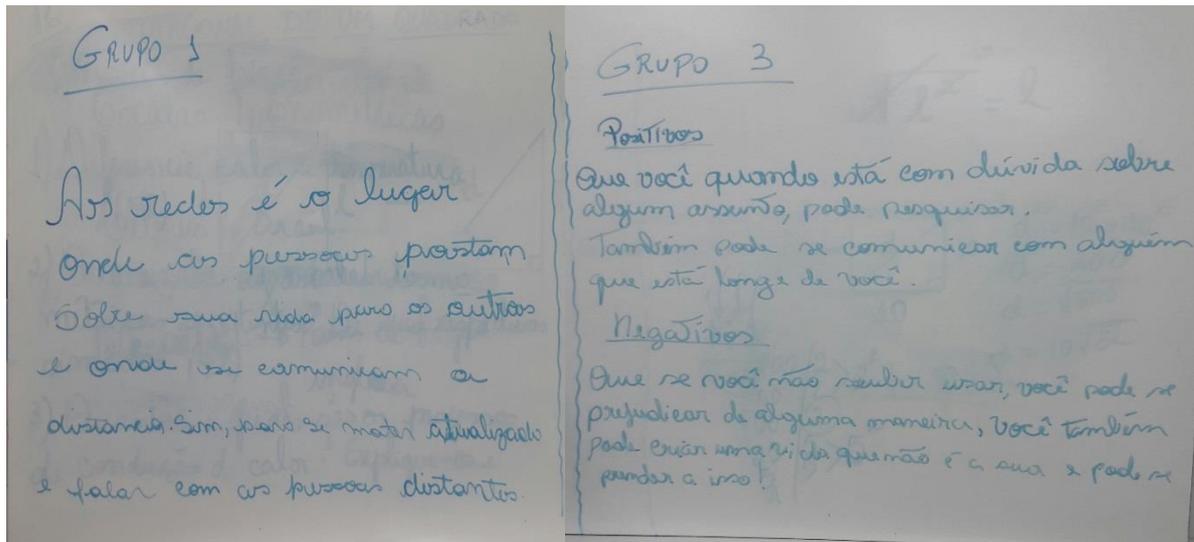
É preciso, então, preparar os alunos para o momento da interpretação. E o bom relacionamento entre professor e aluno pode proporcionar um maior participação dos discentes. Segundo Rouxel:

A importância do clima estabelecido no interior da comunidade interpretativa (a classe, o professor) é enfatizada: um contexto onde reinam a confiança, o respeito e a escuta mútuos é propício ao encontro com os textos literários - e é mesmo determinante. (ROUXEL, 2012; P 31).

Notamos que os alunos gostaram do estilo de escrever desses autores. Essa maneira de utilizar uma linguagem irônica, humorística, ao mesmo tempo “à vontade”, ajudou no entendimento dos textos. Percebemos isso durante as discussões, já que eles demonstraram ter compreendido as crônicas e conseguiram através delas fazerem uma relação crítica e reflexiva da leitura da obra com suas vidas.

Antes de responderem as questões de interpretação por escrito, foram feitas algumas perguntas orais e alguns alunos foram até o quadro colocar suas respostas com relação ao tema das tecnologias, como veremos abaixo na figura 4. Só depois das discussões e das atividades entre os participantes da leitura, foi que entregamos as questões de interpretação aos alunos, as quais foram respondidas individualmente.

Figura 4: Respostas dos discentes sobre o tema novas tecnologias



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Conforme observamos nas respostas acima, os alunos estavam em grupo, mas antes de irem ao quadro dar suas respostas eles conversaram entre eles, chegaram a um acordo e decidiram pela resposta que agradasse a todos. Formamos quatro grupos e todas as respostas estavam de acordo com os objetivos estabelecidos, que era os de levá-los a refletirem sobre o tema, a partir da leitura das crônicas. No entanto, para ilustração, colocamos a resposta do grupo um e do grupo três, por estarem mais visíveis.

INTERPRETAÇÃO

O momento anterior à interpretação foi importante para ajudar no processo de inferência das interpretações das crônicas. Como elas apresentavam uma linguagem clara, os alunos não demonstraram muita dificuldade para entendê-las. E conforme já dissemos, as discussões que foram tidas antes ajudaram no processo de entendimento. Sempre que os alunos apresentavam alguma dúvida e solicitavam a nossa participação para auxiliá-los em alguma dificuldade, nós procurávamos ajudá-los, pois conforme Rouxel (2013, p. 29), “o professor também pode guiar a atenção para o texto e fazer com que os alunos levantem hipóteses e cheguem a interpretações aceitáveis ou satisfatórias”.

Como forma de registro, colocamos para os alunos seis questões de interpretação (apêndice D) que foram respondidas por escrito. Os comentários sobre

essas respostas serão dadas mais à frente no capítulo 4 durante as nossas análises. Conforme Cosson, “As atividades da interpretação, como as entendemos aqui, devem ter como princípio a externalização da leitura, isto é, seu registro” (2014, p. 66), Finalizamos essa oficina com um vídeo do poeta e cordelista Bráulio Bessa,⁹ no qual ele fala sobre a tecnologia e a vida nas redes sociais. Após assistirem ao vídeo, os alunos refletiram mais uma vez sobre o tema e fizeram um paralelo entre as crônicas e o vídeo. Os discentes disseram que assim como nas crônicas o poema demonstra a preocupação por as pessoas deixarem de se relacionarem e de conviverem mais para gastarem seu tempo nas redes sociais.

3.2.4 Terceira Oficina: Preconceito racial

Essa terceira oficina, que abordou o preconceito racial, teve como objetivo aproximar o tema tratado nas crônicas do cotidiano dos alunos e propiciar a reflexão dos educandos através da leitura do texto literário e do diálogo deste com outros gêneros, descobrindo sua importância na construção do sentido do texto e, assim, estimulando-os a se posicionarem a respeito de questões político-sociais.

Procuramos durante essa oficina promover o debate desse tema que ainda continua atual. Mesmo sendo condenado por uma boa parte da população, o preconceito racial existe e, muitas vezes, vem disfarçado de brincadeira no contexto escolar.

Trabalhamos com duas crônicas que tratam desse tema: “Racismo”, de Luís Fernando Veríssimo, e “Colocando-se na pele”, de Martha Medeiros. As duas crônicas abordam o mesmo tema, mas cada autor constrói o seu texto de acordo com o seu estilo de escrever.

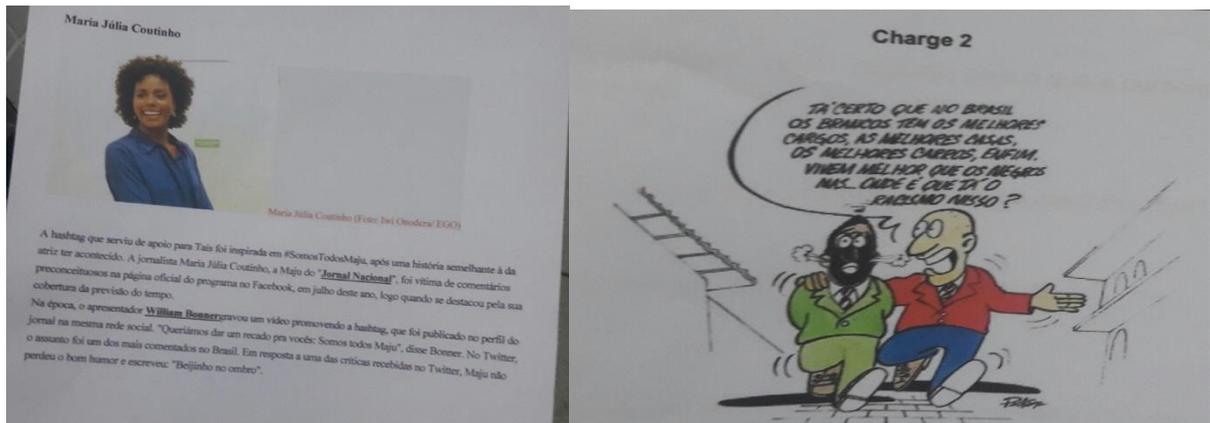
MOTIVAÇÃO

Para iniciarmos, solicitamos que os alunos levassem, para a próxima aula, notícias sobre artistas, jogadores ou pessoas conhecidas da mídia de um modo geral

⁹ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=W_yXLHVxn0w. Acesso em 20 de fev. 2018

que tenham sido vítimas de preconceito racial. E também pedimos que eles trouxessem algumas charges sobre o tema. No dia seguinte, formamos grupos para que eles analisassem o conteúdo das notícias que trouxeram. Socializamos entre os outros grupos as notícias e as charges levadas.

Figura 5: Pesquisa dos discentes sobre preconceito racial com pessoas famosas



Fonte: Fotos dos arquivos da pesquisadora

Os alunos deram sua opinião sobre as situações pesquisadas, comentaram que o racismo existe em qualquer esfera social e que nem os artistas ou jogadores estão livres do preconceito. Eles acrescentaram ainda que com o uso das redes sociais ficou ainda mais fácil esse tipo de situação, porque as pessoas se escondem atrás de perfis falsos e aproveitam para destilarem seus preconceitos.

Na nossa sala de aula, há alunos negros e alguns deles comentaram que já haviam sofrido algum tipo de preconceito racial. O aluno **M.O.S** disse que já havia sofrido preconceito por causa da sua cor, mas não quis expor para a sala como aconteceu esse fato. Já uma outra aluna falou que sofria às vezes preconceito na própria família, pois, segundo essa aluna, sua avó, mesmo sendo negra, tem preconceito com pessoas negras. Outros alunos disseram que já haviam presenciado cenas de racismo na escola, principalmente nas “brincadeiras”. Depois, discutimos as perguntas abaixo oralmente.

Quadro 4: Perguntas sobre preconceito racial	
.	O que vocês entendem por preconceito racial?
.	Você já sofreu algum tipo de preconceito? Em caso afirmativo, como se sentiu?
.	O preconceito racial só atinge as pessoas de classes sociais mais pobres? Justifique a partir das notícias que vocês trouxeram.
.	Você acha que ainda é muito presente o preconceito racial no Brasil? Justifique.
.	Que atitudes de preconceito racial você já presenciou ou ainda presencia no espaço escolar?

Aproveitamos, então, para falarmos que, no Brasil, apesar de dizerem que não existe preconceito racial, isso é negado o tempo todo pelas várias situações com que nos deparamos no dia a dia. E daí enfatizamos que todos nós somos seres humanos e, portanto, temos os mesmos direitos e deveres. Após isso, fizemos algumas perguntas orais para uma discussão sobre o tema.

Tecidos os comentários, fizemos a leitura do poema “Identidade”, de José Carlos Limeira, (anexo G) poeta representante da literatura negra no Brasil. E, então, fizemos uma associação entre as imagens dos artistas pesquisados, as respostas dadas pelos alunos e o assunto tratado no poema. Discutimos, a partir do poema, o modo irônico como o autor aborda o assunto e a reivindicação do eu lírico sobre poder assumir sua identidade étnico-racial.

INTRODUÇÃO

Nessa etapa, iniciamos as atividades perguntando aos alunos se eles conheciam Luís Fernando Veríssimo ou Martha Medeiros. Se já haviam lido alguma coisa desses autores. Uma das alunas falou que conhecia algumas crônicas de Luís Fernando Veríssimo, já Martha Medeiros eles não conheciam. Depois desse primeiro momento, fizemos a apresentação dos dois autores através de Power point, fazendo referência a algumas das obras de ambos e a um pouco de suas vidas. Aproveitamos

a ocasião para exibir um vídeo da *booktuber* Isabella Lubrano¹⁰, no qual ela apresenta uma coleção dos livros de crônicas de Luís Fernando Veríssimo, tecendo comentários sobre a obra e a vida dele.

Com relação a Martha Medeiros, apresentamos a biografia dela, que está disponível em *uol*¹¹. Após a leitura, fizemos alguns comentários sobre o estilo da autora. Acrescentamos que ela é muito visitada nas redes sociais através de uma página no *facebook*, na qual consta várias crônicas de sua autoria, as quais versam sobre os mais variados temas atuais. Aproveitamos a ocasião para comentar a importância do estilo literário de ambos, salientando as diferenças de cada um na construção do seu texto.

LEITURA

Antes da realização da leitura das crônicas dessa oficina, realizamos a leitura da letra da música “Todo camburão tem um pouco de navio negreiro” (anexo H), a qual é uma composição de Marcelo Yuka e é cantada pela banda O Rappa. A música trata da questão do preconceito e da discriminação em relação à população negra. Essa música dialoga com o tema das crônicas dessa oficina, portanto era mais um estímulo para que os alunos pudessem interagir com os textos, fazendo as inferências necessárias durante a leitura e desenvolvendo o pensamento crítico. Conforme Colomer,

O leitor competente se havia definido a partir de diferentes perspectivas como aquele que sabe “construir um sentido” nas obras lidas. E, para fazê-lo, deve desenvolver uma competência específica e possuir alguns conhecimentos determinados que tornem possível sua interpretação no seio de uma cultura (COLOMER, 2007, p.31).

¹⁰ Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=IisAa3jSuJ8&frags=wn&ab_channel=LerAntesdeMorrer .

Acesso em 20 de fev. 2018

¹¹ Disponível em: https://www.pensador.com/autor/martha_medeiros/biografia/ . Acesso em 20 de fev. 2018

Diante do que foi exposto acima, nosso trabalho visava, então, criar condições que ajudassem os educandos nesse desenvolvimento da competência leitora, ou seja, aquele que “sabe construir um sentido” no que esteja lendo. Acreditamos que quanto mais os alunos participarem das atividades e discussões sobre o tema mais eles estarão aprimorando a sua criticidade.

Após a leitura da letra da canção e exibição do vídeo, realizamos uma discussão sobre o conteúdo da letra da canção e também comentamos sobre as imagens do vídeo. Durante essa discussão, alguns alunos apresentaram situações de racismo que já presenciaram. A aluna **M.G.A.** comentou que seu primo, geralmente sofre preconceito por ser negro. Ela citou inclusive que ele havia sido confundido por policiais com um ladrão um certo dia em que ele estava vindo para casa um pouco tarde da noite. De acordo com o depoimento dessa aluna, é possível percebermos que a exibição do vídeo da música foi positiva, pois esse depoimento tem relação com o que é problematizado nela. Só depois começamos a leitura das crônicas: “Racismo” (anexo I) e “Colocando-se na pele” (anexo J).

INTERPRETAÇÃO

Tendo em vista a interpretação, utilizamos duas aulas. Primeiro, fizemos uma roda de conversa e comentamos sobre as crônicas lidas. A intenção era levar os alunos a refletirem sobre o tema abordado nas crônicas. Pedimos que eles comentassem sobre as crônicas que havíamos lido e com qual eles mais se identificaram ou qual foi a que mais gostaram. Solicitamos também que eles dessem sua opinião sobre o preconceito racial que ainda é tão presente no nosso cotidiano e que, muitas vezes, aparece de maneira disfarçada.

Finalizamos essa oficina com a exibição de um vídeo¹² que mostra várias personalidades negras nacionais e internacionais que, de alguma forma, lutaram ou

¹²Disponível

https://www.youtube.com/watch?v=IOUC0Envbyc&ab_channel=MarcioBordin. Acesso em: 20 de fev. 2018

em:

em:

ainda lutam para combater o preconceito racial. E depois pedimos que os alunos respondessem as questões de interpretação das crônicas (apêndice E).

Após as leituras, discussões e interpretações das crônicas durante as oficinas, solicitamos aos alunos que escrevessem a sua própria crônica, usando de imaginação criatividade, lirismo e humor. Aproveitamos para lembrá-los das características da crônica e dos vários tons que ela pode apresentar, de forma que a produção escrita seja feita de acordo com as características do gênero. Para isso, eles escolheriam uma das três temáticas que foram enfocadas durante as oficinas temáticas (Apêndice F). De início, fizemos uma primeira escrita, que explicamos que seria corrigida e devolvida com as recomendações necessárias, para finalmente escreverem a produção final e, com ela, montarmos uma coletânea de crônica. Faremos depois uma versão impressa para deixar na biblioteca da escola à disposição de alunos e professores.

Depois que finalizamos todas as etapas, tivemos o momento de participarmos de uma feira cultural promovida pela escola, na qual os professores apresentaram os resultados dos seus projetos realizados durante o ano letivo. Aproveitamos para fazer a exposição do nosso trabalho sobre leitura literária com o gênero crônica para que a comunidade escolar tivesse conhecimento de como esse trabalho foi realizado.

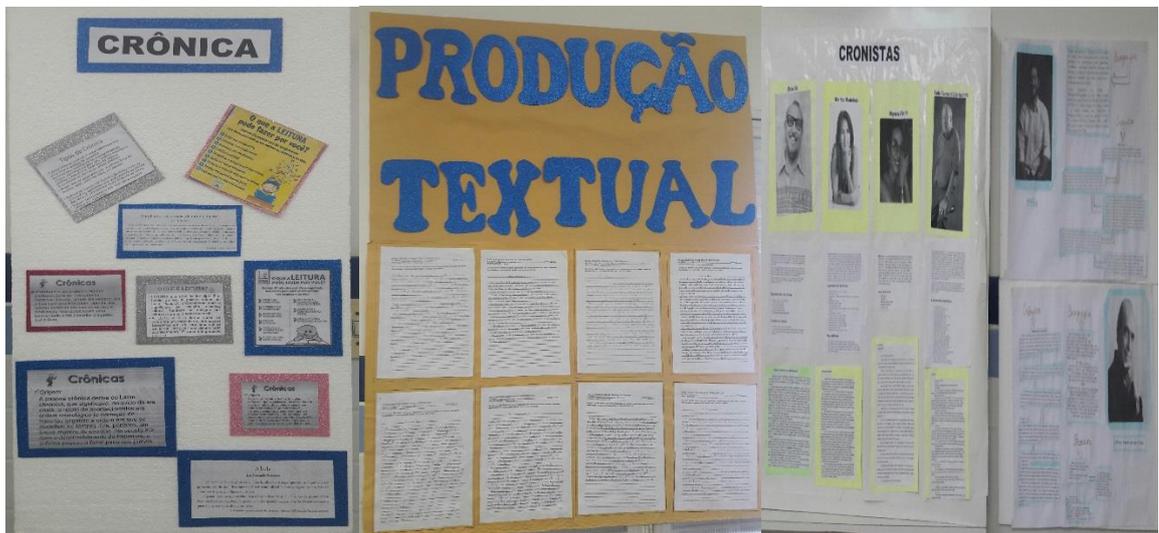
Para realização dessa culminância, trabalhamos com catorze alunos. Pelo fato de as apresentações dos trabalhos serem em sala de aula (o nosso foi na biblioteca), a supervisão da escola orientou aos professores que participariam da feira cultural que não trabalhassem com uma quantidade muito grande de alunos. Portanto, não poderíamos trabalhar com todos os participantes do processo de letramento. Então perguntamos na sala de aula quem gostaria de participar desse evento da escola para mostrar o nosso trabalho. Uns logo se prontificaram em participar, outros ficaram de me dar a resposta no outro dia e assim chegamos a essa quantidade. Dividimos os alunos em seis grupos:

- Grupo 1: Ficou responsável para falar da leitura, do gênero crônica e montar um painel com algumas das nossas produções de texto.
- Grupo 2 e 3: Ficaram responsáveis por apresentar os cronistas que trabalhamos em sala e as crônicas que lemos desses autores.
- Grupo 4: Ficou responsável por fazer uma pequena encenação da crônica “Racismo”.

- Grupo 5: Ficou responsável por mostrar algumas de nossas fotos através de slides dos vários momentos do nosso trabalho. Para isso utilizamos o data show da escola.
- Grupo 6: Ficou responsável por organizar a entrada dos visitantes nas apresentações dos alunos durante a feira cultural.

Com essa culminância, divulgamos para a comunidade escolar e para os visitantes da feira as atividades realizadas durante a nossa intervenção com os nossos alunos do nono ano. Notamos que a recepção do público foi bastante positiva. Tanto a comunidade escolar como os visitantes deixaram claro que haviam gostado da apresentação dos alunos e do trabalho que foi realizado durante o processo de letramento. Até porque todas as atividades realizadas durante esse trabalho de intervenção tinham como propósito promover o letramento literário e assim instigarmos a reflexão crítica por meio da leitura e da escrita.

Figura 6: Produções dos discente para apresentação da Feira Cultural



Fonte: Fotos dos arquivos da pesquisadora

Figura 7: Apresentação dos discentes durante a feira cultural



Fonte: Fotos dos arquivos da pesquisadora

4. ANÁLISE DAS PRODUÇÕES DE INTERPRETAÇÃO DOS ESTUDANTES

4.1 COLETA DE DADOS

Durante essa proposta que foi aplicada numa turma do 9º ano do Ensino Fundamental, procuramos desenvolver um trabalho de leitura através do gênero literário crônica, e assim oferecer possibilidades de ensino que vão além do método tradicional, que é quando a leitura serve apenas como pretexto para o ensino da gramática e é descontextualizada da realidade dos alunos, ou então quando ela serve apenas como forma de entretê-los, ou ainda quando basta os alunos preencherem uma ficha de leitura para que assim possa ser lhes dado uma nota. Para mudar esse quadro, nos valem da sequência básica de Rildo Cosson para fundamentar o nosso trabalho e assim poderemos promover o letramento literário, através das oficinas temáticas.

Como já foi exposto no capítulo anterior, o presente projeto de intervenção teve início com uma atividade de sondagem com os alunos sobre hábitos de leitura e sobre os conhecimentos que eles teriam da crônica. Nosso objetivo com essa sondagem foi traçar um perfil dos alunos em termos de leitura. Aplicamos um roteiro com dez perguntas. Participaram da sondagem um total de vinte e quatro alunos. Desses vinte e quatro alunos, catorze disseram que gostavam de ler, seis disseram que dependeria da leitura proposta e quatro disseram que não gostavam. A leitura para a maioria é uma forma de aprendizagem e também de entretenimento. Entre os gêneros preferidos desses alunos estão os romances, histórias em quadrinho, notícias e mensagens de *whatsapp*, entre outras. Com relação ao gênero crônica, vinte e um alunos responderam já conhecer esse gênero e 3 afirmaram que não, comprovando o que já dissemos aqui nesse trabalho, que a crônica é de fácil acesso aos alunos, principalmente porque os livros didáticos fazem muito uso delas.

A partir dessas respostas, pudemos ter um panorama geral dos gostos de leitura da turma, como também dos seus familiares, já que também perguntamos sobre os hábitos de leitura deles. Identificamos que a maioria convive com pessoas que têm o hábito de ler, porém essa leitura é mais relacionada a notícias, fofocas e à bíblia. Poucos falaram em romances, poemas, contos ou crônicas, ou seja a leitura literária não está entre as suas preferências.

As meninas são as que mais leem, pois todas responderam que gostavam de ler, ou que dependia da leitura que lhe propusessem. Quanto aos meninos, seis responderam que sim, quatro que não e dois que dependia do que fossem ler.

Isso vem corroborar com a última pesquisa **Retratos da Leitura no Brasil**,¹³ já mencionada nesse trabalho, que diz que no Brasil apenas 56% da população tem o hábito de ler livros. E nela consta que 59% das mulheres são leitoras enquanto os homens são 52%.

4.2 ATIVIDADES REALIZADAS DURANTE AS OFICINAS

Conforme já foi exposto nesse trabalho, na parte da metodologia, nossa intervenção se constituiu de oficinas temáticas com a leitura de duas crônicas para cada oficina, totalizando um total de seis crônicas. Também realizamos trabalhos com curtas, poemas, músicas, vídeos, charges, abordando sempre a mesma temática de cada oficina, com o intuito de poder realizar o passo a passo da sequência básica de Cosson e, assim, promover o letramento literário.

Durante as oficinas temáticas, realizamos várias atividades, tanto escritas quanto orais, as quais foram trabalhadas com o objetivo de ampliar um conhecimento maior dos temas trabalhados e ajudar no entendimento das crônicas lidas, oportunizando um engajamento maior entre o leitor, o texto e o contexto. Porém, para objeto de estudo de nossas análises, selecionamos apenas as questões de ordem interpretativa, que aconteceram sempre no final das oficinas, e também faremos a análise de algumas crônicas que foram produzidas pelos alunos ao final. Os alunos poderiam escolher entre os temas trabalhados durante as oficinas para produzirem a sua crônica.

4.3 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Nesta seção, pretendemos analisar as atividades de intervenção que foram propostas em sala de aula com o objetivo de trabalhar a leitura literária no espaço escolar como uma alternativa para a formação do leitor crítico, pois como já dizia Colomer (2007)

¹³ Disponível em: http://prolivro.org.br/home/images/relatorios_boletins/ 4 ed. pesquisa retratos leitura IPL. Acesso em: 06. Fev. 2018

Aprender a ler literatura dá oportunidade de se sensibilizar os indícios da linguagem, de converter-se em alguém que não parece à mercê do discurso alheio, alguém capaz de analisar e julgar, por exemplo, o que se diz na televisão ou perceber as estratégias de persuasão ocultas em um anúncio (COLOMER, 2007, p. 70).

De modo geral, os alunos conseguiram compreender os textos lidos, pois as respostas de interpretação conseguiram atingir, na maioria, os objetivos pretendidos. Os alunos conseguiram relacionar os fatos cotidianos aos textos lidos, observando, inclusive, que a forma de utilizar a linguagem difere de autor para autor, mesmo que estejam abordando o mesmo tema. Vimos que as habilidades esperadas desses alunos foram alcançadas, pois não houve apenas a decodificação letra por letra, mas sim, um trabalho de compreensão e interpretação dos textos lidos, como espera os Parâmetros Curriculares, já citados em outro momento. Segundo Kleiman,

A diferença entre ensinar uma prática e ensinar para que o aluno desenvolva uma competência ou habilidade não é mera questão terminológica. Na escola, onde predomina a concepção da leitura e da escrita como competências, concebe-se a atividade de ler e escrever como um conjunto de habilidades progressivamente desenvolvidas até se chegar a uma competência leitora e escritora ideal: a do usuário proficiente da língua escrita. Os estudos do letramento, por outro lado, partem de uma concepção de leitura e de escrita como práticas discursivas, com múltiplas funções e inseparáveis dos contextos em que se desenvolvem. (KLEIMAN, 2007, p 2)

Nossa intenção com essas oficinas é alcançarmos o letramento literário, que, como já foi abordado aqui, por Souza e Cosson (2011), é um tipo singular de letramento. Sabemos que o espaço escolar é importante nesse processo do letramento e que, portanto, o clima deve ser agradável para a execução de um trabalho voltado para a sua efetivação, por isso a convivência entre professor e aluno deve procurar ser a melhor possível. Sendo assim, procuramos executar o nosso trabalho sempre num ambiente harmonioso para que os alunos se sentissem motivados a participarem e se envolverem com os textos.

Utilizamos para a nossa análise as produções escritas de interpretação feitas no final de cada oficina durante o processo de letramento como também as produções de texto do gênero crônica. Pois no final de cada oficina os alunos responderam a um questionário de interpretação, no qual constavam seis perguntas. Após a conclusão

das oficinas, os alunos produziram sua própria crônica, abordando algum dos temas que havíamos trabalhado, portanto esse será o nosso *corpus* que será analisado para demonstrar os resultados do nosso trabalho.

4.3.1 Corpus selecionado

Neste espaço, constará o registro das impressões das escritas dos alunos após as leituras feitas das crônicas. Como já foi citado, a cada término de uma oficina, os alunos respondiam às perguntas de interpretação, as quais já recebiam digitadas. Cada questionário constava de seis questões. Também tivemos a produção de texto, que foi escrever uma crônica com um dos temas estudados durante as oficinas.

Apesar de termos trabalhado com várias atividades durante esse período, foi necessário fazermos alguns cortes no material coletado. Utilizamos, então, as produções escritas de interpretação e as produções das crônicas. Para avaliarmos nossos alunos que participaram desse processo de letramento, escolhemos três interpretações de cada oficina e mais três produções de texto, que foram as crônicas produzidas, referentes a cada tema.

Após fazermos a leitura de todas as interpretações dos alunos, percebemos que a maioria das respostas haviam atingido o nosso objetivo: o de conseguir dar sentido ao texto literário a partir da leitura das crônicas literárias durante as oficinas, tornando-se leitores proficientes. A partir dessas leituras, o critério adotado para as escolhas das interpretações feitas pelos alunos foi o seguinte: escolhemos duas que se aproximavam mais dos nossos objetivos e uma outra que estava um pouco mais distante do que esperávamos. E o critério para as escolhas das três produções de texto foi selecionar para cada tema trabalhado uma crônica na qual percebêssemos que os educandos conseguiram recriar o seu cotidiano, construindo textos criativos que levem seus leitores a fazerem associações com o cotidiano.

Para cada oficina e produção de texto, escolhemos alunos diferentes. Totalizamos, então, um total de doze análises. Acreditamos ser possível utilizarmos apenas uma parte das nossas interpretações e produções e trabalharmos por amostragem, já que elas representam o que pretendíamos desenvolver em nosso trabalho. Isso é conceituado por Thiollent (2003) como “amostras intencionais”. Segundo ele: “Trata-se de um pequeno número de pessoas que são escolhidas

intencionalmente em função da relevância que elas apresentam em relação a um determinado assunto” (THIOLLENT 2003, p. 62).

Esses alunos serão identificados pelas iniciais dos seus nomes. Conservamos as escritas conforme encontram-se nas respostas dos alunos e nas produções de texto, não levando em consideração os desvios ortográficos nem a pontuação.

4.3.2 Analisando as impressões dos alunos da primeira oficina

Nessa primeira oficina, assim como nas outras, tínhamos a preocupação de que os alunos participassem das tarefas propostas e das discussões. Procuramos sempre propor atividades em que os educandos ativassem seus conhecimentos prévios e desenvolvessem a capacidade de produção de sentidos do texto. Fizemos isso por meio de diálogo, debates, como também através de uso das mídias, com o objetivo de envolver os alunos para que assim eles pudessem desenvolver as habilidades de leitura literária e utilizar as estratégias de leitura para a compreensão do texto, levando-os a uma reflexão.

O primeiro questionário constava de seis questões. Vejamos algumas respostas que foram dadas por três alunos a partir das perguntas feitas. Como já ressaltamos anteriormente, para cada oficina uma escolha de três questionários.

INTERPRETAÇÃO DAS CRÔNICAS “VARIAÇÕES EM TORNO DA PAIXÃO” E “EU VI O AMOR”

- **As crônicas giram em torno da mesma temática, o amor. No entanto, a concepção de amor que aparece nas duas é igual? Comente.**

Aluno R.D.A

“Não, em uma mostra um amor calmo, rotineiro e tranquilo, no outro mostra a paixão que é intensa, carnal e louca”

Aluno E.I.S.V

“Não, a crônica ‘eu vi o amor’, ela demonstra um amor de um casal mais maduro e forte. E, na crônica ‘variações do amor’ é mais explicativa, falando dos tipos de paixão”.

Aluno M.R.C.

“Não, as duas tem a mesma temática, que é o amor, porém uma fala do amor mais simples um amor que parece ser duradouro, enquanto o outro fala do amor mais forte e mais possessivo”.

Podemos perceber nas respostas acima que os alunos conseguiram compreender os textos lidos e isso os ajudou na formulação das respostas, que estavam em acordo com o esperado. Os alunos refletiram e chegaram à conclusão de que, mesmo abordando o mesmo tema, os autores tratam o assunto de maneira diferente. A interação entre os alunos na hora das discussões foram muito proveitosas e isso os ajudou na hora de fazer as relações necessárias entre os textos, ajudando-os a refletirem sobre o tema abordado nas crônicas. Conforme Kleiman (2016), “muitos aspectos que o aluno sequer percebeu ficam salientes nessa conversa, muitos pontos que ficaram obscuros são iluminados na construção conjunta da compreensão” (KLEIMAN, 2016, p. 36).

Nas três respostas analisadas, os alunos conseguem ver que a crônica “Variações em torno da paixão” nos “fala do amor mais intenso mais forte e mais possessivo”, como falou **M.R.C.** Quanto à crônica “Eu vi o amor”, a aluna **R.D. A.** nos diz que: “...em uma mostra um amor calmo, rotineiro e tranquilo”. Os alunos percebem que há uma semelhança de temas entre as crônicas, mas que cada cronista tem o seu estilo próprio de abordá-los, na maneira como escreve, como utiliza a linguagem figurada, se adota um tom ou não de ironia, se usará uma linguagem mais poética, enfim, cada autor tem suas peculiaridades e é importante que a escola consiga promover essas reflexões estilísticas nos discentes.

- **Leia o trecho a seguir da crônica de Affonso Romano de Sant’anna: “A paixão é antissocial e egoísta, no que é diferente do amor maduro, longo e duradouro, que fecunda a vida dos amantes e reforça os laços da comunidade”. Qual parte desse trecho você acha que dialoga com a crônica de Carlos Fialho? Justifique.**

Aluno R.D.A

“‘amor maduro, longo e duradouro que fecunda a vida dos amantes e reforça os laços da comunidade’ Porque no outro texto mostra exatamente isso um casal que todo dia faz a mesma coisa só pelo prazer de estarem juntos.

Aluno E.I.S.V

“‘longo e duradouro que fecunda a vida dos amantes e reforça os laços da comunidade’ Porque esse trecho diz que o verdadeiro amor é aquele mais maduro igual ao de Carlos Fialho.”

Aluno M.R.C.

“A parte do texto que dialoga com o ‘Eu vi o amor’ é essa parte em que fala que o amor é mais ‘maduro, longo e duradouro’ pois parte do texto mostra que o casal já de mais idade, a todo momento estão juntos sempre um junto ao outro.”

Os três alunos conseguiram perceber que as crônicas mantêm um diálogo entre si e conseguiram identificar a principal parte desse diálogo. Eles conseguiram perceber que cada autor tem o seu ponto de vista e que escreve a partir do que ele percebe, mas que o diálogo e a intertextualidade vão estar presentes, porque quando escrevemos haverá sempre a influência de outros textos que já lemos. Conforme Eagleton (2006):

Todos os textos literários são tecidos a partir de outros textos literários, não no sentido convencional de que trazem traços ou “influências”, mas no sentido mais radical de que a palavra, frase ou segmento é um trabalho feito sobre outros escritos que antecederam ou cercaram a obra individual. Não existe nada como “originalidade” literária, nada como a “primeira” obra literária: toda a obra é “intertextual”. Dessa forma, um segmento escrito específico não tem limites claramente definidos: ele se espalha constantemente pelas obras que se aglutinam à sua volta, gerando inúmeras perspectivas diferentes que se reduzem até o ponto de desaparecerem (EAGLETON, 2006, p. 207).

Percebemos que os alunos não ficaram apenas na leitura superficial e que a socialização das ideias é um fator positivo no caminho de formação do leitor crítico. A leitura enriquece o nosso vocabulário, ajuda o nosso entendimento do mundo, nos capacita para a compreensão do que lemos e ouvimos, potencializa os nossos conhecimentos adquiridos. E todas as leituras feitas durante o nosso trabalho de intervenção contribuíram para esse saber dos alunos. Portanto, no nosso entendimento, o nosso trabalho foi positivo.

- **A crônica geralmente é um texto curto, escrito com objetivo de levar o leitor a refletir criticamente sobre a vida e o comportamento humano. Como podemos perceber essas características nas duas crônicas lidas?**

Aluno R.D.A

“Porque elas falam do amor que é uma coisa muito comum, mas apesar de ser comum ao lê-las, começamos a refletir sobre como ele é e como ele se apresenta”

Aluno E.I.S.V

“Porque as duas são fáceis de ler, pois nas crônicas usam como se um texto poético porque fala de amor”

Aluno M.R.C.

“No texto ‘Eu vi o amor’ pode-se perceber o comportamento humano na parte em que o narrador fala que todo dia via pessoas se exercitarem, pessoas fazem isso constantemente, e no texto ‘Variações em torno da paixão’ fala que se uma pessoa acha feio algo dela essa pessoa imediatamente parecia mudar”.

A aluna **R.D.A.** foi quem melhor conseguiu fazer um paralelo a partir das cenas narradas sobre o dia a dia do casal com os fatos do seu cotidiano. Ela percebeu que a crônica é um flagrante de um momento contado pelo cronista, mas que tem como intuito, muitas vezes, a de levar o leitor a refletir. De acordo com a aluna: “Porque elas falam do amor que é uma coisa muito comum, mas apesar de ser comum ao lê-las, começamos a refletir sobre como ele é e como ele se apresenta”.

O aluno **E.I.S.V.**, não consegue compreender a pergunta formulada, e como o tema é o amor, ele logo faz uma associação das crônicas com o texto poético. Isso é compreensível porque é perceptível a linguagem poética inseridas nas mesmas. Na verdade, nessas duas crônicas o uso da linguagem figurada é bem frequente, e como isso é mais presente na poesia o aluno logo associa a crônica ao texto poético, mas não responde o que lhe foi realmente perguntado.

O aluno **M.R.C** mostrou que compreendeu o que lhe foi proposto, porém não conseguiu formular uma resposta adequada. Dos três alunos, esse foi o único que comentou sobre as duas crônicas. Acreditamos que os educandos se identificaram mais com a crônica de Carlos Fialho: “Eu vi o amor”. Acreditamos que seja pela leveza que essa crônica tem, o tom lírico que lhe é presente, a maneira como ele narra o fato cotidiano daquele casal, provavelmente esses detalhes tenham conquistado os alunos. O interesse por essa crônica também ficou claro nas discussões que foram feitas logo após a leitura dos textos.

Observando as respostas dos outros alunos que também participaram da intervenção, constatamos que a maioria não se saiu bem nessa resposta. Então resolvemos discutir essa questão oralmente com a turma, para procurar solucionar essa dificuldade apresentada por eles. Após isso eles conseguiram chegar a compreensão almejada.

- **Como a proximidade com os fatos cotidianos, outra característica marcante da crônica, aparece no texto de Carlos Fialho?**

Aluno R.D.A

“Porque é comum pessoas se exercitarem e o casal conversar e conviver e o narrador que fica prestando atenção no casal.”

Aluno E.I.S.V

“Porque fala de um casal que sempre anda junto mesmo nas dificuldades.”

Aluno M.R.C.

“Aparece em partes e em que o narrador comenta em que todo dia via o casal juntos, mostra o cotidiano no fato de sempre estar perto do outro, de querer estar perto, de querer conversar, de querer estar sabendo como foi o dia anterior.”

É possível percebermos que os três alunos conseguiram captar o cotidiano que está presente nessa crônica, uma vez que todos citam o casal no seu dia a dia. O aluno **M.R.C.** sintetiza bem a fala dos três, quando diz: “Aparece em partes em que o narrador comenta em que todo dia via o casal juntos, mostra o cotidiano no fato de sempre estar perto do outro, de querer estar perto, de querer conversar, de querer estar sabendo como foi o dia anterior”. Essa percepção a maioria dos alunos teve e foi colocada em suas respostas.

A nossa proposta de trabalhar com as crônicas era exatamente a de provocar nos alunos o encanto pelos textos literários e, ao mesmo tempo, refletirem sobre a temática abordada, levando-os a perceber que é possível se construir um texto literário com fatos do dia a dia. E é isso o que se consegue observando a crônica de Carlos Fialho “Eu vi o amor”. Percebemos que os alunos se apropriaram do texto e isso os ajudou a ter uma postura ativa e reflexiva diante do mesmo.

- **Após as reflexões feitas sobre as concepções amorosas nas crônicas, responda com qual você se identifica mais. Por quê?**

Aluno R.D.A

“‘Eu vi o amor’ porque às vezes eu vejo casais como eles, ou seja, que usam o tempo livre pra fazer algo juntos.”

Aluno E.I.S.V

“‘Eu vi o amor’ porque ela fala de um casal mais velho, que as pessoas novas não conhecem um amor de verdade, só depois de ter vivendo muito poderá saber.”

Aluno M.R.C.

“‘Eu vi o amor’, porque é uma coisa mais simples, não reflexiva como a outra crônica, e sim uma coisa normal, mais tranquila.”

As respostas dadas pelos alunos acima corroboram o que já havíamos comentado, que eles se identificaram mais com a crônica “Eu vi o amor”. A aluna **R.D.A.** nos traz uma vivência do seu dia a dia quando diz: “...porque às vezes eu vejo casais como eles, ou seja, que usam o tempo livre para fazer algo juntos”. Percebemos que essa aluna, que ainda é uma leitora em formação, consegue trazer para o texto lido um pouco da sua vivência, demonstrando que ela conseguiu perceber uma das principais características da crônica, que é o observar um fato do cotidiano para depois narrá-lo.

Isso nos faz acreditar que quando o professor utiliza textos que se aproximam mais da realidade do aluno, com temas mais próximos deles, a leitura se torna mais significativa, ajudando-os na compreensão. Isto não quer dizer que eles não possam ser apresentados aos clássicos, mas a crônica poderá ajudá-los a melhorar seu potencial de leitura. Segundo Filipouski e Marchi (2009),

Um leitor de narrativas longas já deve ter vivenciado diferentes oportunidades de leitura extensiva, sugeridas a partir da adequação às suas características sociocognitivas e às possibilidades de aprendizagens próprias de determinada etapa de desenvolvimento(...) Assim, para ler narrativas longas, com estruturas e vocabulário que possam causar estranhamento, terá sido necessário trabalho anterior com textos mais curtos e menos exigentes, nos quais os ritos que dão sustentação à leitura autônoma são aprendidos (FILIPOUSKI e MARCHI, 2009, p. 13).

- **Podemos afirmar que as duas crônicas apresentam uma linguagem próxima do texto poético, fazendo uso, por exemplo, da linguagem figurada. Cite exemplos desse uso, explicando os seus sentidos.**

Aluno R.D.A

“‘Vidas renascem com paixões’. Quer dizer que a pessoa fica feliz por isso é como se renascesse. ‘Um dilúvio que faria Noé botar as barbas de molho’, quer dizer que é uma chuva muito grande.

Aluno E.I.S.V

“‘Outras viram cinzas por causa dela e há pessoas que como aquela ave mítica – a Fênix, vivem renascendo das cinzas da paixão’, nesse trecho fala que por causa do amor pode vira cinzas...”

Aluno M.R.C.

“No texto ‘variações em torno da paixão, no trecho que fala que ‘Paixão é uma faca de dois gumes’, quer falar que o amor pode machucar. No texto ‘Eu vi o amor’ quando ele fala que ‘via o amor’, tá falando em relação ao sentimento do casal que observava toda manhã, ele via a relação do casal, o que um sentia pelo outro.”

Esses três alunos dos quais analisamos as respostas identificaram mais a linguagem figurada na crônica “Variações em torno da paixão”. E isso dá para percebermos também nas outras respostas não analisadas. Mas alguns alunos

também perceberam a linguagem figurada na crônica “Eu vi o amor”. Inclusive o aluno **M.R.C.**, dos três analisados, foi o que citou a crônica “Eu vi o amor”.

As duas crônicas combinam elementos literários, mas realmente a maneira como o cronista Afonso Romano de Sant’anna faz uso desses elementos fica mais notória para o aluno. Acreditamos que por esse autor ser cronista e também poeta, ele tenha uma maior proximidade com a linguagem figurada. Pois ao mesmo tempo em que ele relata os fatos, também faz uso de uma linguagem simbólica e polissêmica. E assim fazendo uso da linguagem figurada ele nos leva a reflexões do cotidiano através de suas crônicas. O tom poético é facilmente identificado nas crônicas desse autor, e isso ratifica aquilo que já foi citado em outro momento nesse nosso trabalho: “...às vezes a prosa da crônica se torna lírica, como se estivesse tomada pela subjetividade de um poeta do instantâneo...” (ARRIGUCI, 1987, P. 55)

Através dessa amostra dos três *corpus* percebemos como é importante todo o processo que envolve o letramento literário. A motivação que “prepara o leitor para receber o texto”, os diálogos que fizemos com os outros gêneros durante a leitura dos textos, assim como as discussões feitas durante a leitura. A interpretação feita pelos alunos reforça que o letramento literário foi alcançado, já que as inferências os levaram à construção do sentido dos textos.

4.3.3 Analisando as impressões dos alunos da segunda oficina

Nessa segunda oficina, assim como na primeira, os alunos participaram das várias atividades sugeridas, tanto na oralidade como na escrita. Como já foi comentado na descrição, o nosso objetivo é perceber como os autores utilizam a linguagem literária na abordagem dos temas, pois “é na riqueza dos detalhes e na concretude viabilizada pelas palavras que está a qualidade estilística da crônica”. (FILIPOUSKI e MARCHI, 2009, p. 73). Pretendemos também através dos textos trabalhados refletirmos como os educandos estão usando as novas tecnologias e como está sendo a convivência entre as pessoas com as redes sociais. Eis abaixo as seis questões para a interpretação.

INTERPRETAÇÃO DAS CRÔNICAS “TROQUE O CELULAR POR UMA GALINHA GORDA” E “CARO LEITOR”

- Um elemento muito presente na crônica é o humor, que é uma marca dos textos de Xico Sá. Como podemos percebê-lo em “Troque o celular por uma galinha gorda”?

Aluno M.G.A.

“Já podemos perceber a partir do título, que já brinca, também podemos perceber pela linguagem bastante irônica que ele usa para fazer graça”.

Aluno E. M. N. L.

“Ele arranhou uma maneira divertida de dizer ‘larga esse celular’. Uma galinha gorda seria bons momentos, se divertirem sem ser esse celular”.

Aluno A.B.S.N.

“A maneira na qual ele trata o assunto, a linguagem que eles usam, a maneira engraçada que eles falam, porém nos fazem refletir e etc”.

Como pudemos perceber, os alunos identificaram a ironia como uma marca de estilo do Xico Sá, a qual ele utiliza com maestria. Eles conseguiram captar que essa crônica trabalhada em sala apresenta um discurso irônico e de humor. Constatamos isso através da resposta da aluna **M.G.A.**: “Já podemos perceber a partir do título, que já brinca, também podemos perceber pela linguagem bastante irônica que ele usa para fazer graça”. O segundo e o terceiro alunos identificaram o humor e a ironia do texto como forma de nos fazer refletir, uma maneira engraçada de nos dizer que devemos largar o celular e aproveitarmos “os bons momentos”. Então, de forma irônica, o autor conseguiu fazer com que os alunos pensassem sobre esse tema.

Nas discussões durante essa oficina os alunos comentaram que eles passavam muito tempo nas redes sociais. A aluna **A.B.S.N.** comentou, num desses momentos de discussão, que as pessoas já não se falam tanto pessoalmente, e que isso “acontece na própria família”. Falaram também que, às vezes, os jovens usam as redes sociais para postarem não só as coisas boas, mas também fatos desagradáveis da própria vida, como forma de demonstrar que não estão muito bem.

- **É possível perceber uma certa inquietude na crônica de Mayara Vieira com relação ao uso das redes sociais? Qual seria?**

Aluno M.G.A.

“Ela está incomodada que o pessoal hoje em dia não são tão próximos como antes. Hoje em dia as pessoas estão mais secas, mais ‘robóticas’, acho. Antes as pessoas se esforçavam mais para ter notícias e falar com alguém, eram mais próximos mesmo sem tanta tecnologia como hoje e ela queria essa aproximação de volta”.

Aluno E. M. N. L.

“Sim. O uso das redes sociais em excesso. Com o uso em excesso, nos faz perder oportunidade, perder coisas que talvez desejamos muito, nos afastar de familiares, amigos e etc.. Talvez a internet não seja uma das melhores coisas para usar desta forma”.

Aluno A.B.S.N.

“A questão das abreviações, a questão de ela estar em um grupo de whatsapp de trabalho e as pessoas ficarem mandando mensagens sem sentido, o fato de as pessoas não usarem as cartas para se comunicar, a questão das ligações”.

O fato de as pessoas “ficarem mandando mensagens sem sentido, o fato de as pessoas não usarem as cartas para se comunicar, a questão das ligações”, como falou **A.B.S.N.** Os dois primeiros perceberam que o incômodo da cronista é que “Ela está incomodada que o pessoal hoje em dia não são tão próximos como antes”, como falou **M.G.A.** A aluna **E. M. N. L.** disse que “Com o uso em excesso, nos faz perder oportunidade, perder coisas que talvez desejamos muito...” Esses alunos perceberam o que estava implícito no texto, qual era a real preocupação da cronista. Inclusive eles conseguiram fazer uma relação do texto com suas vidas. Já a aluna **A.B.S.N.** ficou numa leitura mais superficial do texto, não conseguindo se aprofundar na sua resposta. Houve mais um processo de decodificação do que de compreensão e de interpretação. Conforme Souza e Cosson (2011),

A inferência, é compreendida como a conclusão ou interpretação de uma informação que não está explícita no texto, levando o leitor a entender as inúmeras facetas do que está lendo. Uma inferência é uma suposição ou uma oferta de informação que não está explícita no texto – algo como ler nas entrelinhas. (SOUZA e COSSON, 2011, P. 104)

Mesmo que tenhamos feito uma leitura integral da crônica e termos discutido o tema e as ideias contidas nela, nos deparamos com muitos alunos que deram

respostas bem parecidas com a de **A.B.S.N.** Durante as discussões, a opinião dos alunos eram sempre exploradas, e também os guiávamos na interpretação dos textos, mas não pretendíamos com isso retirar a autonomia dos educandos, nem interferirmos na interpretação. As propostas de estudo em sala de aula devem promover o letramento literário para sanar essas dificuldades que encontramos nos alunos, e cabe a nós professores explorarmos a leitura dos textos de modo adequado, ajudando na solução desses problemas. Segundo Cosson, “A escola precisa ensinar o aluno a fazer essa exploração” (COSSON, 2014, p. 27).

- **Na crônica de Mayara Vieira, ela revela desejo de trazer à tona um outro elemento de comunicação. Qual seria? O que esse desejo revela?**

Aluno M.G.A.

“Ela quer que as pessoas se comuniquem mais com cartas, deseja que as pessoas fiquem mais próximas, que tirem um pouco do seu tempo para sentar e escrever para alguém especial, que se importem mais, que vão atrás, que sejam mais humanos”.

Aluno E. M. N. L.

“Cartas, pombo correio etc... Revela que ela prefere os tempos antigos”.

Aluno A.B.S.N.

“As cartas, que as redes sociais são boas, porém o diálogo para ela é melhor”.

A resposta dada a essa questão demonstrou que os três alunos responderam de acordo com o esperado. Eles conseguiram perceber qual é o elemento de comunicação, como também inferir o que esse desejo revelou. O aluno **M.G.A** entendeu que a escritora desejava que as pessoas se comunicassem mais com cartas, porque “deseja que as pessoas fiquem mais próximas, que tirem um pouco do seu tempo para sentar e escrever para alguém especial, que se importem mais, que vão atrás, que sejam mais humanos”.

Diante do que foi exposto por esse aluno percebemos que a leitura literária ampliou o senso crítico do discente e como as estratégias pedagógicas contribuíram para o desenvolvimento da sua competência leitora. Essa reflexão que ele fez: a de que as pessoas se importem mais umas com as outras, vai além do que a autora escreveu, mas que a partir das inferências que esse aluno fez ele chegou a essa reflexão.

Conforme Cosson, “As práticas de sala de aula precisam contemplar o processo de letramento literário e não apenas a mera leitura das obras. A literatura é uma prática e um discurso, cujo funcionamento deve ser compreendido criticamente pelo aluno” (COSSON, 2014 p. 47).

Os outros dois comentários das alunas **E. M. N. L.** e **A.B.S.N.** também foram bastante significativos. Percebemos que ambas também tiveram o mesmo entendimento da aluna **M.G.A.** Sendo que elas foram mais sucintas nas respostas, mas assim como a primeira aluna, elas conseguiram fazer uma avaliação do comportamento humano, a partir da crônica lida, demonstrando, portanto, a eficiência do letramento literário e confirmando que essas práticas vêm contribuir para a melhoria da qualidade de ensino nas nossas escolas.

- **Nas duas crônicas lidas, as opiniões apresentadas sobre as redes sociais dialogam. Que reflexões podemos fazer a partir delas?**

Aluno M.G.A.

“Nos faz refletir bastante sobre o nosso excesso na tecnologia, nos faz refletir se olhamos ao nosso redor, se a gente se importa tanto com as pessoas”.

Aluno E. M. N. L.

Nos faz pensar sobre a quantidade de pessoas que deixam de fazer algo com pessoas importantes, por causa da internet, a quantidade de pessoas ‘viciadas’ em redes sociais nos faz perceber que não nos importamos com as pessoas ao nosso redor”.

Aluno A.B.S.N.

“Que o nosso dia a dia estar mais ligado com as redes sociais e que precisamos nos disapequar mais desses meios de comunicação”.

As duas crônicas apresentam um diálogo nas suas ideias e isso é facilmente observado pelas alunas. A partir das leituras, as alunas chegaram à conclusão de que devemos dar mais atenção a quem está conosco, que as horas excessivas nas redes sociais nem sempre são saudáveis para as relações interpessoais. Assim citando as palavras do próprio aluno: “Nos faz refletir bastante sobre o nosso excesso na tecnologia, nos faz refletir se olhamos ao nosso redor, se a gente se importa tanto com as pessoas”. Percebemos que esse aluno e os demais se situam nesse contexto, levando para o seu mundo, a sua vida, essas situações identificadas nas crônicas lidas.

Quando pensamos na crônica para esse trabalho de intervenção com essa turma, foi porque acreditávamos que ela possibilitaria as mais variadas reflexões, ajudando a efetivação do caráter humanizador que a literatura apresenta, pois conforme Antônio Cândido, “As produções literárias de todos os tipos e níveis satisfazem necessidades básicas do ser humano, sobretudo através dessa incorporação, que enriquece nossa percepção e nossa visão de mundo” (CANDIDO, 1995, P. 179). Como já dissemos nesse trabalho, é por ter a capacidade de humanizar e mostrar o mundo mais compreensível aos nossos olhos que a literatura precisa estar presente no espaço escolar. De acordo com Antônio Candido, a literatura é um direito universal, por isso deveria fazer parte do cotidiano de qualquer ser humano, já que a partir dela podemos ampliar a nossa experiência sensível.

- **A intenção do cronista é fazer com que o leitor se aproxime o máximo possível ao tema em questão. Como os autores dessas duas crônicas utilizam a linguagem para realizarem essa aproximação?**

Aluno M.G.A.

“Uma linguagem simples, irônica, debochada e engraçada, algo que chame mais nossa atenção e assim aproximarmos mais”.

Aluno E. M. N. L.

“Utilizam uma linguagem curta, próxima, uma linguagem mais atualizada que nos desperta interesse e vontade de ler mais”.

Aluno A.B.S.N.

“Uma linguagem humorística ao tratar o assunto, há ironia, uma linguagem mais explicada e etc”.

Os discentes perceberam que a linguagem dos cronistas trabalhados nessa oficina é uma linguagem leve e às vezes engraçada e que isso contribuiu para que eles se sentissem mais atraídos pela leitura. Como falou **E. M. N. L.** ao se referir aos cronistas: “Utilizam uma linguagem curta, próxima, uma linguagem mais atualizada que desperta interesse e vontade de ler mais”. Ou seja, o tema do cotidiano foi tratado de maneira que cativa o estudante, o qual é um leitor em processo de formação. Esse aluno, durante as perguntas orais que fizemos antes da interpretação escrita, já havia comentado sobre a cronista Mayara Vieira. Falou que gostou da maneira dessa autora escrever. E essa forma de pensar encontramos na maioria dos alunos, percebemos

que eles se sentiram bem próximos desses autores. Isso foi possível porque o tema foi abordado com uma linguagem leve, tornando-se interessante para o aluno.

Acreditamos que pelo fato de termos fugido da proposta tradicional, que é aquela de trabalhar a leitura do texto e depois fazer umas breves perguntas sobre ele, seguido logo depois de uma ficha de leitura, tenha contribuído para o entendimento das crônicas e evidentemente que isso motivou os alunos para a leitura de textos literários. Muitas vezes, o distanciamento do texto literário se dá mais pela escolha do texto e da metodologia adotada do que propriamente em virtude de um desinteresse pela literatura. O nosso trabalho primou pela leitura como prática interpretativa. A partir das leituras feitas, os alunos conseguiram dar sentido aos textos. E através das leituras e discussões, acreditamos que passaram a refletir mais criticamente sobre o tema, que são as novas tecnologias, a qual faz parte do dia a dia deles.

- **Que atitudes saudosistas podemos perceber nas duas crônicas?
Comente.**

Aluno M.G.A.

“Uma saudade nostálgica, mesmo sem ser vivida, sem ser da pessoa. Uma saudade da época passada, de como as pessoas eram antes. As pessoas antes eram mais próximas, se esforçavam mais, interagem mais, se falavam mais, sem ao menos ter tanta tecnologia”.

Aluno E. M. N. L.

“A falta de diálogo entre as pessoas, com a internet em grande uso hoje em dia, as pessoas mal se falam fora da internet, e sim sempre em *whatsapp*, *facebook*, entre outros”.

Aluno A.B.S.N.

“Saudades dos diálogos entre as pessoas, dos tempos que as pessoas se sentavam nas calçadas para jogar conversas fora, saudades dos tempos das cartas, dos pombos etc”.

Observamos a partir das opiniões das alunas acima que elas não fizeram uma leitura supérflua do texto lido, em que só se faz uma decodificação, elas conseguiram fazer uma compreensão e uma interpretação. Percebemos que houve uma interação das alunas com os textos lidos durante essa oficina, assim como também houve uma produção de sentidos, no qual há o envolvimento do leitor, do autor, do texto e do contexto. Para haver um trabalho de literatura nas escolas é preciso que haja um

encontro do leitor com o texto, pois se não for assim dificilmente desenvolveremos nos alunos a competência da leitura literária.

A partir das respostas dessa alunas que foram analisadas, como também a partir das respostas que não foram analisadas, percebemos que eles fizeram suas reflexões e que também se posicionaram diante das questões apresentadas. A leitura proporcionou a esses alunos “A possibilidade de multiplicar ou expandir a experiência do leitor através da vivência dos personagens e a oportunidade de explorar a conduta humana de um modo compreensível” (COLOMER, 2007, P. 61).

4.3.4 Analisando as impressões dos alunos da terceira oficina

Nessa terceira oficina, assim como na primeira e na segunda, os alunos participaram das atividades sugeridas, tanto na oralidade como na escrita. Os nossos objetivos são os mesmos já ditos nas duas primeiras oficinas, ou seja, observar a linguagem literária das crônicas como um modo especial de utilizar a linguagem, desenvolver a capacidade de produção de sentido, desenvolver as habilidades de leitura e levá-los à reflexão sobre os temas trabalhados durante o processo de letramento.

O tema dessa oficina é o preconceito racial. Como sabemos, no Brasil, mesmo afirmando-se que não existe racismo, nós sabemos que ele existe e a discriminação está presente na vida da população negra. Essas situações de discriminação acontecem em várias situações no dia a dia. E na escola não é diferente, mesmo que a escola pública tenha muitos alunos negros, são muitas as situações nas quais se percebem acontecimentos de discriminação. Portanto, a escola é o espaço em que devemos debater essas situações com o intuito de termos uma sociedade menos desigual e menos preconceituosa.

Quero destacar que não estamos colocando a literatura como um recurso pedagógico moralizante, mas sim, possibilitando os mais variados diálogos que o texto literário oferece. Conforme Cosson,

Ler implica troca de sentidos não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultados de compartilhamentos de visões do mundo entre os homens no tempo e no espaço. (COSSON, 2014, P. 27)

O tema dessa oficina é o preconceito racial. Como sabemos, no Brasil, mesmo afirmando-se que não existe racismo, nós sabemos que ele existe e a discriminação está presente na vida da população negra. Essas situações de discriminação acontecem em várias situações no dia a dia. E na escola não é diferente, mesmo que a escola pública tenha muitos alunos negros, são muitas as situações nas quais se percebem acontecimentos de discriminação. Portanto, a escola é o espaço em que devemos debater essas situações com o intuito de termos uma sociedade menos desigual e menos preconceituosa.

INTERPRETAÇÃO DAS CRÔNICAS “RACISMO” E “COLOCANDO-SE NA PELE”

- **Compare as duas crônicas e estabeleça, com relação ao estilo dos autores, semelhanças e diferenças na abordagem do tema.**

Aluna L.K.F.A.

“As crônicas de Luís Fernando Veríssimo e Martha Medeiros falam sobre o mesmo assunto, mas com algumas diferenças. O Luís Veríssimo fala com um tom irônico e Martha Medeiros fala mais na realidade, mais direta no que ela quer dizer”.

Aluno M.S.O.S.

“Uma fala o que o negro escuta no seu dia a dia a outra fala a posição social do negro, que eles não vão muito as escolas particulares”.

Aluna H.R.P.M.

“As semelhanças são as duas crônicas falar de preconceito, mas as diferenças são que a crônica Luís Fernando Veríssimo tenta explicar de uma forma irônica e humor que existe preconceito no Brasil, já na crônica de Marta Medeiros ela tenta falar que a maioria das pessoas tem preconceito, porque não convive com os negros, não teve amigo na escola negro”.

Percebemos nas respostas acima que os alunos souberam diferenciar o estilo dos autores. Mesmo que ambos falem do mesmo tema cada um utiliza o seu modo próprio de escrever. As alunas **L.K.F.A.** e **H.R.P.M.** demonstram bem essa diferença nas suas transcrições: “O Luís Veríssimo fala com um tom irônico e Martha Medeiros fala mais na realidade, mais direta no que ela quer dizer”. Demonstrando, assim, que eles perceberam que um utiliza a ironia e o humor, já o outro aborda o mesmo tema de maneira mais formal, ou seja, a ironia não foi utilizada pela Martha Medeiros. Isso

fez com que a aluna **L.K.F.A** ache que por conta disso ela “fala mais na realidade”, embora os dois estejam abordando a realidade.

Isso talvez tenha acontecido não só pelo discurso dos autores, mas também pela estrutura do texto, pois enquanto a crônica “Racismo” é um texto ficcional com estrutura de texto narrativo, a crônica “Colocando-se na pele” é uma crônica mais próxima da defesa de uma ideia, na qual prevalece a sequência argumentativa. Talvez por isso o aluno ache que a mesma seja mais realista.

Mas isso não quer dizer que essa diferença de estrutura tenha comprometido o entendimento dos textos, pelo contrário: ambas as crônicas foram compreendidas pelos alunos de um modo geral. Tanto esses que tiveram analisadas as suas interpretações, como os outros que também participaram desse processo de intervenção.

- **Qual das crônicas trata o assunto utilizando um tom irônico? E que recursos o(a) autor(a) utilizou para criar um efeito de humor?**

Aluna L.K.F.A.

“A crônica de Luís Veríssimo ‘Racismo’, ele usa um método inteligente dizendo tudo ao contrário para mostrar o que ele realmente quer dizer de uma maneira irônica”.

Aluno M.S.O.S.

“‘Racismo’, pois ele meio que se contradiz usando palavras irônicas”.

Aluna H.R.P.M.

“‘Racismo’ quando ele fala com o negro e chama ele com alguns apelidos, quando fala que não tem racismo, e logo em seguida ele já demonstra racismo”.

As respostas dadas pelos alunos reforçaram o que eles já haviam dito nas respostas da questão anterior. Os três identificaram que a crônica “Racismo” foi a que utilizou o tom irônico. Eles perceberam que a partir das negativas do padrão o autor está denunciando o racismo existente em nossa sociedade. E assim o autor utilizou várias expressões que demonstram preconceito e que estão no vocabulário do brasileiro no dia a dia. A aluna **L.K.F.A.** achou que esse foi “um método inteligente dizendo tudo ao contrário para mostrar o que ele realmente quer dizer de uma maneira

irônica”. Já O aluno **M.S.O.S.** acha que o autor se “contradiz usando palavras irônicas”. Acreditamos que na verdade o aluno **M.S.O.S** não quis dizer que o autor se “contradiz”, mas sim, o personagem, no caso o patrão, é quem se “contradiz”. Já a aluna **H.R.P.M.** também dá uma resposta parecida com a dos outros, dizendo: “quando fala que não tem racismo, e logo em seguida ele já demonstra racismo”.

Podemos chegar, então, à conclusão de que essa questão foi compreendida pelos três alunos, dá para perceber que houve envolvimento com a crônica lida. E esse envolvimento contribuiu para a compreensão. Sabemos que os leitores, muitas vezes, fazem uma leitura superficial do texto, não percebendo o jogo que é feito com as palavras. E é exatamente esse jogo de palavras do cronista que potencializa os sentidos do texto, acrescentando aí a ironia e o humor para falar do cotidiano da sociedade. Essa combinação de fazer comentários sobre fatos corriqueiros associada uso da linguagem leva o leitor a refletir sobre o tema abordado, mostrando-o uma visão mais ampla dos fatos.

- **No texto “Racismo”, o patrão nega a existência do racismo o tempo todo. Ele está sendo verdadeiro? Comente.**

Aluna L.K.F.A.

“Não, pois existe sim racismo no Brasil e ele nega ser racista, mas as atitudes dele com o empregado mostra que ele é sim racista”.

Aluno M.S.O.S.

“Não, pois ele fala que não tem racismo sendo racista”.

Aluna H.R.P.M.

“Não, ele está sendo hipócrita porque todo mundo sabe que no Brasil há racismo, mas isso tem que mudar. O empregado tenta explicar que tem preconceito mas o patrão nega e vai falando coisas que os brancos tem, e os negros tem também”.

Como já observamos nas análises das questões anteriores, os alunos compreenderam a questão e responderam de acordo com o esperado. E de acordo com a aluna **H.R.P.M.:** “Não, ele está sendo hipócrita porque todo mundo sabe que no Brasil há racismo, mas isso tem que mudar. O empregado tenta explicar que tem preconceito mas o patrão nega e vai falando coisas que os brancos tem, e os negros

tem também”. Nessa resposta dessa aluna, o que nos chama a atenção é o fato de ela acrescentar que “os negros tem também”.

Provavelmente essa aluna lembrou de um fato já mencionado na descrição: da fala de uma das alunas durante as discussões em que ela disse que sofre preconceito da avó, mesmo a avó sendo negra. Além disso ela pode ter trazido seu conhecimento de mundo para o contexto do texto, já que esse fato citado pela aluna não é um caso isolado. Chamamos a atenção para o fato da importância da leitura do texto literário, pois a aluna não se limitou apenas a observar o preconceito que o branco tem com o negro, mas que isso pode acontecer entre os próprios negros. Segundo Colomer: “A literatura nos prepara para ler melhor todos os discursos sociais” (COLOMER, 2007, p. 36). A leitura dessa crônica fez com que a aluna fizesse conexão com os acontecimentos já presenciados por ela.

Muitas vezes essa não aceitação da cor negra vem exatamente da violência social que a pessoa sofre pela cor que tem. A ideia que sempre foi passada de que o negro é inferior pode levar a esse tipo de comportamento. E se a pessoa não tiver uma cor tão escura, geralmente, ela logo se auto intitula branca. Nas palavras do mestre em História Rainer Souza:

Em nossa cultura poderíamos enumerar o vasto número de piadas e termos que mostram como a distinção racial é algo corrente em nosso cotidiano. Quando alguém auto define que sua pele é negra, muitos se sentem deslocados. Parece ter sido dito algum tipo de termo extremista. Talvez cheguemos a pensar que alguém só é negro quando tem pele “muito escura”. Com certeza, esse tipo de estranhamento e pensamento não é misteriosamente inexplicável. O desconforto, na verdade, denuncia nossa indefinição mediante a ideia da diversidade racial (SOUZA, Rainer, 2013).

- **Como o preconceito se manifesta no texto “Racismo”?**

Aluna L.K.F.A.

“O patrão fica apelidando o empregado negro e rebaixando a raça dele, dizendo que não podia entrar nos clubes dos brancos, dizendo que a vida deles era limitada e que só sabiam dançar e beber e também não deixou nem sequer o empregado argumentar”

Aluno M.S.O.S.

“Quando o negro tenta falar, o branco sempre corta a fala dele, e sempre fala com ele de forma racista chamando ele de beiçola, macaco, safados etc...”

Aluna H.R.P.M.

“Quando o patrão começa chamar o empregado de macaco, de beiçola e outros, quando o patrão fala: ‘Eu não faço diferença entre negro e branco’, mas logo depois ele fala: ‘Agora, eles lá e eu aqui’, e mesmo com as coisas que o patrão fala ele diz que não tem preconceito”.

Os alunos logo perceberam que nessa crônica o racismo se apresenta de várias maneiras, como bem falou a aluna **L.K.F.A.** “O patrão fica apelidando o empregado negro e rebaixando a raça dele”. Já o aluno **M.S.O.S** acrescentou que também o preconceito acontece “Quando o negro tenta falar, o branco sempre corta a fala dele.”. Enquanto isso, a aluna **H.R.P.M.** fala sobre os apelidos racistas do patrão e cita as contradições dele, que diz que não faz diferença, “mas logo depois ele fala: ‘Agora, eles lá e eu aqui’, e mesmo com as coisas que o patrão fala ele diz que não tem preconceito”. Nessas respostas percebemos que os alunos identificaram na fala do personagem branco as suas atitudes racistas, mesmo que ele negue que haja racismo.

É notório que os diálogos feitos durante as aulas serviram de parâmetros para as respostas acima, já que durante as discussões os educandos comentaram as situações de preconceito a partir do que haviam lido nas crônicas como também as imagens retratadas no vídeo da música interpretada pelo Rappa, da qual já falamos.

Portanto acreditamos que essa participação dos alunos durante as oficinas de forma oral tenha contribuído ainda mais para que as respostas tenham sido satisfatórias, levando-os a reflexões pertinentes ao que foi perguntado. Conforme Kleiman (2016), “...é na interação, isto é, na prática comunicativa em pequenos grupos, com o professor ou com seus pares, que é criado o contexto para que aquela criança que não entendeu o texto e entenda” (KLEIMAN, 2016, p. 12).

- **Na crônica “Colocando-se na pele”, como Marta Medeiros se posiciona diante do comportamento de quem tem preconceito?**

Aluna L.K.F.A.

“Ela diz que não concorda com o racismo, com os preconceitos, pois nenhum ser humano é melhor que o outro só por causa da cor ou qualquer tipo de coisa, ela defende que temos que mudar nossos pensamentos e atitudes, ela pode também ter alguns preconceitos, mas ela não se diz racista e não concorda com o racismo”.

Aluno M.S.O.S.

“Se posiciona mostrando seus argumentos, de que os negros não fazem muito parte do convívio dela e que não tiveram amigos nas escolas particulares”.

Aluna H.R.P.M.

“Ela fala que algumas pessoas tem preconceito porque não teve amigos negros na escola particular, que não tem convívio com os negros, a não ser convívio com um empregado negro.”

Das respostas acima, a de **L.K.F.A.** foi a mais satisfatória. Ela conseguiu sintetizar o texto da autora em poucas palavras. Observamos que essa interpretação da aluna apresenta os motivos de não sermos preconceituosos, defendidos pela cronista. Inclusive essa aluna foi mais além ao comentar sobre o possível preconceito que a autora pode ter: “Ela diz que não concorda com o racismo, com os preconceitos, pois nenhum ser humano é melhor que o outro só por causa da cor ou qualquer tipo de coisa, ela defende que temos que mudar nossos pensamentos e atitudes, **ela pode também ter alguns preconceitos, mas ela não se diz racista e não concorda com o racismo**” (grifo nosso). Percebemos que houve uma resposta crítica-reflexiva dessa aluna, pois sabemos que no Brasil é comum dizermos que somos contra o preconceito racial e que não somos preconceituosos, mas às vezes em nossa fala deixamos transpassar, de modo até inconsciente, o nosso preconceito. Isso nos mostra mais uma vez o quanto o texto literário é importante na promoção da reflexão.

Essa interpretação demonstrou um exemplo de interação entre autor, leitor, texto e contexto, contribuindo para a produção de sentido. A experiência de leitura foi além da decodificação e percebemos que as inferências que foram feitas pelo seu conhecimento de mundo do sujeito leitor foram que proporcionaram essa interpretação. Conforme Cosson (2014), “Por meio da interpretação, o leitor negocia o sentido do texto, em um diálogo que envolve autor, leitor e comunidade. A interpretação depende, assim, do que escreveu o autor, do que leu o leitor e das convenções que regulam a leitura em uma sociedade” (COSSON, 2014, P. 41).

Quanto às outras respostas, a menos satisfatória é a do aluno **M.S.O.S.**, pois ele diz: “Se posiciona mostrando seus argumentos, de que os negros não fazem muito parte do convívio dela e que não tiveram amigos nas escolas particulares”. Logo percebemos que o referido aluno diz que a autora defende “seus argumentos”, mas ele não consegue dizer que argumentos são esses. Nessa resposta a interpretação do aluno ficou incompleta. Portanto, se faz necessária a nossa interferência como mediadores nesse processo de produção de sentidos do aluno para a formação do leitor proficiente.

- **Observe o trecho da crônica de Marta Medeiros: “Convivo com pouquíssimos negros, mas tenho o privilégio de ser amiga da escritora e atriz Elisa Lucinda, uma mulher lúcida, engajada.” Será que apenas essa**

convivência torna a escritora realmente conhecedora dessa situação do preconceito vivenciada pelas pessoas negras? Justifique.

Aluna L.K.F.A.

“Sim, pois mesmo conhecendo poucas pessoas negras ela já está por dentro dos preconceitos que os amigos sofrem no dia a dia”.

Aluno M.S.O.S.

“Não, pois é apenas um convívio de amigos, ela nunca sofreu racismo para entender realmente a situação, ela tem apenas um ponto de vista”.

Aluna H.R.P.M.

“Não, porque ela não tem muita convivência com os negros e só porque ela é amiga da atriz Elisa Lucinda não quer dizer que todos sejam da mesma forma que amiga dela”.

Nas respostas dadas acima, percebemos que tivemos um “Sim” e dois “Não” e depois a justificativa de cada um desses alunos. E essa maioria de “Não” aconteceu também nas dos outros alunos que também participaram da intervenção. As justificativas são as de que por ela ser branca ela não sabe o que na verdade sofre o negro. Como diz o aluno **M.S.O.S.** “Não, pois é apenas um convívio de amigos, **ela nunca sofreu racismo para entender realmente a situação** (grifo nosso), ela tem apenas um ponto de vista”. Esse aluno comenta o que ele realmente sente na pele, pois ele é negro e já passou algumas situações de preconceito, como ele falou durante as discussões, embora tenha preferido não especificar como foi que se deu o racismo. Provavelmente **M.S.O.S.** se sentiu tocado por ter se lembrado de alguma situação desagradável que ele tenha vivido.

Essa resposta do aluno nos mostra que o estudo sistematizado das leituras desenvolvidas por meio das oficinas contribuiu para que esse aluno fizesse uma leitura reflexiva. E isso está em consonância com o que objetiva o letramento literário, a que Cosson (2014) faz referência quando diz:

Ser leitor de literatura na escola é mais do que fruir um livro de ficção ou se deliciar com as palavras exatas da poesia. É também posicionar-se diante da obra literária, identificando e questionando os protocolos de leitura, afirmando ou retificando os valores culturais, elaborando e expandindo sentidos. Esse aprendizado crítico da leitura literária, que não se faz sem o encontro pessoal com o texto enquanto princípio de

toda experiência estética, é o que temos denominado aqui de letramento literário (COSSON, 2014, P. 120).

No trecho acima o autor nos fala dessa capacidade do texto literário fazer os leitores se posicionarem criticamente diante da leitura de um texto literário. E isso nós percebemos na maioria das repostas dos alunos, pois os mesmos conseguiram ir além do que estava escrito e fizeram as inferências necessárias para chegar a interpretação das crônicas lidas.

4.3.5 Analisando as produções das crônicas

Como já foi exposto aqui nesse trabalho, os alunos, após as oficinas e os trabalhos de interpretação, faziam a produção de uma crônica e elas seriam analisadas tanto quanto as questões de interpretação. Seguindo o mesmo critério para as análises das interpretações, também escolhemos três produções. Para cada tema que trabalhamos durante as oficinas, escolhemos uma produção. Lembramos ainda que os alunos que tiveram seus textos analisados não foram os mesmos das questões de interpretação analisadas, pois esse era um dos requisitos para as escolhas das crônicas. Um outro critério para as escolhas das três produções de texto, como já expusemos anteriormente, foi escolher para cada tema trabalhado uma crônica em que nela percebêssemos que os educandos conseguiram recriar o seu cotidiano, construindo textos criativos que levariam seus leitores a fazerem associações com o cotidiano. Acreditamos que nesse universo de produções dos educandos essas três amostras representam a nossa proposta.

Da produção de texto participaram vinte e dois alunos. Dos três temas que trabalhamos, o que mais teve produção de crônica foi o tema o **amor**, seguido do tema as **novas tecnologias**, e o que menos tivemos produções foi sobre o **preconceito racial**. No final, ficou assim: dez produções sobre o **amor**, oito sobre as **novas tecnologias** e quatro sobre **preconceito racial**. Embora os alunos tenham participado ativamente durante as aulas em que abordamos o tema do preconceito racial, esse foi o que menos tivemos produções de texto.

Assim como fizemos nas análises das interpretações, esses alunos também serão identificados pelas iniciais dos seus nomes. Conservamos as escritas conforme

encontram-se nas produções dos alunos, não levando em consideração os desvios ortográficos nem a pontuação.

O nosso objetivo com essas produções dos alunos foi perceber se eles conseguiram produzir textos que possamos identificar como crônicas literárias a partir das leituras das crônicas que eles fizeram, das discussões em sala de aula e das interpretações escritas que eles fizeram.

Sabemos que quando o aluno está inserido num espaço em que a leitura é estimulada para a produção de sentidos, isso contribui para ajudar na sua forma de pensar e faz com que ele adquira conhecimentos que os ajudem na produção da escrita. Sabemos também que o texto literário é uma ferramenta para auxiliar nesse processo de escrita dos educandos e que alguns conhecimentos são ativados durante as atividades de escrita. De acordo com Koch e Elias, quando precisamos escrever, buscamos o nosso conhecimento enciclopédico:

Em nossa atividade de escrita, recorremos constantemente a conhecimentos sobre as coisas do mundo que se encontram armazenados em nossa memória, como se tivéssemos uma enciclopédia em nossa mente, constituída de forma personalizada, com base em conhecimentos de que ouvimos falar ou que lemos, ou adquirimos em vivências e experiências variadas (KOCH e ELIAS, 2009, P. 41)

Constatamos, então, a partir do que foi exposto acima, que existe uma estreita relação entre a leitura e a escrita. Mas não basta apenas dominar a escrita, precisamos mostrar aos educandos que eles precisam saber usá-la, incorporando-a ao seu dia a dia, utilizando-a nas suas práticas sociais. E a leitura literária se propõe a ajudar nessa relação entre leitura e escrita. Conforme Cosson, a literatura ajuda no processo de formação do leitor. Vejamos:

O segredo maior da literatura é justamente o envolvimento único que ela nos proporciona em um mundo feito palavras. O conhecimento de como esse mundo é articulado, como ele age sobre nós, não eliminará seu poder, antes o fortalecerá porque estará apoiado no conhecimento que ilumina e não na escuridão da ignorância. (COSSON, 2014, P. 29)

A produção das crônicas dos nossos alunos durante a intervenção se deu a partir da leitura das crônicas que fizemos em sala de aula e das atividades realizadas durante as oficinas. Ao final das oficinas, eles escolheram um dos temas e produziram seu texto. Esperávamos que, a partir dessas leituras, eles encontrassem mais

motivação para escrever e que as oficinas contribuíssem para aperfeiçoamento da escrita.

O desempenho da maioria dos alunos na construção do texto se mostrou bastante favorável ao que esperávamos deles. Certamente o que facilitou a produção de texto e o bom desempenho deles foi a afinidade dos alunos com os temas, como também os momentos de discussão que já havíamos feito.

As três crônicas produzidas pelos alunos serão analisadas conjuntamente, pois o foco do nosso trabalho é nas questões interpretativas, o qual já foi realizado. O nosso objetivo com a análise das produções de texto é demonstrar que os alunos conseguiram se apropriar da escrita do gênero crônica literária. Abaixo estão as crônicas que serão analisadas:

ALUNO F.G.V.S. – PRODUÇÃO DA CRÔNICA SOBRE O AMOR

O amor

Amor não se pede, não se implora, não se espera... Amor se vive ou não. Ciúmes é um sentimento inútil, não torna ninguém fiel a você. Já estou cansado desses amores doentios, mas será mesmo que isso é amor? Ou paixão? Não sei.

Outro dia vi um casal muito feliz, andando de mãos dadas e eu pensei: Será que é isso para mim? Já vi todo tipo de amor que só me fizeram sofrer amargamente. Por isso cansei. Prefiro viver e morrer só pelo menos não vou ficar sofrendo como muitos casais que eu vejo por aí.

O amor é uma coisa que pode ser boa mas estragamos tudo com algumas atitudes, e então a gente acaba desistindo dele. E ficamos sozinho na solidão. Mas eu prefiro ficar sozinho do que estar em uma relação que me faça mal. Então eu prefiro viver assim sozinho, até quem sabe eu encontrar um amor verdadeiro, que me faça feliz.

ALUNA L.L.C.S. – PRODUÇÃO DA CRÔNICA SOBRE AS NOVAS TECNOLOGIAS

Vivemos a era da tecnologia e as pessoas vivem conectadas o tempo todo. Quem diria há um tempo atrás que isso seria possível? Cada vez mais as pessoas preferem deixar o passeio de domingo para ficar ligadas e conectadas sempre. Por que será que as pessoas não converçam entre si? elas preferem ficar olhando o famoso Whatsapp não percebem que estão deixando de viver a vida, aquela que precisa ser vivida pois é única. Elas se preocupam mais com os celulares do que com a própria vida. Será que isso prejudica até mesmo as crianças? Antes eles se reuniam para brincar e hoje em dia ficam todas ligadas em seus celulares. Bom mesmo seria se as pessoas converçassem mais, se comunicassem mais umas com as outras. E os filhos? Será que eles estão passando tempo demais com celulares do que com a mãe? E aí da mãe se desligar o Wi-fi parece que o mundo vai desmoronar.

Teve um dia que eu estava em uma lanchonete que tem na rua da minha casa. Sentei e esperei meu lanche chegar. Ali sentado eu observei uma criança e um idoso por volta dos seus 60 anos e ao invés da criança aproveitar o tempo que tinha com o avô ela preferia ficar conectada no celular, e hoje eu vejo que a internet está deixando as pessoas totalmente cegas.

ALUNO J.V.S. – PRODUÇÃO DA CRÔNICA SOBRE PRECONCEITO RACIAL

O invisível e visível racismo

“Diga aí uma coisa que realizamos todo dia sem perceber? Se você pensou em respirar, você tá certo, mas, como você leu no título eu já coloquei uma dica para você, vou te dar um tempo para pensar. Ahá! É isso mesmo que você pensou mas...como o realizamos sem perceber? Na verdade não sei por que não percebo... Ahá! Te peguei mais uma vez mas darei uma pequena pausa, para você bem...Você acha que cometi o racismo? Bem sua resposta parece razoável e previsível pois eu também pensava assim antes de escrever para você mas... você acha que realmente não pratica? Eu vou te mostrar que praticamos, como naquele momento onde estamos em uma parada de ônibus a noite “bem alegres”, só que não, pois bate aquele medo que você chega a rezar para que o ônibus chegue logo e que seja o seu mas você pode tá achando que estou falando sobre segurança pública na verdade quase isso. Bem continuando você está lá sentado e Blá, blá, aí uma pessoa negra passa daí você se pergunta nesse momento o que se passa na cabeça do leitor? Vou dar uma de médium “minha nossa é um lagarto” AHá! Te peguei mas na verdade é “minha nossa é um ladrão!” é isso mesmo que passa na sua cabeça e na nossa cabeça. Assim como aquele piolho que te incomoda tanto. eu sei você deve ter coçado a cabeça agora para ver se tinha mesmo um piolho, mas tem sim é um piolho interno que nasce com nós que nem o mais forte remédio medicinal tira ele de você ele não se alimenta de seu sangue e sim da sua mesmisse de más costumes esse piolho se chama racismo”

ANÁLISES DAS CRÔNICAS PRODUZIDAS

As crônicas produzidas pelos educandos apresentam as características que são partes constituintes de uma crônica literária, já que na abordagem dos temas os alunos falaram do comportamento humano com base no cotidiano, apresentando uma visão pessoal deles, com o intuito de levar a uma reflexão do leitor. Cada um dos alunos tem o seu estilo próprio de escrever.

Mesmo os alunos tendo passado pelo processo de reescrita das crônicas, percebemos que os textos ainda apresentam alguns desvios gramaticais, com relação à ortografia, à pontuação, à constituição dos parágrafos, porém esses desvios não comprometeram o entendimento do leitor. O importante foi que eles conseguiram tratar um fato do cotidiano e conseguiram lhe dar um aspecto subjetivo. Pois como já sabemos o cronista a partir de um fato, muitas vezes banal, aproveita para abordar assuntos que possam fazer o leitor refletir. Conforme já foi exposto nesse trabalho, o cronista arruma as palavras, trabalha a linguagem e consegue inserir no texto o seu olhar pessoal e subjetivo. O desafio do cronista é conseguir transformar um fato cotidiano em algo que seja atraente para o leitor.

Essa reflexão a partir do cotidiano que a crônica nos leva nós percebemos já na primeira produção **do aluno F.G.V.S.**: “Ciúmes é um sentimento inútil, não torna ninguém fiel a você” , “ Já estou cansado desses amores doentis, mas será mesmo que isso é amor? Ou paixão?” Também quando ele diz no último parágrafo: “O amor é uma coisa que pode ser boa mas estragamos tudo com algumas atitudes, E então a gente acaba desistindo dele”.

Esse aluno, ao falar do tema **amor**, o faz num tom leve, utilizando uma linguagem simples, mas que o faz pensar sobre esse assunto na sua própria vida e também na das outras pessoas. Segundo Antonio Candido, “é importante insistir no papel da simplicidade, brevidade e graça próprias da crônica. Os professores tendem muitas vezes a inculcar nos alunos uma ideia falsa de seriedade, uma noção duvidosa de que as coisas sérias são graves, pesadas, e que conseqüentemente a leveza é superficial” (CANDIDO, 1992, P. 19).

Na segunda produção, a aluna **L.L.C.S.** escreveu sobre as novas tecnologias. Ela faz comentários pertinentes sobre o que tem acontecido com os jovens atualmente com relação às redes sociais, que as pessoas já preferem ficar em casa a ir conversar pessoalmente com os amigos e familiares: “Cada vez mais as pessoas preferem deixa

o passeio de domingo para ficar ligadas e conectadas sempre. Por que será que as pessoas não converçam entre si?” Esses fatos sobre os quais a aluna escreveu fazem parte do seu dia a dia e com certeza ela também faz parte desse universo de pessoas que também utilizam as redes sociais.

Em uma parte da sua produção, ela conta a cena do senhor com o neto, como que para despertar mais sensibilidade em nós leitores e nos fazer refletir sobre esse tema: “Teve um dia que eu estava em uma lanchonete que tem na rua da minha casa. Sentei e esperei meu lanche chegar. Ali sentado eu observei uma criança e um idoso por volta dos seus 60 anos e ao em vez da criança aproveitar o tempo que tinha com o avô ela preferia ficar conectado no celular...” Através de uma conversa despretensiosa, a aluna trata desse fato cotidiano e que faz parte da vida de muita gente. Daí ela vai afirmando e ao mesmo tempo indagando sobre a situação, como se fosse um diálogo com o seu leitor. Esse diálogo aproxima ainda mais o escritor e o leitor. Assim percebemos nesse texto que os comportamentos humanos, refletidos no cotidiano das pessoas, foram o mote para assunto do mesmo. De acordo com Jorge de Sá (1985), é a partir do coloquialismo, que é uma das características da crônica, que se cria um diálogo entre leitor e autor. Ao utilizar a linguagem mais próxima do leitor o cronista demonstra uma intenção de construir o diálogo com o mesmo. De acordo com Jorge de Sá:

O dialogismo, assim, equilibra o coloquial e o literário, permitindo que o lado espontâneo e sensível permaneça como o elemento provocador de outras visões do tema e subtemas que estão sendo tratados numa determinada crônica, tal como acontece em nossas conversas diárias e em nossas reflexões (SÁ, Jorge, 1987, p11)

Na terceira produção, **o aluno J.V.S.** produziu uma crônica sobre o preconceito racial. Assim como ocorreu nas outras duas outras produções já analisadas aqui, o referido aluno também conseguiu escrever sua crônica a partir do que foi lido e trabalhado em sala de aula. O estilo de escrever desse aluno é um pouco diferente dos outros, pois ele mantém um diálogo constante com quem está lendo o seu texto. Ele produz seu texto como se estivesse conversando com alguém e ao mesmo tempo que pergunta ele vai respondendo, levando o leitor a pensar em suas atitudes de preconceito no dia a dia: “Bem continuando você está lá sentado e Blá, blá, aí uma pessoa negra passa daí você se pergunta nesse momento o que se passa na cabeça do leitor? Vou dar uma de médium “minha nossa é um lagarto” AHá! Te peguei mas

na verdade é ‘minha nossa é um ladrão!’ é isso mesmo que passa na sua cabeça e na nossa cabeça”.

Percebemos nesse trecho que o aluno comenta uma situação que é possível acontecer com qualquer um de nós que muitas vezes nos pegamos com essas atitudes de preconceito quando passamos por situações assim. Devido à cor da pele dessa pessoa, ela pode ser confundida com um ladrão, gerando muitas vezes atos de violência contra essa pessoa. Esse aluno finaliza a sua crônica utilizando o piolho como metáfora para falar que o racismo está na cabeça das pessoas assim como o piolho. Essa crônica apresenta alguns tons de humor, que é uma das características do gênero, para levar o outro a refletir sobre suas atitudes.

É possível percebermos que as leituras e as discussões que fizemos estão presentes nesse texto e nos outros textos produzidos, não só porque o educando se posiciona contra o racismo, mas também pela maneira com que ele constrói o seu texto. Mesmo que esse aluno tenha cometido alguns desvios gramaticais, isso não compromete os sentidos produzidos.

Percebemos um pouco das crônicas lidas nessas produções. Isso nos mostra que o trabalho de socialização das leituras feito durante as oficinas temáticas foi positivo para instigar o pensamento crítico dos alunos e assim auxiliá-los no processo da produção de suas escritas. Confirmando, portanto, que as práticas de letramento literário estimulam o processo de ensino-aprendizagem tanto de leitura como de escrita. Conforme Cosson:

O momento externo é a concretização, a materialização da interpretação como ato de construção de sentido em uma determinada comunidade. É aqui que o letramento literário feito na escola se distingue com clareza da leitura literária que fazemos independente dela (COSSON, 2014, p. 65).

E Cosson diz logo depois que: “As atividades de interpretação, como a entendemos aqui, devem ter como princípio a externalização da leitura, isto é, seu registro. Esse registro vai variar de acordo com o tipo de texto, a idade do aluno e a série escolar, entre outros aspectos” (p.66).

Após as análises feitas das interpretações e das produções de texto, temos a certeza da importância do letramento literário através da leitura de crônicas como forma de auxiliar os nossos discentes no desenvolvimento de uma postura crítica e

reflexiva. Podemos, portanto, “confiar na força do texto literário e na capacidade de leitura de nossos alunos. É na experiência da leitura, e não nas informações dos manuais, que reside o saber e o sabor da literatura” (COSSON, 2014, p.107). Cabe, então, à escola o papel de, por meio do letramento literário, incentivar o gosto pela leitura, tendo o professor como o agente que media esse letramento, fazendo com que haja a interação entre texto e leitor.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta do nosso trabalho nesta dissertação foi promover o gosto e o hábito da leitura literária através da crônica numa turma do nono ano do ensino fundamental e, assim, auxiliarmos o processo de formação leitora dos nossos alunos, ajudando-os a se tornarem leitores proficientes. Para atingirmos o nosso objetivo buscamos um aporte teórico que pudesse respaldar as nossas discussões.

A formação leitora dos nossos alunos é um grande desafio a ser alcançado nas escolas. A leitura literária deve ser trabalhada e estimulada durante toda a fase escolar, mas o que muitas vezes acontece é que o aluno tem um contato maior com a literatura no Ensino Fundamental I, mas no Ensino Fundamental II há um certo distanciamento da leitura literária, geralmente o que se faz é a leitura de textos que já estão no livro didático para poder explorar aspectos linguísticos ou então o aluno lê alguma obra para poder preencher as já conhecidas fichas com algumas perguntas de decodificação, apenas, sobre a obra lida. As estratégias adotadas durante essa fase do ensino não estão conseguindo aproximar os alunos desse tipo de leitura.

O nosso propósito é então estimular os nossos alunos a se tornarem leitores ativos e reflexivos, aptos a lerem com compreensão. Sabemos que formar leitores é muito importante nessa nossa sociedade letrada, pois assim estamos dando possibilidades a esses alunos de se tornarem cidadãos plenos dos seus direitos. A leitura ajuda no desenvolvimento das pessoas tanto no aspecto linguístico e emocional como também no exercício da reflexão. Trabalhar com textos literários na escola ajuda aos alunos a conhecer melhor o mundo a sua volta, ampliando seus conhecimentos, trazendo-lhes novas perspectivas. Conforme Cosson (2014, p.17), “A Literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos”

A escola é muito importante para ajudar a desenvolver a leitura literária. É ela que tem essa incumbência, sendo que esse ensinamento deve vir acompanhado de estratégias utilizadas pelo professor. Para esse fim, adotamos a sequência básica de letramento literário de Cosson (2014) por meio de estudos temáticos através das crônicas e assim poderemos auxiliar os alunos a lerem os textos dando sentido a eles. Sabemos que o leitor competente saberá fazer as inferências necessárias na hora da leitura para chegarem à construção do sentido do texto.

Consequentemente, essa leitura aprendida na escola será utilizada em outras leituras, fazendo uso do que ele aprendeu na escola. Isso está em acordo com o que defende Cosson (2014, p. 24) “nossa leitura fora da escola está fortemente condicionada com o que ela nos ensinou a ler”. Portanto nosso trabalho teve como meta ir além da leitura que serve apenas para deleite, e sim, uma leitura crítica que possa ajudar no processo de formação cidadã dos nossos alunos.

Dentro dessa perspectiva, escolhemos trabalhar o letramento literário através de oficinas temáticas por meio do gênero crônica. Nesse processo, então, estimulamos a participação ativa dos educandos, levando-os a se posicionarem, questionando ou apenas comentando sobre os temas discutidos. Cabe salientar que foi gratificante observar a participação deles nos momentos de discussão, vendo-os se colocarem de modo crítico diante das situações colocadas. Foi importante vermos que isso era o resultado do nosso trabalho. As atividades tanto orais como escritas tinham como objetivo suscitar a reflexão desses alunos e consequentemente melhorando sua vivência com o outro.

É necessário, portanto, que seja feito na escola o uso constante da leitura literária, pois ela nos faz refletir, questionar a realidade que nos rodeia, podendo assim mudar as nossas posturas frente ao outro e a vida. E assim aprender a ser um ser mais humanizado no sentido de saber se colocar no lugar do outro e a partir daí fazer suas reflexões e transformações.

REFERÊNCIAS

ÂNGELO, I. **Sobre a Crônica.** Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/sobre-cronica>. Acesso em 23 de fev. 2018

ARRIGUCCI, D. Fragmentos sobre a crônica. In: **Enigma e comentário.** São Paulo: Companhia das Letras, 1987. P. 51-66.

BARBOSA, S. F. P. (Organizadora). **Ensinar Literatura através de projetos didáticos e de temas caracterizadores.** João Pessoa: Editora da UFPB, 2011. Coleção Todas as Letras, v. 05.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Primeiro e Segundo Ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa: 1ª a 4ª séries,** Secretaria de Ensino Fundamental, Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa: 5ª a 8ª séries.** Secretaria de Ensino Fundamental, Brasília: MEC/SEF, 1999.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Orientações curriculares para o ensino médio: linguagens, códigos e suas tecnologias.** Brasília: Ministério da educação, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Terceira versão. Brasília: MEC. 2017 Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_sitepdf. Acesso em: 20 nov. 2018.

CANDIDO, A. A vida ao rés-do-chão In: CANDIDO, Antonio (org.). **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. São Paulo: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1992, p. 13-22.

_____. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995. P. 169-191.

COLOMER, T. **Andar entre livro: a leitura literária na escola**. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2014.

_____. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2017.

_____. **Literatura: modos de ler na escola**. Disponível em: ><http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/XISemanaDeLetras/pdf/rildococsson.pdf><. Acesso em : 21 de jan. 2018

CENPEC. **A ocasião faz o escritor: caderno do professor: orientação para produção de textos / [equipe de produção Maria Aparecida Laginestra, Maria Imaculada Pereira]**. — São Paulo: Cenpec, 2014. Coleção da Olimpíada

DOLZ, J; NOVERRAZ, M.; SCHNNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de de um procedimento. In SCHNNEUWLY, B.; DOLZ, J. et al. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. E org. De Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004

EAGLETON, T. **Teoria da literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ENGEL, G. I. **Pesquisa-ação**. Curitiba: Educar, n. 16, 200. Editora da UFPR. P. 181 a 191. Disponível em: www.educaremrevista.ufpr.br/arquivos_16/irineu_engel.pdf.

FIALHO, C. **Eu vi o amor.** Disponível em: <https://www.blogdofialho.wordpress.com/2010/01/15/coluna-da-digi-23-eu-vi-o-amor/>
Acesso em 28 fev. 2018

FILIPOUSKI, A. M. R; MARCHI, D. M. **A formação do leitor jovem:** temas e gêneros da literatura. Erechim, RS: Editora Edelbra, 2009.

KLEIMAN, A. B. **Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?** Cefiel/ IEL/Unicamp, 2005

_____. **O conceito de letramento e suas implicações para a alfabetização.** Campinas: Secretaria Municipal de Educação, p.1-10, fev, 2007. Disponível em: http://www.letramento.iel.unicamp.br/publicações/artigos/Letramento_Angela_Kleiman.pdf> Acesso em 30 nov.2018

_____. **Oficina de Leitura:** teoria e prática. Campinas, São Paulo: Pontes, 2016.

KOCH, I. V; ELLIAS, V. M. **Ler e escrever:** estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2009)

LAJOLO, M. **O texto não é pretexto.** In Leitura em Crise na Escola. As Alternativas do Professor. Regina Zilberman (org.), Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982

LIMEIRA, J. C. **Identidade.** Disponível em: <https://books.google.com.br/books>. Acesso em 02 mar. 2018

MEYER, M. Voláteis e versáteis. De variedades e folhetins se fez a chronica. In: CANDIDO, Antonio (org.). **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil.** São Paulo: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1992, p. 93-134.

PINHEIRO, H. **Literatura:** ensino e pesquisa. In: CAMARGO, F. Pereira, VIEIRA, M. M. Cardoso, FONSECA, Vilma N. da Silva (org). **Olhares críticos sobre Literatura e ensino.** São Paulo: Fonte Editorial, 2014

PERRONE-MOISÉS, L. Literatura para todos. **Literatura e Sociedade**, São Paulo, n. 9, p. 16-29, 2006.

REZENDE, N. L. **O ensino de literatura e a leitura literária**. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita (Orgs). **Leitura de Literatura na Escola**. São Paulo: Parábola, 2013 (p. 99-112)

ROUXEL, A. **Aspectos metodológicos do ensino da literatura**. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita (Orgs). **Leitura de Literatura na Escola**. São Paulo: Parábola, 2013 (p. 17-33)

SÁ, J. **A crônica**. São Paulo: Ática, 1987.

SANT'ANNA, A. R. **Variações em torno da paixão**. Disponível em: <https://amju.wordpress.com/category/cronicas/>. Acesso em 02 mar. 2018

SEGABINAZI, D. O ensino da literatura continua em perigo. Disponível em: [security.ufpb.br/.../o-ensino-de-literatura-continua-em-perigo-revista-lingua literatura...](http://security.ufpb.br/.../o-ensino-de-literatura-continua-em-perigo-revista-lingua-literatura...)

SIMON, L. C. **Duas ou três páginas despreziosas: a crônica Rubem Braga e outros cronistas**. Londrina/ Pr, EDUEL, 2016. Disponível em: <https://books.google.com.br/books>. Acesso em 20 jan. 2018

SOARES, M. B. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

_____. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, A. A. M.; BRANDÃO, H. M. B.; MACHADO, M. Z. V. (Orgs.). **Escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil**. 2. ed., 3. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

SOUSA, R. G. **Democracia Racial**; Brasil Escola. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/historia/democracia-racial.htm>>. Acesso em 30 de dezembro de 2018

SOUZA, R. J; COSSON, R. **Letramento literário: uma proposta para a sala de aula.** Caderno de Formação: formação de professores, didática de conteúdos. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, v.2, p.102. Disponível em >http://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40149/1/Caderno_Formacao_bloco2_vol2.pdf> Acesso em: 20 jan. 2018

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação.** São Paulo: Cortez, 2003.

TODOROV, T. **A literatura em perigo.** Trad. Caio meira. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

VERISSIMO, L. F. **Racismo.** Disponível em <http://www.carloscoimbrachaves.blogspot.com.br/>. Acesso em: 27 de fev. 2018

VIEIRA, M. Caro leitor. In: **Absolutamente crônica.** São Paulo: Penalux, 2017

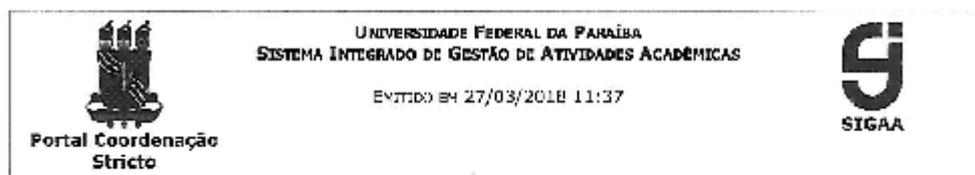
ZILBERMAN, R. A escola e a leitura da literatura. In: ZILBERMAN, Regina; RÔSING, Tânia M. K. (Orgs.). **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas.** São Paulo: Global, 2009

ANEXOS

Anexo A – Documentos oficiais

Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas

https://sigaa.ufpb.br/sigaa/stricto/banca_pes/estcolher_issues.js



DECLARAÇÃO

Declaramos, para os devidos fins, que o aluno **MARIA IRANEIDE DOS SANTOS MARTINHO** foi aprovado(a) na QUALIFICAÇÃO de DISSERTAÇÃO em LETRAS/PROFLETRAS - Rio Tinto - MESTRADO PROFISSIONAL do Curso de MESTRADO, no dia 28 de Março de 2018 às 13:30, no(a) ccae mamanguape, UFPB, cuja banca examinadora fora constituída pelos professores:

Doutor (a) LUCIANE ALVES SANTOS

(Presidente)

Doutor (a) HERMANO DE FRANCA RODRIGUES

(Interno)

Doutor (a) MOAMA LORENA DE LACERDA MARQUES

(Interno)

Doutor (a) FABIANA FERREIRA DA COSTA

(Externo ao Programa)

A sua DISSERTAÇÃO intitulou-se:

VIVENCIANDO O GÊNERO CRÔNICA: A LEITURA DO TEXTO LITERÁRIO POR MEIO DE TEMAS CARACTERIZADORES

Esta declaração não exclui o aluno de efetuar as mudanças sugeridas pela banca nem vale como outorga de grau de MESTRADO, de acordo com o definido na Resolução 072/2004 CONSEPE.

João Pessoa, 27 de Março de 2018.


Laurenia Souto Sales
 Coordenadora de PROFLETRAS/UFPB
 Matrícula SIAPE 3334167

LAURENIA SOUTO SALES
 COORDENADOR(A) PROGRAMA EM LETRAS EM REDE NACIONAL

UFPB - CENTRO DE CIÊNCIAS
DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: VIVENCIANDO O GÊNERO CRÔNICA: A LEITURA DO TEXTO LITERÁRIO POR MEIO DE TEMAS CARACTERIZADORES

Pesquisador: MARIA IRANEIDE DOS SANTOS MARTINHO

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 00838818.0.0000.5188

Instituição Proponente: Universidade Federal da Paraíba

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.728.862

Apresentação do Projeto:

Trata-se de analisar o projeto de pesquisa intitulado "VIVENCIANDO O GÊNERO CRÔNICA: A LEITURA DO TEXTO LITERÁRIO POR MEIO DE TEMAS CARACTERIZADORES" da pesquisadora MARIA IRANEIDE DOS SANTOS MARTINHO do Programa de mestrado profissional em Letras do Centro de Ciências e Educação do campus IV da Universidade Federal da Paraíba.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Estimular o gosto pela leitura literária através do gênero crônica, formando assim leitores proficientes.

Objetivos Secundários:

- Incentivar o hábito da leitura literária;- Analisar crônicas de autores brasileiros, observando suas características;- Despertar no educando a sensibilidade para as construções de sentido a partir da leitura do texto literário.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

A pesquisa oferece riscos mínimos, pois durante a aplicação o aluno pode se sentir constrangido, para que isso não venha a ocorrer, todo o processo será realizado em um ambiente sem a

Endereço: UNIVERSITARIO S/N
Bairro: CASTELO BRANCO CEP: 58.051-900
UF: PB Município: JOAO PESSOA
Telefone: (83)3216-7791 Fax: (83)3216-7791 E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br



MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP

FOLHA DE ROSTO PARA PROPOSTA ENVOLVENDO SERES HUMANOS

1. Título do Projeto: VIVÊNCIA DO GÊNERO CRÔNICA: A LECTURA DO TEXTO LITERÁRIO POR MEIO DE TRAMA COMO FERRAMENTAS			
2. Número de Particípio do Protocolo: 57			
3. Área Temática:			
4. Área do Conhecimento: Grande Área B. Linguística, Letras e Artes			
PESQUISADOR RESPONSÁVEL			
5. Nome: MARIA IRANEIDE DOS SANTOS MARTINHO			
6. CPF: 718.605.304-87		7. Endereço (Rua, n.º): SÉVERINO LEÃO DE ALBUQUERQUE, 199 JARDIM SÃO SEVERINO CASA BAYELUX PARAIBA	
8. Nacionalidade: BRASILEIRO		9. Telefone: 83388338648	10. Outro Telefone: 11. Email: iraneidecm@hotmail.com
Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sob os devidos prazos ou editais. Assumo as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Lembo de que esta folha será anexada ao projeto devidamente assinado por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.			
Data: 08 / 05 / 2018		 Maria Iraneide dos S. Martinho Assinatura	
INSTITUIÇÃO PROPONENTE			
12. Nome: Universidade Federal de Paraíba		13. CNPJ: 24.058.477/0001-10	14. Unidade/Orgão: CCNE
15. Telefone: (83) 3315-7791		16. Outro Telefone: (83) 3282-9100	
Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.			
Responsável: Maria Angélica Soares Pereira Barbolin		CPF: 023.499.614-81	
Cargo/Função: Diretora do CCNE/UFPB			
Data: 10 / maio / 2018		 Profª Maria Angélica S. P. Barbolin Diretora do CCNE/UFPB Assinatura CIARE: 2517224	
PATROCINADOR PRINCIPAL			
Não se aplica			

UFPB - CENTRO DE CIÊNCIAS
DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: VIVENCIANDO O GÊNERO CRÔNICA: A LEITURA DO TEXTO LITERÁRIO POR MEIO DE TEMAS CARACTERIZADORES

Pesquisador: MARIA IRANEIDE DOS SANTOS MARTINHO

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 90838818.9.0000.5188

Instituição Proponente: Universidade Federal da Paraíba

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.728.862

Apresentação do Projeto:

Trata-se de analisar o projeto de pesquisa intitulado "VIVENCIANDO O GÊNERO CRÔNICA: A LEITURA DO TEXTO LITERÁRIO POR MEIO DE TEMAS CARACTERIZADORES" da pesquisadora MARIA IRANEIDE DOS SANTOS MARTINHO do Programa de mestrado profissional em Letras do Centro de Ciências e Educação do campus IV da Universidade Federal da Paraíba.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Estimular o gosto pela leitura literária através do gênero crônica, formando assim leitores proficientes.

Objetivos Secundários:

- Incentivar o hábito da leitura literária;- Analisar crônicas de autores brasileiros, observando suas características;- Despertar no educando a sensibilidade para as construções de sentido a partir da leitura do texto literário.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

A pesquisa oferece riscos mínimos, pois durante a aplicação o aluno pode se sentir constrangido, para que isso não venha a ocorrer, todo o processo será realizado em um ambiente sem a

Endereço: UNIVERSITARIO S/N
Bairro: CASTELO BRANCO **CEP:** 58.051-900
UF: PB **Município:** JOAO PESSOA
Telefone: (83)3216-7791 **Fax:** (83)3216-7791 **E-mail:** com/tedeetica@ccs.ufpb.br

CNPJ-01.943.649/0001-09



CARTA DE ANUÊNCIA

Declaro para os devidos fins, que aceito a pesquisadora Maria Iraneide dos Santos Martinho (iraneidesm@hotmail.com), mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal da Paraíba (PROFLETRAS/UFPB), a desenvolver o seu projeto de pesquisa “Vivenciando o gênero crônica: a leitura do texto literário por meio de temas caracterizadores”, sob a orientação da professora Dra. Luciane Alves Santos (luciane45@gmail.com), e sob a coorientação da professora Dra. Moama Lorena Lacerda Marques (moamalorena@hotmail.com), ambas também da UFPB.

Declaro que fui informado, de forma clara, objetiva e detalhada, do projeto de pesquisa a ser desenvolvido nesta instituição de ensino, “Escola Municipal Major Adolfo Pereira Maia”, cujo objetivo geral é estimular o gosto pela leitura literária através do gênero crônica, formando assim leitores proficientes. E assim levar os alunos a ampliar a sua compreensão leitora, tornando-se, conseqüentemente, em leitores competentes e críticos.

Estou ciente de que receberei resposta a qualquer dúvida sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados com esta pesquisa. Também terei plena liberdade para retirar meu consentimento, a qualquer momento, podendo deixar de participar do estudo. Tenho consciência, ainda, que a participação nesta pesquisa não terá complicações legais e que nenhum dos procedimentos usados oferece riscos e desconforto aos participantes.

Concordo em participar deste estudo, bem como autorizo, para fins exclusivamente de pesquisa, a utilização dos dados coletados. O registro das observações ficará à disposição da Universidade para outros estudos, sempre respeitando o caráter confidencial das informações registradas e o sigilo de identificação dos participantes. Os dados serão arquivados pela pesquisadora e destruídos após um prazo de 05 (cinco) anos.

Instituição de Ensino: **ESCOLA MUNICIPAL MAJOR ADOLFO PEREIRA MAIA**

Cabedelo/PB, 30 de Abril de 2018

Assinatura e carimbo do responsável pela Instituição

Gestor Escolar
Matr. 01.334-0

TERMO DE ASSENTIMENTO

(Elaborado de acordo com a Resolução 466/2012-CNS/CONEP)

Convido-lhe a participar da pesquisa intitulada, “**Vivenciando o gênero crônica: a leitura do texto literário por meio de temas caracterizadores**”. Esta pesquisa tem como objetivo estimular o gosto pela leitura literária, a partir da leitura de crônicas e contribuir para uma reflexão crítica.

O motivo que nos leva a estudar esse assunto é contribuir para uma prática pedagógica que torne os alunos do nono ano do Ensino Fundamental II leitores proficientes de textos literários, contribuindo para que esses alunos ampliem sua capacidade de leitura e compreensão de textos a eles propostos, fazendo com que não se tornem apenas leitores mecânicos e sim leitores proficientes.

Para a realização desta pesquisa, adotaremos a metodologia da pesquisa-ação de caráter intervencionista. As atividades propostas serão realizadas através de oficinas temáticas seguindo os passos da sequência básica de Rildo Cosson (2014). Faremos a leitura das crônicas previamente escolhidas, as quais dialogarão com outros textos que abordem a mesma temática das crônicas.

Para participar desta pesquisa, o responsável por você deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido (a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido (a). O pesquisador irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação. Os riscos envolvidos na pesquisa consistem em riscos mínimos. Talvez em algum momento durante a aplicação das oficinas o aluno se sinta um pouco constrangido.

A pesquisa contribuirá para o aprimoramento das habilidades de leitura, permitindo uma melhor compreensão dos textos lidos, tornando-o um leitor crítico e reflexivo, e assim, poder exercer melhor a sua cidadania.

No decorrer da pesquisa você terá os seguintes direitos: a) garantia de esclarecimento e resposta a qualquer pergunta; b) liberdade de abandonar a pesquisa a qualquer momento, mesmo que seu pai ou responsável tenha consentido sua participação, sem prejuízo para si ou para seu tratamento (se for o caso); c) garantia de que caso haja algum dano a sua pessoa, os prejuízos serão assumidos pelos pesquisadores ou pela instituição responsável inclusive acompanhamento médico e hospitalar (se for o caso). Caso haja gastos adicionais, os mesmos serão absorvidos pelo pesquisador.

O seu nome, assim como todos os dados que lhe identifiquem, serão mantidos sob sigilo absoluto, antes, durante e após o término do estudo.

Para esclarecer de dúvidas, você deverá falar com seu responsável, para que ele procure a pesquisadora, Professora Maria Iraneide dos Santos Martinho, a fim de resolver o seu problema. O endereço profissional da mesma é: Escola Municipal Major Adolfo Pereira Maia, Rua Solon Lopes de Mendonça, S/N, Bairro Monte Castelo, CEP 58101-068, Cabedelo/PB. Telefone para contato: 98833-8648.

Eu, _____, fui informado (a) dos objetivos da presente pesquisa, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, me retirar do estudo sem qualquer prejuízo, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar dessa pesquisa. Recebi uma cópia deste termo de assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Cabedelo/PB, ____ de _____ de 2018.

Assentimento Livre e Esclarecido

Eu _____ após ter recebido todos os esclarecimentos e assinado o TCLE, confirmo que o (a) menor _____ recebeu todos os esclarecimentos necessários e concorda em participar desta pesquisa. Dessa forma, assino este termo, juntamente com o pesquisador, em duas vias de igual teor, ficando uma via sob meu poder e outra em poder do pesquisador.

Cabedelo/PB, _____ de _____ de 2018.

Assinatura do responsável

Assinatura do pesquisador

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Orientação para Alunos)

Prezado (a) Senhor (a)

A presente pesquisa é sobre a leitura de textos literários e está sendo desenvolvida pela pesquisadora **Maria Iraneide dos Santos Martinho**, aluna do Curso de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade Federal da Paraíba, com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Major Adolfo Pereira Maia, sob a orientação da professora Dra. Luciane Alves Santos e da coorientação professora Dra. Moama Lorena Lacerda Marques.

Este estudo objetiva estimular o gosto pela leitura literária, a partir da leitura de crônicas. A finalidade deste trabalho é contribuir para uma prática pedagógica que torne os alunos do nono ano do Ensino Fundamental leitores proficientes de textos.

Solicitamos a sua colaboração para participar das atividades que serão propostas, as quais acontecerão através de um roteiro de leitura, e desenvolvendo oficinas temáticas, levando-os a um processo crítico e reflexivo. Solicitamos ainda sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de Letras e Educação, e publicar em revista científica (*se for o caso*). Enfatizamos que, por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo. Informamos que essa pesquisa não oferece riscos, previsíveis, para a sua saúde. Oferece o risco mínimo, pois durante a aplicação das oficinas os alunos poderão sentir algum desconforto devido a opiniões divergentes, mas acreditamos que esse desconforto possa contribuir de alguma forma para o seu amadurecimento crítico e reflexivo.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição (*se for o caso*).

A pesquisadora estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Assinatura do Participante da Pesquisa ou Responsável Legal

Assinatura da Testemunha

Contato da Pesquisadora Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para a pesquisadora Maria Iraneide dos Santos Martinho.

Endereço (Setor de Trabalho): Escola Municipal Major Adolfo Pereira Maia, Rua Solon Lopes de Mendonça, S/N, Bairro Monte Castelo, CEP 58101-068, Cabedelo/PB

Telefone: (83) 3250-3248

Ou

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba, Campus I - Cidade Universitária - 1º Andar – CEP 58051-900 – João Pessoa/PB

☎ (83) 3216-7791 – E-mail: eticaccsufpb@hotmail.com

Atenciosamente,

Assinatura do Pesquisador Responsável

Obs.: O sujeito da pesquisa ou seu representante e o pesquisador responsável deverão rubricar todas as folhas do TCLE apondo suas assinaturas na última página do referido Termo.

ANEXO B: Sobre a crônica

Ivan Ângelo

Uma leitora se refere aos textos aqui publicados como “reportagens”. Um leitor os chama de “artigos”. Um estudante fala deles como “contos”. Há os que dizem: “seus comentários”. Outros os chamam de “críticas”. Para alguns, é “sua coluna”.

Estão errados? Tecnicamente, sim – são crônicas –, mas... Fernando Sabino, vacilando diante do campo aberto, escreveu que “crônica é tudo o que o autor chama de crônica”.

A dificuldade é que a crônica não é um formato, como o soneto, e muitos duvidam que seja um gênero literário, como o conto, a poesia lírica ou as meditações à maneira de Pascal¹. Leitores, indiferentes ao nome da rosa, dão à crônica prestígio, permanência e força. Mas vem cá: é literatura ou é jornalismo? Se o objetivo do autor é fazer literatura e ele sabe fazer...

Há crônicas que são dissertações, como em Machado de Assis; outras são poemas em prosa, como em Paulo Mendes Campos; outras são pequenos contos, como em Nelson Rodrigues; ou casos, como os de Fernando Sabino; outras são evocações, como em Drummond e Rubem

Braga; ou memórias e reflexões, como em tantos. A crônica tem a mobilidade de aparências e de discursos que a poesia tem – e facilidades que a melhor poesia não se permite.

Está em toda a imprensa brasileira, de 150 anos para cá. O professor Antônio Candido observa: “Até se poderia dizer que sob vários aspectos é um gênero brasileiro, pela naturalidade com que se aclimatou aqui e pela originalidade com que aqui se desenvolveu”.

Alexandre Eulálio, um sábio, explicou essa origem estrangeira: “É nosso *familiar essay*², possui tradição de primeira ordem, cultivada desde o amanhecer do periodismo nacional pelos maiores poetas e prosistas da época”. Veio, pois, de um tipo de texto comum na imprensa inglesa do século XIX, afável, pessoal, sem-cerimônia e, no entanto, pertinente.

Por que deu certo no Brasil? Mistérios do leitor. Talvez por ser a obra curta e o clima, quente.

A crônica é frágil e íntima, uma relação pessoal. Como se fosse escrita para um leitor, como se só com ele o narrador pudesse se expor tanto. Conversam sobre o momento, cúmplices: nós vimos isto, não é, leitor? vivemos isto, não é?, sentimos isto, não é? O narrador da crônica procura sensibilidades irmãs.

Se é tão antiga e íntima, por que muitos leitores não aprenderam a chamá-la pelo nome? É que ela tem muitas máscaras. Recorro a Eça de Queirós, mestre do estilo antigo. Ela “não tem a voz grossa da política, nem a voz indolente do poeta, nem a voz doutoral do crítico; tem uma pequena voz serena, leve e clara, com que conta aos seus amigos tudo o que andou ouvindo, perguntando, esmiuçando”.

A crônica mudou, tudo muda. Como a própria sociedade que ela observa com olhos atentos. Não é preciso comparar grandezas, botar Rubem Braga diante de Machado de Assis. É mais exato apreciá-la desdobrando-se no tempo, como fez Antônio Candido em “A vida ao rés do chão”: “Creio que a fórmula moderna, na qual entram um fato miúdo e um toque humorístico, com o seu *quantum satis* de poesia, representa o amadurecimento e o encontro mais puro da crônica consigo mesma”. Ainda ele: “Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas”.

Elementos que não funcionam na crônica: grandiloquência, sectarismo, enrolação, arrogância, prolixidade. Elementos que funcionam: humor, intimidade, lirismo, surpresa, estilo, elegância, solidariedade.

Cronista mesmo não “se acha”. As crônicas de Rubem Braga foram vistas pelo sagaz professor Davi Arrigucci como “forma complexa e única de uma relação do Eu com o mundo”. Muito bem. Mas Rubem Braga não se achava o tal. Respondeu assim a um jornalista que lhe havia perguntado o que é crônica:

— Se não é aguda, é crônica.

ANEXO C- Variação em torno da paixão

Affonso Romano de Sant'anna

Paixão é a alucinação amorosa. E os apaixonados são de duas espécies: os generosos, que se dão inteiramente, se jogando establanadamente nas mãos do outro, e os possessivos, que querem que o outro se incorpore a eles convertidos em sombra viva. Mas talvez haja um terceiro tipo: o dos que não se apaixonam, mas despertam paixões. Na impossibilidade ou no medo de se apaixonar, posto que paixão é abismo, alimentam-se da paixão alheia, ou melhor, incentivam a paixão em torno para preencher algo em si.

Paixão, por isto é arma de dois ou três gumes. E corta. E sangra. Se não sangrou, se não teve insônia, se não desesperou, se não ficou com a alma dependurada num fio de telefone, se não ficou exposto na úmida espera, paixão não era.

Talvez fosse desejo, que o desejo é diferente. No desejo a gente quer o outro para possuí-lo apenas passageiramente. É como se fosse um apetite despertado por um fruto ou alguma comida saborosa que saliva nossos sentidos. É como se fosse possuir um objeto na vitrina. É um desejo de posse natural, estético, erótico, mas sendo mais desejo que qualquer outra coisa, isto vai passar.

E passa.

Na paixão, não.

Na paixão, a gente quer se fundir com o outro. Para sempre. De corpo e alma. Perde totalmente o centro de gravidade. Transfere a moradia de seu ser para a casa do ser alheio. É como se vestisse a pele do outro. E se o outro disser assim: “Vai ali buscar aquela estrela ou mesmo a Lua” (como naquele lindo conto de Murilo Rubião chamado Bárbara), se o outro disser isto, a gente vai airosamente buscar o que ele quer.

E se o outro disser: “Não estou gostando de seu nariz”, a gente opera, corta, joga fora, não só o nariz, mas qualquer outra coisa, porque, nesse caso, qualquer palavra ou sugestão é ordem.

A paixão é boa?

A paixão é ruim?

Ninguém sabe. Ela acontece. Como certas tempestades, ela acontece. Assim como depois dos vendavais os elementos da natureza já não são os mesmos,

ninguém será o que era depois do desvario da paixão. Vidas renascem com paixões. Outras viram cinzas por causa dela. E há pessoas que são como aquela ave mítica — a Fênix, vivem renascendo das cinzas da paixão.

Marx, portanto, errou completamente. Não é a luta de classes que move a história, é a paixão. Paixão é a revolução a dois. Ela desafia o sistema. Diante dela a comunidade fica abalada. A paixão é anti-social e egoísta, no que é diferente do amor maduro, longo e duradouro, que fecunda a vida dos amantes e reforça os laços da comunidade. Com Romeu e Julieta, por exemplo, fez-se a revolução a dois. Foi assim com Tristão e Isolda, com Genevieve e Lancelot. Não é de hoje.

ANEXO D: Eu vi o amor

Carlos Fialho

Eu vi o amor. Aliás, tenho visto o amor todas as manhãs. Não reconheci de início, é verdade. Já faz meses que cruzo com ele, mas só um dia desses me dei conta. É que o amor é assim mesmo: dissimulado. Anda por aí sempre fingindo não ser, disfarçando-se, misturando-se à multidão. Aí, quando você se dá conta, ele está lá, bem diante de seus olhos.

Encontrei o amor por acaso e no lugar mais inusitado possível. Estava pedalando na Rota do Sol. Sim, sim, tenho essa mania estranha de acordar de madrugada e sair por aí avançando uma perna após a outra em movimentos circulares, até considerar já ter vertido suficiente sudorese a ponto de me considerar um atleta amador médio de desempenho minimamente aceitável. Pedalando e suando e seguindo a canção vou me deparando com outros ciclistas e corredores da alvorada. E foi em meio a estes tipos madrugadores e umedecidos por glândulas sudoríparas em plena atividade que encontrei o amor. Por essa eu não esperava. Mas o amor é assim mesmo: surpreendente. Se você espera, ele não vem.

O amor que vi se apresentou na forma de um casal por volta dos 40. Ele, sempre correndo. Ela, sempre ao seu lado, pedalando numa bicicleta com cestinha. Todos os dias, eles cumprem a mesma rotina esportiva. Ele corre num bom ritmo e a regularidade com que o faz deve render uma dose extra de saúde e disposição para encarar o dia-a-dia. Talvez o faça por recomendação médica, ou por amor ao esporte, dependência de endorfina, ou por qualquer outra razão. Mas, apesar de seu trote ininterrupto, mostra-se sempre preocupado com sua consorte, para que ela esteja sempre protegida de veículos e desviando de outros ciclistas. Ela pedala devagar, muito lentamente mesmo. Para poder acompanhar uma pessoa a pé, o ciclista precisa moderar o ritmo a um nível quase inercial. Em suma, ela não se exercita de fato. Seu passeio diário tem o mesmo efeito sobre seu corpo que teria ficar dormindo por mais uma hora. Fica claro que o que a faz levantar mais cedo todas as manhãs é ele.

Porém, não foi essa demonstração diária de afeto mútuo que me fez ver o amor naquele casal. Um dia, quando eu pedalava, estava nublado e já nos últimos quilômetros o céu resolveu que não tinha nada melhor para fazer naquele momento que não fosse cair em nossas cabeças e assim o fez. Em meio ao caos, encharcado por um dilúvio que faria Noé botar as barbas de molho e tremer na arca, apressei o

ritmo para chegar logo em casa, quando vi, do outro lado da pista, o casal, caminhando lentamente de mãos dadas. Ele conduzia a bicicleta com uma das mãos, enquanto segurava a dela com a outra. Ela, já no chão, o acompanhava sorridente rumo ao ponto final de seu trajeto. O amor é assim: adora andar de mãos dadas na chuva.

Naquele momento compreendi o que minha percepção capenga havia negligenciado por todos os meses passados. Ao ver os dois caminhando calmamente no aguaceiro que caía, de mãos dadas, sem se abalar, transmitindo uma sensação boa de calor no coração, contrastando com a frieza da chuva.

Amanhã cedo eles vão estar lá de novo. Ele, desprendendo-se de alguns ml de suor em troca de um suprimento extra de saúde e vigor físico, dispensando a ela toda a atenção. Ela, sempre ali, apoiando com sua companhia, numa pedalada inócua. Porque o amor é assim: rotineiro, sem nunca ser chato. Faça chuva ou faça sol.

ANEXO E: Troque o celular por uma galinha gorda

O glorioso inventor da ansiedade, Alexander Graham Bell (1847-1922), deve se arrependar até hoje da sua patente telefônica. (Como Santos Dumont, dândi brasileiro em Paris, que maldisse do seu próprio brinquedo ao vê-lo nos céus da guerra).

Nestes tempos em que celular virou brinco, eternamente colado às "oiças" de madames, de moçoilas, de executivos e de modernos em geral, uma reflexão recente de dona Maria do Socorro, brava sertaneja, mãe deste que vos berra, vem como pílula mais do que apropriada: "Conheci teu pai, namorei, casei, engravidei de todos vocês, criei minha família, cuidei de tudo direitinho, graças a Deus não morreu nenhum... E nunca precisei dar ou receber um telefonema, nem unzinho mesmo!".

Mulher do sertão, que só pegou em um telefone depois dos 50 anos, anda revoltada com parentes e amigas que vivem grudados ao celular. "Tá todo mundo de pescoço torto, cabeça decaída para um lado, parecendo frei Damião, por causa dessa moda nova. Ora, voltem a pôr as cadeiras nas calçadas, na frente das casas, e vão conversar sem o diacho desses aparelhos."

A máxima aceleração de ansiedade à qual dona Socorro submeteu os seus batimentos cardíacos foram os berros do carteiro.

A lamúria da falta do telefonema do dia seguinte, protesto do novo código do bom-tom das moças, também é situação nunca dantes vivida. Sem a invenção do velho Graham Bell, o dia seguinte nascia sob aurora mais sossegada.

Antigamente, tudo dependia mesmo da dramaturgia do encontro. A onipresença amorosa e/ou comercial instaurada com o celular não era coisa deste mundo. Uma carta, no máximo, poderia ser uma estratégia, garrafa atirada ao mar de tantas Penélopes.

Um recado pelo rádio também valia, mas para casos de sumiços de verdade - cheguei a ser sub do sub-redator de programa do gênero, comandado pelo locutor Gevan Siqueira, na rádio Vale do Cariri, em Juazeiro, com recados amorosos e novelinhas à moda de "Tia Júlia e o Escrevinhador", de Vargas Llosa.

Deixemos de ser plantonistas do mundo. No amor, assim como nos negócios, não somos tão importantes a ponto de alimentar essa onipresença digital. Casanova amou centenas de mulheres sem precisar de um telefonema sequer.

No mundo dos negócios, muita gente também fez fortuna sem telefone, acreditando apenas no olho do dono como engorda caixa da bodega.

Quer jogar conversa fora, faça como a velha recomendação de um Jeca Tatu: "Mate uma galinha gorda no domingo e me convide para comer".

Disponível em: <http://academiadeletras-falub.blogspot.com.br/2012/04/troque-o-celular-por-uma-galinha-gorda.html>.

ANEXO F: Caro leitor

Mayara Vieira

Sofro de misantropia telefônica.

Odeio receber ou fazer ligações. Fazê-las odeio menos, já que não as faço nunca; só em caso de extrema necessidade, tipo: "Estou morrendo. Helpe-me já!" ou "Fulano está morrendo. Helpe-lhe agora!".

Fujo de um celular tocando como vampiro foge da luz do dia. Se bem que os vampiros evoluíram; vide Crepúsculo. Aposto que aquele vampiro que irradia luz na tela subiria sem problemas no galho mais alto de uma árvore para procurar sinal no celular e poder convidar aquela aspirante a vampira para dar um rolé na praia.

Já eu não evolui nadinha, no sentido telefônico da palavra. Lembro do quanto fiquei feliz quando descobri o SMS; do quanto fiquei mais feliz ainda quando surgiram os celulares que comportam as redes sociais. Ô, beleza! Meu celular nunca mais tocou. Nunca mais fiquei andando de um lado para outro dentro de casa fazendo revezamento de orelhas, salvo as ligações do telemarketing; mas já as reconheço e não atendo, graças à invenção do identificador de chamadas.

Mas também sou bem telemisantropa nesse sentido. Meu status no whatsapp é: "Piadas, vídeos e correntes não me interessam; recados importantes e mentiras sinceras, sim".

Isso porque não aguentava mais acordar de madrugada com o celular tocando por conta de 138 mensagens no grupo do pessoal do trabalho, por exemplo. Não dava pra fugir. E se fosse importante? Eu tinha que abrir pra saber. Mas, que nada! Apenas mensagens de bom dia, imagens de G-zus e vídeos de bebês brincando com gatinhos, trocadas entre pessoas que se detestam e mal se falam no ambiente de trabalho; isso quando não sabotam umas às outras.

Mas as mensagens estavam lá. Com que frequência? Todo o tempo. Nem Bruce Willis daria jeito nesse fantasma chamado "você foi incluído num grupo de mensagens no zap".

Hoje estava relendo Rilke, seu Cartas a um jovem poeta. Gosto muito desse livro. De vez em quando dou uma relida num trecho ou outro; e hoje, em especial, esse me chamou atenção:

(...) Caríssimo senhor Kappus, deixei uma carta sua por muito tempo sem resposta, mas isso não significa que a esqueci. Pelo contrário, ela é do tipo de carta que alguém relê quando encontra no meio da sua correspondência, e eu o reconheci nela como se pessoalmente.

«... e eu o reconheci nela como se pessoalmente».

Achei fantástico.

Tive o meu momento de nostálgica sem causa.

Não sou da época que pessoas dependiam de cartas e pombos para se comunicar. Mas isso não me impede de sentir saudade daquele tempo, não é? Todo mundo já sentiu saudade de algo que não viveu. Tenho certeza.

Comigo acontece. Com que frequência? Todo o tempo. Nem Bruce Willis daria conta desse fantasma nostálgico do que não viveu puxando meu pé, chorando no meu ombro e fumando todos os meus cigarros na varanda enquanto escuta Carlos Gardel com o olhar perdido no horizonte.

Fico com saudade da expectativa carimbada nos dias de espera por uma carta. Do cuidado ao abrir seu envelope sem deixar a ansiedade rasgar a caligrafia da paciência de quem a escreveu com esmero. Sinto saudade de ter uma caixinha em cima do guarda-roupa e de ter que, de vez em quando, subir num banquinho para alcançá-la e reler suas páginas amareladas pelo tempo, tendo cuidado de não deixar uma gotinha saudosa borrar a tinta do que foi dito no papel; de ter pena e tinteiro e ver minha letra preenchendo o espaço em branco deixado pelo tempo entre uma carta e outra; de ver a caligrafia da carta que recebi mudar conforme a emoção de quem a escreveu; de dizer que sinto saudade sem ter que usar um emoticon com cara de desespero e receber como resposta um com cara de choro seguido de um "Eu tb".

Sou chata mesmo. Não curto essas abreviações características de quem parece estar sendo engolido pelas horas ou pela preguiça. Tenho um carinho especial pelas palavras; gosto delas; de verdade. Prefiro ler um pergaminho virtual a ter que decifrar abreviações num telegrama internético. Além de ser feio pra cacete visualmente. Sim, sou virginiana com ascendente em gêmeos. Escrevo pelos cotovelos e gosto de ler cotovelos que escrevem com o mesmo prazer que eu. Vou usar o trecho da carta que Rilke enviou a Kappus para exemplificar:

Kríçimo Sr Kpus, dxei 1 krta sua p mto tpo 100 rpsta, + iço ñ sgnfca q esqci. PI cntrário, elé do tp d krta q algrê qd encntra no meio d sua corrspdncia, e eu o rcnheci nla cm se peçoalment.

Confessem: é horrível, não é? Sem contar na dor que irradia dos olhos para o centro do juízo quando a gente tenta decifrar o que é quase indecifrável. Sei do lance da quantidade de caracteres e blábláblá. Mas convenhamos: a palavra "sem" tem a mesma quantidade de caracteres que "100"; e a palavra "não" é menor que "naum"! Já vi várias vezes adeptos dessa nova "linguagem" economizando palavras e encerrando mensagens com um "kkkkkkkkkkk..." ad infinitum e sempre me pergunto o porquê disso.

Me julguem.

E pensando nisso tudo enquanto escrevo o que penso disso tudo tive uma ideia; e espero ser correspondida por alguém que seja perseguido pelo fantasma cartonostálgico também.

Vocês, caríssimos, que me leem agora, poderiam me dar um feedback da leitura deste livro por intermédio de um papel com sua caligrafada opinião, selada com a mesma expectativa que terei de recebê-la do carteiro e de ir aos Correios enviar minha caligrafada resposta cheia de alegria por ter recebido sua carta.

Se você está pensando em topar a proposta, mas está com receio por achar que enviar uma mensagem virtual seria bem mais prático que enviar uma carta, pense no seguinte: hoje em dia não é mais preciso treinar um pombo nem ficar por dias na janela esperando por ele sem saber quando vai chegar. Basta aproveitar uma ida ao centro e enviá-la. Mas se, assim como eu, você sabe que o pombo muitas vezes é mais eficiente que o serviço do Correios, basta que acompanhe pela internet todos os passos que sua carta vai dar para chegar até minhas mãos.

Não que eu queira ser aquela escritora que recebe milhões de cartas por dia e se envaidece por isso. Não mesmo. Se eu receber uma única carta que seja de alguém que se identificou comigo, ou de um leitor que detestou tudo que eu disse desde a primeira página, ficarei feliz do mesmo jeito. Ficarei mesmo. Acredito que seria uma forma de resgatar a beleza que existe no tempo em que a gente escolhe o papel e cada palavra que ocupará o vazio entre um afazer e outro.

Porque quando tiramos um momento do dia para fazer um café, curtir o silêncio e escrever para alguém, a gente dá um tempo de presente pra gente mesmo.

Nesse tempo, enquanto todos fazem corrida de obstáculos com os ponteiros do relógio, esse presente que a gente se dá tem futuro.

E não tem preço.

ANEXO G: Identidade

José Carlos Limeira

Houve um tempo em que
constava de sua carteira
o dado cor
na minha: pardaescuracabeloscarapinhados.

Diante do espelho, me pergunto que faço
com estes lábios grossos,
este nariz achatado?
Que faço com esta memória
de tantos grilhões,
destas crenças me lambendo as entranhas?

Será que não é demais não ter o direito
de ser negro?
Causa espanto? Pardaescura é o aspecto que vocês deram
à nossa história.
Morra de susto!
Sou, vou sempre ser: NEGRO!
ENE, É, GÊ, ERRE, Ô. Aqui, Ô!

ANEXO H: Todo camburão tem um pouco de Navio Negro

Composição: Marcelo Yuka .

Tudo começou quando a gente conversava
 Naquela esquina ali
 De frente àquela praça
 Veio os homens
 E nos pararam
 Documento por favor
 Então a gente apresentou
 Mas eles não paravam
 Qual é negão? qual é negão?
 O que que tá pegando?
 Qual é negão? qual é negão?

É mole de ver
 Que em qualquer dura
 O tempo passa mais lento pro negão
 Quem segurava com força a chibata
 Agora usa farda
 Engatilha a macaca
 Escolhe sempre o primeiro
 Negro pra passar na revista
 Pra passar na revista

Todo camburão tem um pouco de navio negro
 Todo camburão tem um pouco de navio negro

É mole de ver
 Que para o negro
 Mesmo a aids possui hierarquia
 Na África a doença corre solta
 E a imprensa mundial
 Dispensa poucas linhas
 Comparado, comparado
 Ao que faz com qualquer
 Figurinha do cinema
 Comparado, comparado
 Ao que faz com qualquer
 Figurinha do cinema
 Ou das colunas sociais

Todo camburão tem um pouco de navio negro
 Todo camburão tem um pouco de navio negro

ANEXO I: Racismo

Luis Fernando Verissimo

- Escuta aqui, ó crioulo...

- O que foi?

- Você andou dizendo por aí que no Brasil existe racismo.

- E não existe?

- Isso é negrice sua. E eu que sempre te considereei um negro de alma branca...

É, não adianta. Negro quando não faz na entrada...

- Mas aqui existe racismo.

- Existe nada. Vocês têm toda a liberdade, têm tudo o que gostam. Têm carnaval, têm futebol, têm melancia... E emprego é o que não falta. Lá em casa, por exemplo, estão precisando de empregada. Pra ser lixeiro, pra abrir buraco, ninguém se habilita. Agora, pra uma cachacinha e um baile estão sempre prontos. Raça de safados! E ainda se queixam!

- Eu insisto, aqui tem racismo.

- Então prova, Beijola. Prova. Eu alguma vez te virei a cara? Naquela vez que te encontrei conversando com a minha irmã, não te pedi com toda a educação que não aparecesse mais na nossa rua? Hein, tição? Quem apanhou de toda a família foi a minha irmã. Vais dizer que nós temos preconceito contra branco?

- Não, mas...

- Eu expliquei lá em casa que você não fez por mal, que não tinha confundido a menina com alguma empregadoza de cabelo ruim, não, que foi só um engano porque negro é burro mesmo. Fui teu amigão. Isso é racismo? - Eu sei, mas... - Onde é que está o racismo, então? Fala, Macaco. - É que outro dia eu quis entrar de sócio num clube e não me deixaram.

- Bom, mas pera um pouquinho. Aí também já é demais. Vocês não têm clubes de vocês? Vão querer entrar nos nossos também? Pera um pouquinho.

- Mas isso é racismo.

- Racismo coisa nenhuma! Racismo é quando a gente faz diferença entre as pessoas por causa da cor da pele, como nos Estados Unidos. É uma coisa completamente diferente. Nós estamos falando do crioulo começar a freqüentar clube de branco, assim sem mais nem menos. Nadar na mesma piscina e tudo.

- Sim, mas... - Não senhor. Eu, por acaso, quero entrar nos clubes de vocês?
Deus me livre.

- Pois é, mas...

- Não, tem paciência. Eu não faço diferença entre negro e branco, pra mim é tudo igual. Agora, eles lá e eu aqui. Quer dizer, há um limite. - Pois então. O ...

- Você precisa aprender qual é o seu lugar, só isso. Mas...

- E digo mais. É por isso que não existe racismo no Brasil. Porque aqui o negro conhece o lugar dele.

- É, mas...

- E enquanto o negro conhecer o lugar dele, nunca vai haver racismo no Brasil. Está entendendo? Nunca. Aqui existe o diálogo.

- Sim, mas...

- E agora chega, você está ficando impertinente. Bate um samba aí que é isso que tu faz bem.

ANEXO J: Colocando-se na pele

Martha Medeiros

“Não sou racista”, dizem todos, mas alguém assumiria? Não temos amigos negros porque não tivemos colegas negros na escola particular em que estudamos, e é só por isto que eles não fazem parte do nosso convívio, a não ser como empregados. Não somos racistas, o distanciamento deve-se apenas à desigualdade social. Será mesmo?

Ainda consideramos que ser branco é normal e que ser negro é outra coisa. Ainda pensamos na África como um lugar exótico que produz bons vinhos, que é ótimo destino para fazer safáris cinco estrelas e cujo artesanato é perfeito para decorar nossas paredes e estantes. Não estudamos nossa ancestralidade e não conhecemos todas as versões da nossa própria história, apenas a escrita pelos brancos, que ignoram a cultura africana difundida de forma oral. Nossos olhos se voltam para a Europa como se lá estivesse toda a nossa origem.

Temos falado muito em empoderamento da mulher, um processo que tem conquistado vitórias importantes, mas, para sermos uma sociedade moderna, igualitária e justa precisamos estar atentos também à questão dos negros (questão, aliás, que não é só deles, e sim de todos). Nossa cabeça tem que mudar. É fundamental trocar experiências e acabar de vez com estereótipos e preconceitos. Nunca foi tão necessário um humanismo expandido, agregador, pacífico – único antídoto contra a crise generalizada em que vivemos.

Convivo com pouquíssimos negros, mas tenho o privilégio de ser amiga da escritora e atriz Elisa Lucinda, uma mulher lúcida, engajada. Através dela, aprendo sobre valores, tradições, orgulho racial. Outro artista a quem devemos escutar é o ator Lázaro Ramos, que acaba de lançar um livro chamado *Na Minha Pele*, em que faz um relato sensível sobre a realidade do negro no Brasil, chamando nossa atenção para atitudes vexaminosas que nem percebemos. Um exemplo banal: incontáveis vezes ele foi cumprimentado pela sua atuação em *Cidade de Deus*, mesmo não tendo participado do filme. Simplesmente é automática a associação entre negro e violência. Lázaro também salienta manchetes de jornal que lemos todos os dias, sem perceber a sutil troca de uma palavra: “Traficante preso com 30 quilos de cocaína” e “Estudante

preso com 30 quilos de cocaína”. Adivinhe a razão de um ser qualificado como traficante e o outro não.

Estas percepções equivocadas demonstram o tamanho do nosso atraso e impedem o país de crescer – não é só a política que nos afunda, mas toda uma mentalidade ainda escravagista que nos prende a um modelo antigo de nação. Como começar a evoluir? O caminho é longo, mas fica a sugestão de leitura do livro de Lázaro Ramos para começar a perder o medo de enxergar o que há por baixo da pele de todos nós.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Roteiro sobre os hábitos de leitura e sobre os conhecimentos da crônica

- Você gosta de ler? Justifique.
- O que significa leitura para você?
- As pessoas com quem você convive têm o hábito de ler? Que tipo de leitura?
- Qual é o tipo de leitura de que você gosta?
- O hábito de leitura é importante para adquirir novos conhecimentos? Por quê?
- Você já leu textos ou livros de literatura?
- Você conhece o gênero crônica e/ou já leu alguma crônica?
- Você conhece algum cronista brasileiro?
- Você sabe em qual suporte (físico ou virtual) as crônicas são veiculadas?
- Em relação à leitura de crônicas, qual é o tema(s) de sua preferência?

APÊNDICE B

Interpretação das crônicas “Variações em torno da paixão” e “Eu vi o amor”

- 1) As crônicas giram em torno da mesma temática, o amor. No entanto, a concepção de amor que aparece nas duas é igual? Comente.
- 2) Leia o trecho a seguir da crônica de Affonso Romano de Sant’anna: “A paixão é anti-social e egoísta, no que é diferente do amor maduro, longo e duradouro, que fecunda a vida dos amantes e reforça os laços da comunidade”. Qual parte desse trecho você acha que dialoga com a crônica de Carlos Fialho? Justifique.
- 3) A crônica geralmente é um texto curto, escrito com objetivo de levar o leitor a refletir criticamente sobre a vida e o comportamento humano. Como podemos perceber essas características nas duas crônicas lidas?
- 4) Como a proximidade com os fatos cotidianos, outra característica marcante da crônica, aparece no texto de Carlos Fialho?
- 5) Após as reflexões feitas sobre as concepções amorosas nas crônicas, responda com qual você se identifica mais. Por quê?
- 6) Podemos afirmar que as duas crônicas apresentam uma linguagem próxima do texto poético, fazendo uso, por exemplo, da linguagem figurada. Cite exemplos desse uso, explicando os seus sentidos.

APÊNDICE C

ESCOLA MUNICIPAL MAJOR ADOLFO PEREIRA MAIA

ALUNO(A) _____

Pela internet

Criar meu web site
Fazer minha home-page
Com quantos gigabytes
Se faz uma jangada
Um barco que veleje

Que veleje nesse infomar
Que aproveite a vazante da infomaré
Que leve um oriki do meu velho orixá
Ao porto de um disquete de um micro em Taipé

Um barco que veleje nesse infomar
Que aproveite a vazante da infomaré
Que leve meu e-mail até Calcutá
Depois de um hot-link
Num site de Helsinque
Para abastecer

Eu quero entrar na rede
Promover um debate
Juntar via Internet
Um grupo de tietes de Connecticut

De Connecticut acessar
O chefe da milícia de Milão
Um hacker mafioso acaba de soltar
Um vírus pra atacar programas no Japão

Eu quero entrar na rede pra contactar
Os lares do Nepal, os bares do Gabão
Que o chefe da polícia carioca avisa pelo celular
Que lá na praça Onze tem um videopôquer para se jogar.

(Gilberto Gil)

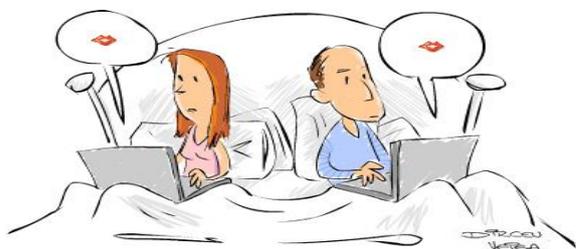
Atividades sobre o tema tecnologia

01 – De que trata esta canção?

02 – O autor nos mostra que a tecnologia pode ser boa ou ruim? Responda com base nas palavras do texto.

03- Qual é o principal objetivo do eu lírico?

04- A tecnologia é algo que muda da noite para o dia! A toda hora são criados novos aparelhos que fazem cada vez mais coisas e facilitam cada vez mais a vida das pessoas. Mas toda essa tecnologia é sempre benéfica? Não há nada de prejudicial nisso tudo? O que você acha? Observe as charges abaixo e responda essa questão.



Disponível em: <https://essaseoutras.com.br> > Humor. Acesso em 22 de fev. 2018

APÊNDICE D

Interpretação das crônicas “Troque o celular por uma galinha gorda” e “Caro leitor”

- 1- Um elemento muito presente na crônica é o humor, que é uma marca dos textos de Xico Sá. Como podemos percebê-lo em “Troque o celular por uma galinha gorda”?
- 2- É possível perceber uma certa inquietude na crônica de Mayara Vieira com relação ao uso das redes sociais? Qual seria?
- 3- Na crônica de Mayara Vieira, ela revela desejo de trazer à tona um outro elemento de comunicação. Qual seria? O que esse desejo revela?
- 4- Nas duas crônicas lidas, as opiniões apresentadas sobre as redes sociais dialogam. Que reflexões podemos fazer a partir delas?
- 5- A intenção do cronista é fazer com que o leitor se aproxime o máximo possível ao tema em questão. Como os autores dessas duas crônicas utilizam a linguagem para realizarem essa aproximação?
- 6- Que atitudes saudosistas podemos perceber nas duas crônicas? Comente

APÊNDICE E

Interpretação das crônicas “Racismo” e “Colocando-se na pele”

- 1- Compare as duas crônicas e estabeleça, com relação ao estilo dos autores, semelhanças e diferenças na abordagem do tema.
- 2- Qual das crônicas trata o assunto utilizando um tom irônico? E que recursos o(a) autor(a) utilizou para criar um efeito de humor?
- 3- No texto “Racismo”, o patrão nega a existência do racismo o tempo todo. Ele está sendo verdadeiro? Comente.
- 4- Como o preconceito se manifesta no texto “Racismo”?
- 5- Na crônica “Colocando-se na pele”, como Marta Medeiros se posiciona diante do comportamento de quem tem preconceito?
- 6- Observe o trecho da crônica de Marta Medeiros: “Convivo com pouquíssimos negros, mas tenho o privilégio de ser amiga da escritora e atriz Elisa Lucinda, uma mulher lúcida, engajada.” Será que apenas essa convivência torna a escritora realmente conhecedora dessa situação do preconceito vivenciada pelas pessoas negras? Justifique.

